

O Humanismo como expressão do Sagrado

Parte Primeira

Estudo sobre a Consciência Inspirada no Humanismo do Renascimento



Javier Tolcachier
Parques de Estudo e Reflexão Paravachasca
Setembro 2012

Aprende a reconhecer os signos do sagrado em ti e fora de ti.

O caminho
A Mensagem de Silo
Silo

És o sentido do mundo e quando aclaras teu sentido, iluminas a terra.

A Paisagem Interna
Humanizar a Terra
Silo

Índice

Hipótese, objeto de estudo, interesse e ponto de vista	4
As perguntas	5
Sobre a consciência inspirada e o Sagrado	6
Sobre Humanismo	8
Marco temporário e espacial do Humanismo renascentista	9
Marsilio Ficino	12
Giovanni Pico della Mirandola	28
Giordano Bruno	48
Conclusões	74
Bibliografia	76
Resumo e síntese	78

Hipótese, objeto de estudo, interesse e ponto de vista

A hipótese deste trabalho é que o Humanismo é expressão do Sagrado.

Em virtude da amplitude histórica e cultural na diversidade de manifestações do Humanismo, estima-se conveniente organizar o trabalho em várias partes.

Nesta primeira parte, pesquisaremos o Humanismo do Renascimento no Ocidente, através de alguns de seus protagonistas nos quais intuimos casos de consciência inspirada.

Centrar-mos-emos em Marsilio Ficino, Giovanni Pico della Mirandola e Giordano Bruno.

Trata-se de observar se efetivamente produzem-se tais estados de consciência inspirada, se o Sagrado está presente e de que maneira se manifesta. Tenta-se, através da investigação bibliográfica, rastrear descrições ou alusões a respeito de possíveis vias de ascetes que levam a ligar com o Profundo. Finalmente, pretende-se compreender como dito contato se traduz em um olhar e em um estilo de vida humanistas e que função cumpre no processo evolutivo do Ser Humano.

O interesse é mostrar como o Humanismo surge vinculado a uma profunda espiritualidade, emergindo explicitamente ou permanecendo como pano de fundo, segundo a circunstância histórica.

O ponto de vista é espiritual, compreendido como aquele campo de busca de Sentido existencial que visa transcender o meramente fenomenológico. Desta maneira, toda pontualização ou relação que se estabelece com fatores históricos ou ideológicos não aspira a analisar tais perspectivas em profundidade, mas está a serviço de nos introduzir melhor na atmosfera da época dos fenômenos que se estudam.

Em relação com a Ascese, a ressonância está dada com a tradução Humanista que resulta em um Estilo de Vida. No caso dos Humanistas, nos quais pretendemos nos compenetrar nesta primeira parte, registra-se também certa sintonia de Propósito, relacionado com a busca da Liberdade e Imortalidade, através do contato com a sabedoria da Mente e o reconhecimento do Sentido universal da espécie humana.

As equivalências de registro que se comentarão (e a partir das quais se inferirão estados internos determinados e suas derivações) não têm como objetivo o rastreamento de antecedentes de uma disciplina em particular. Os paralelismos que estabeleceremos em base a uma incipiente experiência pessoal estarão em função da tentativa de intuir “por onde andavam” estes buscadores em decorrência de sua experiência de elevação interior.

As Perguntas

Tenta-se dar resposta a três perguntas:

- 1) É o Humanismo do Renascimento expressão do contato com o Sagrado?
- 2) Como se produz este contato nos casos estudados?
- 3) Como deriva desse contato uma tradução Humanista e com que função cumpre no processo evolutivo?

Sobre a consciência inspirada e o Sagrado

Os parâmetros que nos servem de guia no rastreamento da estrutura de consciência inspirada nos casos a estudar, são aqueles que Silo descreve em seus Apontamentos de Psicologia. Ali, Silo explica:

*“A consciência inspirada é uma estrutura global, capaz de conseguir intuições imediatas da realidade. Por outra parte, é apta para organizar conjuntos de experiências e para priorizar expressões que costumam ser transmitidas através da Filosofia, a Ciência, a Arte e a Mística.”*¹

No particular caso da Mística, Silo ilustra-nos alguns parágrafos mais adiante;

“Devemos assinalar que quando falamos de “mística” em geral, estamos considerando fenômenos psíquicos de experiência do “sagrado” em suas diversas profundidades e expressões”.

E qualifica ademais ditas experiências como

*“Êxtases”, ou seja, situações mentais em que o sujeito fica absorto, deslumbrado dentro de si e suspenso; “Arrebato”, pela agitação emotiva e motriz incontável, na que o sujeito se sente transportado, levado fora de si a outras paisagens mentais, a outros tempos e espaços; por último, “Reconhecimento” em que o sujeito crê compreender tudo em um instante”.*²

Quanto à descrição de como se chega a esses estados de consciência, encontramos referências claras já ao final da terceira parte da mesma obra.

*“A consciência pode chegar ao “profundo” por um especial trabalho de internalização. Nesta internalização irrompe aquilo que sempre está escondido, coberto pelo “ruído” da consciência. É no “profundo” onde se encontram as experiências dos espaços e dos tempos sagrados. Em outras palavras, no “profundo” encontra-se a raiz de toda mística e de todo sentimento religioso.”*³

No capítulo “O acesso aos níveis profundos”, Silo detalha como se pode avançar a partir da suspensão do eu, evitando deslocamentos ou substituições.

“A entrada aos estados profundos ocorre desde a suspensão do eu. Já desde essa suspensão se produzem registros significativos de “consciência lúcida” e entendimento das próprias limitações mentais, o que constitui um grande avanço”.

Silo destaca a importância do Propósito que o praticante fixara anteriormente, e sua adequada carga afetiva. Este Propósito *“opera de forma copresente enquanto a atenção está ocupada com a suspensão do eu e com os passos posteriores”.*

E mais adiante

¹ Apontamentos de Psicologia, Silo, Ed Ulrica, Rosário, 2006, pág. 323

² Na mesma obra, pág. 326

³ Apontamentos de Psicologia III, Silo, Obras Completas, volume 2, Edit Plaza y Valdés, México DF, 2002, pág. 307

“Continuar no aprofundamento da suspensão até conseguir o registro de “vazio” significa que nada deve aparecer como representação, nem como registro de sensações internas. Não pode, nem deve haver registro dessa situação mental.”

Por último, com respeito às implicações de dita experiência e suas traduções no mundo, Silo dirá:

“Nada pode ser dito desse “vazio”. O resgate dos significados inspiradores e dos sentidos profundos, que estão mais além dos mecanismos e configurações de consciência, é feito desde meu eu quando este retoma seu trabalho vigílico normal. Estamos falando de “traduções” de impulsos profundos, que chegam a meu intracampo durante o sono profundo, ou de impulsos que chegam a minha consciência em um tipo de percepção diferente das conhecidas, no momento de “regresso” à vigília normal. Não podemos falar desse mundo porque não temos registro durante a eliminação do eu, somente contamos com as “reminiscências” desse mundo, como nos comentara Platão em seus mitos.”⁴

⁴ Apontamentos de Psicologia , Silo, Edit Ulrica, Rosário, 2006, pág. 334-336

O Humanismo

Bem sabemos que o termo “Humanismo” admite diferentes acepções e matizes. Do mesmo modo, o Humanismo não é propriedade de cultura ou tempo histórico algum, se expressando ao longo do processo humano muitas vezes de maneira implícita, sem que seus atores denominem a si mesmos ou a suas propostas como “humanistas”.

Por outro lado, o Humanismo não pode ser reduzido a uma corrente filosófica, ele é essencialmente uma atitude e uma sensibilidade.

A confusão se agiganta se considerarmos as numerosas tentativas de apropriação e tergiversação da denominação “humanista”.⁵

Encontramos-nos então ante uma expressão ampla, cuja restrição implica a perda na profundidade de seu entendimento e riqueza de possibilidades, ao mesmo tempo em que uma excessiva amplitude, resulta em uma indefinição que não brinda parâmetro algum.

É preciso então dar algumas definições para enquadrar o tema e guiar nossa busca de significados.

Do Dicionário do Novo Humanismo:

“Humanismo:

1.Prática e/ou teoria do Novo Humanismo. 2. Toda posição que sustenta os valores definidos pela atitude humanista. 3. Toda atividade prática de compromisso com os valores definidos pela atitude humanista. 4. Qualquer doutrina que proclama a solidariedade e liberdade de eleição do ser humano pode ser chamada “humanismo”.

“Atitude humanista:

A atitude humanista já estava presente dantes da alcunha de palavras como “humanismo”, “humanista” e outras quantas do gênero. No que diz respeito à atitude mencionada, é posição comum dos humanistas das diferentes culturas: 1. a localização do ser humano como valor e preocupação centrais; 2. a afirmação da igualdade de todos os seres humanos; 3. o reconhecimento da diversidade pessoal e cultural; 4. a tendência ao desenvolvimento do conhecimento acima do aceito ou imposto como verdade absoluta; 5. a afirmação da liberdade de ideias e crenças e 6. o repúdio à violência.

A atitude humanista, fora de toda proposta teórica, pode ser compreendida como uma “sensibilidade”, como uma colocação frente ao mundo humano no qual se reconhece em outros a intenção e a liberdade, e no qual que se assumem compromissos de luta não violenta contra a discriminação e a violência.⁶

⁵ “Tão enorme é a má fé e a bandidagem na apropriação das palavras que os representantes do anti-humanismo têm tentado se cobrirem com o nome de “humanistas.”” Em Cartas aos meus amigos, Silo, Obras Completas, volume I, Ed Plaza y Valdés, México DF, 2002, pág. 695.

⁶ Dicionário do Novo Humanismo, Silo, Obras Completas, volume II, Editora Plaza y Valdés, México DF, 2002, pág. 460, 348.

Enquadre temporário e espacial do Humanismo renascentista

Em sua obra *Interpretações do Humanismo*, S. Puledda nos introduz no período estudado da seguinte maneira:

“O humanismo renascentista desenvolve-se em um arco de tempo que se estende aproximadamente desde a segunda metade do século XIV até finais do século XVI”.

Trata-se de um fenômeno que tem seu epicentro na Itália, mais precisamente em Florença, mas que, de maneira concomitante ou sucessiva, se estenderá por toda Europa.

Mais adiante, Puledda assinala:

“A cultura do humanismo recusa totalmente a visão medieval e, em seu esforço para construir uma humanidade e um mundo completamente renovados, toma como modelo a civilização clássica greco-romana. Assim, o retorno ao princípio, o “renascimento”, é um retorno aos antigos, um resgate da experiência de uma civilização à qual lhe são atribuídas essas potencialidades originárias da humanidade que a idade média cristã tinha destruído ou esquecido.”⁷

Silo resume assim as características principais deste humanismo histórico:

- “1. A reação contra o modo de vida e os valores da idade média. Assim começou um forte reconhecimento de outras culturas, particularmente da greco-romana, na arte, na ciência e na filosofia.*
- 2. A proposta de uma nova imagem do ser humano, do que se exaltam sua personalidade e sua ação transformadora.*
- 3. Uma nova atitude com respeito à natureza, a qual é aceita como ambiente do homem e já não como um submundo cheio de tentações e castigos.*
- 4. O interesse pela experimentação e investigação do mundo circundante, como uma tendência a buscar explicações naturais, sem necessidade de referências ao sobrenatural.”⁸*

A fim de fixar o momento de processo estudado, sempre em referência à cultura de Ocidente, podemos enquadrá-lo num ciclo amplo que começaria no século IV⁹ com o deslocamento do centro imperial romano a Bizâncio. O desenvolvimento deste ciclo, de certa forma homólogo ao que Ortega y Gasset denomina “idade tradicionalista”, se produz ao longo do que escolarmente é conhecido como “idade média” até aproximadamente meados do século XIV. O momento de surgimento do Humanismo histórico localiza-se então na decadência desse ciclo até sua superação por um novo

⁷ *Interpretações do humanismo*, S. Puledda, Ed. Virtual, Santiago de Chile, 1995, pág. 15, 17

⁸ Visão atual do humanismo, em *Fala Silo*, Obras Completas, volume I, Ed. Plaza y Valdés, México, 2002, pág. 1020

⁹ As datas assinalam-se, a fim de facilitar relações, em referência ao calendário gregoriano instituído pelo papa da igreja católica Gregório XIII em 1582 em substituição do juliano, instalado por Julio César em 46 antes de era cristã.

(o “racionalista”) que se inaugura a começos do século XVII com a geração de Descartes.¹⁰

Podemos também observar os diferentes momentos dentro desta etapa, associando o desenrolar do renascimento com a complementação (na segunda metade do século XV) e com sua síntese, em que a decadência tradicionalista atravessará a reforma protestante e a contrarreforma católica, até finalizar no século XVI. Como triste símbolo daquela era, precisamente no ano 1600, será assassinado na fogueira o humanista Giordano Bruno. É claro que a inércia do ciclo anterior subsistirá longo tempo depois de iniciado o novo momento.

Quanto a incidências que contribuem para o aparecimento deste humanismo,

“Deve ser notado que o surgimento deste fenômeno não se deveu simplesmente à modificação endógena dos fatores econômicos, sociais e políticos da sociedade ocidental, mas esta também recebeu influências transformadoras de outros ambientes e civilizações. O intenso contato com as culturas judaica e muçulmana e a ampliação do horizonte geográfico, fizeram parte de um contexto que incentivou a preocupação pelo genericamente humano e pelas descobertas das coisas humanas.”¹¹

É de interesse recordar que muitos textos antigos gregos e do ambiente sincrético Greco-egípcio de Alexandria chegam ao Ocidente através do fluxo de traduções que ligam as culturas, nos esforços realizados em Bagdá nos tempos do califado abássida, em Sicília sob o reinado de Federico II e na escola de Toledo durante os séculos XII e XIII.

Inicialmente é o aristotelismo que se derrama e se implanta sobre a Europa junto às variantes muçulmana e judaica, influenciadas por ele.¹² É daí que Tomás de Aquino (1224-1274) extrai seu material para tentar demonstrar a existência de deus e a validade da doutrina cristã, por meio da lógica. Esse movimento que se instalará como dogma educativo nas nascentes Universidades¹³ é conhecido como “Escolástica”.

Muito menos sutil e severamente mais sangrenta no controle das crenças é aquela instituição conhecida como “Inquisição”, instituída em 1184 com o objetivo de perseguir os albigenses (cátaros), estendendo logo suas garras durante os cinco séculos seguintes a todo aquele que fora sequer suspeito de não se ater ao dogma da igreja católica.

A partir do século XIV *“Petrarca busca nos antigos códices como corrigir uma memória deformada, e com isso inicia uma tendência de reconstrução do passado e um novo ponto de vista do fluir da história, então emperrado pelo imobilismo da época”*.¹⁴

¹⁰ Para um olhar humanista, resultará sem dúvida paradoxal que se assinale épocas obscurantistas, onde o humano fica clausurado, como momento de apogeu de um ciclo; e inversamente, que o surgimento do Humanismo renascentista fique enquadrado na decadência do mesmo. Trata-se pois não de um julgamento de valor desde a própria sensibilidade, mas de uma localização de processo seguindo as pautas do Método estrutural dinâmico.

¹¹ Que entendemos hoje por Humanismo Universalista, em *Fala Silo*, Silo, Obras Completas, volume I, Ed. Plaza y Valdés, México, 2002, pág. 1058

¹² Averróis, Maimônides, entre outros.

¹³ Em Bolonha e Oxford começam a surgir os estudos universitários em finais do século XI. Na primeira metade do século XIII fundam-se universidades em Cambridge, Palencia, Salamanca, Pádua, Nápoles e Paris.

¹⁴ Obra citada na nota 11, pág. 1060

Num processo incessante e crescente chegarão também os ensinamentos de Epicuro e Demócrito - relatados por Lucrecio - e as demais escolas helênicas, entre as que se destacam as obras de Platão e os neoplatônicos. Muito da divulgação da filosofia grega na área latina deve-se às referências dadas em sua obra por Cícero (século I anterior a era cristã). Mais além, uma boa parte da importante marca neoplatônica é posterior, se destacando o alexandrino Plotino, o sírio Jámblico (ambos do século III) e o bizantino Proclo (século V).

Em meados do século XV, Cósimo de Médici, impulsor da Academia Florentina, entrega a seu protegido Ficino uma versão do Corpus Hermeticum¹⁵ para sua tradução (junto a várias das já mencionadas obras do platonismo). A partir dali os ensinamentos herméticos ganham uma forte difusão, contribuindo para acentuar o caráter eclético da época.

Do ponto de vista espiritual é relevante notar que no momento renascentista, confluem aquelas fortes correntes místicas desenvolvidas em séculos anteriores, no judaísmo através da Kabbalah, no mundo muçulmano através do sufismo e outras variantes do misticismo islâmico, junto àquelas que descem do mundo iraniano através do maniqueísmo, se expressando no catarismo (e outros numerosos grupos dissidentes da igreja oficial). Também do mundo persa provinham os antigos influxos mazdaístas em chave zoroástrica.¹⁶

A tradição egípcia fluirá através do já mencionado mito hermético com os conteúdos órfico-pitagóricos, através dos neoplatônicos. É claro que entre estas intensas correntes também se encontra pulsando o misticismo cristão.

Toda esta efervescência na busca da união com a entidade divina pertence aos séculos precedentes, mas deixará sua impressão, como veremos, na alma dos humanistas do Renascimento.

¹⁵ Conjunto de obras atribuídas a Hermes Trismegisto, personagem de existência histórica não comprovada.

“Segundo a crítica moderna, estes textos foram escritos aproximadamente entre o século II a.c. e o III d.c. em ambientes sincréticos Greco-egípcios” (S. Puleda, Interpretações do humanismo).

¹⁶ Como nos assim chamados “Oráculos Caldeus”, material proveniente de Bizâncio, provavelmente introduzido pelos doutores bizantinos em contato com Cósimo de Médici no transcurso do Concílio de Ferrara-Florença (1439).

Marsilio Ficino

Marsilio Ficino nasce em 1433, filho do cirurgião da família Médici, então dirigente em Florença. Seis anos depois se produz a breve e finalmente frustrada tentativa de reunificar as igrejas romana e bizantina no concílio de Ferrara-Florença, produto do temor pela iminente queda de Constantinopla em mãos turcas (o que finalmente se produz em 1453). A esse concílio vai, desde a zona oriental, uma delegação composta por vários “doutores” (mestres/filósofos) bizantinos com uma forte marca neopitagórica-platônica¹⁷ e hermética. Daí para frente, Cósimo de Médici impulsiona a criação da Academia Florentina (recriando o modelo das diferentes academias platônicas) e encarrega a Ficino a tradução para o latim das Obras de Platão, Plotino e outros neoplatônicos.

Mas, ao chegar ao Ocidente aquele material conhecido como Corpo Hermético, Cósimo indica a Ficino que priorize sua tradução por sobre a obra platônica. A penetração deste ensinamento descreve-a o estudioso E. Garín assim:

“A sabedoria do “três vezes grandíssimo”, misteriosa e alusiva, apresentada de uma forma admirável que conjuga poesia e profecia, conquistou todos aqueles espíritos que almejavam uma religião libertada das rígidas fórmulas e do tom definitivo das autoridades tradicionais. Através do hermetismo difundia-se a ideia de uma revelação perene, antiga como a humanidade, em lento, porém seguro progresso. Os mistérios mais recônditos do ser, revelados ao homem desde suas origens, acompanham-no como um tesouro entregue sem distinção a toda a humanidade; qualquer um pode voltar a encontrá-lo com só interrogar a si mesmo e às coisas de forma sincera e pura. O homem é apresentado como a criatura excepcional, a imagem vivente de Deus no mundo; esse parentesco tão estreito com o Criador converte-o também em criador, capaz ao mesmo tempo de conseguir que convirjam nele todas as forças do universo, e de utilizá-las em proveito próprio. O hermetismo vinha para saciar tanto as mais sutis necessidades religiosas como aquela sede de domínio mágico sobre as coisas que tinha impregnado o subsolo da cultura medieval”¹⁸.

No entanto, para Ficino não há dicotomia entre esta sabedoria e o divino Platão, mas ambas as verdades se resolvem em uma longa corrente iniciática que arranca com Trismegisto, passando por Moisés (na visão renascentista contemporâneo daquele), Zaratustra, Orfeu, Pitágoras, chegando finalmente a Platão.¹⁹

S. Puledda ilustra-nos novamente:

“Do neoplatonismo antigo Ficino retoma a ideia da manifestação da divindade, o Um, em todos os planos do ser por um processo de “emanação”²⁰. Não há, portanto, um abismo entre o homem e a natureza por uma parte, e Deus, pela outra, e sim uma passagem ininterrupta que vai de Deus ao anjo, ao homem,

¹⁷ Dentre estes destacam-se Giorgios Gemistos “Plethon” e o (posteriormente) cardeal Bessarion.

¹⁸ *Medievo y Renacimiento*, Eugenio Garín, parte III, capítulo 2. Ed. Taurus, trad por Ricardo Pochtar.

¹⁹ Esta cadeia iniciática apresenta leves variantes, segundo a tendência mística dos diferentes autores.

²⁰ É destacável o paralelismo com a doutrina cabalística das “Sefirot” (esferas) das que deriva a simbologia da Árvore da vida, talvez produto da influência neopitagórica sobre essa corrente.

aos animais, às plantas, aos minerais. O homem está no centro desta escala de seres e é o vínculo entre o que é eterno e o que está no tempo. A alma humana, ponto médio e espelho de todas as coisas, pode conter em si todo o universo”.²¹

Ficino tampouco vê contradição entre filosofia e conhecimento profundo, já que esta é parte daquele.

“Porque -convém aclará-lo bem desde agora- para ele, filosofar não significa de modo algum compreender racionalmente alguns aspectos da experiência, inventar instrumentos lógicos aperfeiçoados ou recuperar o valor e o sentido do comportamento humano: a autêntica filosofia não é isso. A descoberta do fundo misterioso do ser consiste em capturar seu segredo e, através de um conhecimento que está além do saber científico, chegar a compreender o significado último da vida, libertando o homem do horror de sua condição mortal.”²²

Ficino não resigna sua origem cristã, inclusive é ordenado sacerdote em 1473²³ e também busca ver essa doutrina como momento vigente de toda a sabedoria antiga. Isto, no entanto, não lhe impede incluir a magia como parte de suas convicções. Uma magia na qual confluem a alquimia e a astrologia, que provém da síntese de conhecimento egípcio-babilônico e que se liga com sua paisagem de formação infantil num ambiente familiar impregnado pela arte da medicina.

Desta mesma paisagem arrasta também seu intenso contato com o epicurismo, o qual apesar de ser superado por sua busca transcendental, não desaparece, e sim se integra nessa dialética existencial que busca em definitivo reconciliar o terreno com o eterno, dando direção à busca do Ser Humano para a sua condição imortal.

Algumas considerações gerais sobre os textos estudados

Previamente a vistoriar alguns textos de Ficino que consideramos apropriados devemos precisar – para sua melhor interpretação – algumas poucas questões, válidas também para os casos a serem estudados depois.

Antes de tudo, a vastidão da obra escrita junto à ponderação que fazemos dela desde uma intenção e interesse específicos, impedem que esta possa ser considerada

²¹ *Interpretações do humanismo*, S. Puledda, Ed.Virtual, Santiago de Chile, 1995, pág.24.

²² *Medievo y Renacimiento*, Eugenio Garín, parte III, capítulo 2.Ed.Taurus, trad por Ricardo Pochtar.

²³ No contexto histórico, a ordenação sacerdotal nem sempre foi equivalente de vocação. Muitos tomavam os hábitos para ter âmbitos sossegados para o estudo, conseguir uma manutenção mínima a fim de dedicar-se a misteres espirituais, obter acesso a textos aos que só desse modo podiam aceder, cumprir com mandatos familiares ou estar livre de suspeitas por parte da autoridade eclesiástica. No caso de Ficino, podem ser excluídas as quatro primeiras motivações. Seu ordenamento à avançada idade de 40 anos, indica provavelmente que a última poderia acompanhar sua decisão, toda vez que ele mesmo indica sua própria propensão a desatender a teologia cristã para se ocupar mais dos ensinamentos de Platão e Hermes. Também não é de se desdenhar sua sincera vocação de renovar uma espiritualidade cristã dentro da igreja, em franca decadência moral.

exegese, ou sequer interpretação parcial dessa obra. Para esta investigação tal limitação não é vista como defeito, mas é necessário tê-la em conta.

Quanto à inferência relacionada com registros, devemos insistir em que as principais influências espirituais renovadoras no Renascimento provêm do neoplatonismo, do hermetismo e de suas correspondentes conjugações e derivações.

Como já tem sido estudado²⁴, trata-se de correntes que se nutrem de suas experiências no contato interno com as Formas e a Matéria. Grande parte da riqueza que pudessem conter os textos analisados sem dúvida passará despercebida por nós, carentes como somos de experiência nessas Disciplinas. Esta riqueza seria certamente explorada com maior fecundidade por olhares mais consubstanciados com uma linguagem alegórica e simbólica. Isto acrescenta mais limitações.

Como terceiro ponto a considerar, destacamos que a tentativa de entendimento que faremos assume as dificuldades de se introduzir na paisagem correspondente à época e nas traduções de registros que desta se desprendem. No caso particular do período que consideramos, se manifestam:

a) as características da idade Tradicionalista, com um olhar essencialmente voltado para o passado. Elementos que o exemplificam: a nostalgia, a queda desde formas perfeitas anteriores para imperfeitas posteriores e a necessidade de voltar, de reencontrar-se com uma Perfeição original, o antigo como sinônimo de verdadeiro, a renovação (o renascimento) não está no futuro, mas na recuperação do passado.

b) O valor da “filosofia” como modo avançado de se aprofundar no conhecimento – contrário à mera crença supersticiosa ou verdade imutável imposta. Por isso a teologia usava modalidades e métodos das escolas do pensamento helênico, tentando ir além do considerado “supersticioso” ou mera crença ou revelação.²⁵

c) A afirmação de um deus único e todo-poderoso, de uma “causa primária” acima de todo outro fenômeno e deidade menor. Esta é uma “verdade objetiva”, é uma crença não objetável difícil de remover na espiritualidade renascentista.

d) O perigo real do castigo por parte do poder eclesial dominante. O discurso conta sempre com este equilíbrio arriscado, o publicado (e talvez o pensado) não pode estar em luta com a interpretação clerical vigente.

Uma limitação que se agrega na investigação sobre registros e procedimentos de acesso ao Profundo é que a rigorosa regra pitagórica a respeito de guardar silêncio sobre suas práticas iniciáticas, divulgando só aspectos mais exotéricos de seu ensino, parece pesar ainda fortemente dois mil anos depois.

²⁴ Ver “*Antecedentes da Disciplina Morfológica*”, M. Uzielli, “*Estudo sobre antecedentes da Disciplina Material na Mesopotâmia*”, E. Gozalo, “*Mesopotamian origins and the Material Disciplin*”, D. Zuckerbrot e “*Referências aos estados de consciência inspirada em Platão*”, P. Figueroa, Centro de Estudos Parque de Estudo e Reflexão Punta de Vacas, também “*A disciplina material na Mesopotâmia*”, A. Carretero, Centro de Estudos Parque de Estudo e Reflexão Toledo.

²⁵ Isto se compreende melhor se pensarmos em como a modernidade crítica e impede desenvolver qualquer argumento que não tente mostrar “bases científicas”.

Há ainda mais inconvenientes na interpretação dos textos que se citam mais adiante, no apartado sobre o contato de Ficino com o Sagrado.

Por último somamos às dificuldades a distância que põem as traduções linguísticas e as intenções prévias de quem redige, as quais traçam uma direção premeditada que talvez, junto à imperícia interpretativa, desviem dos sinais lançados em seus escritos pelos Humanistas do Renascimento.

Sobre o Propósito

Parece-nos que no primeiro capítulo de sua principal obra, a *Theologia Platonica de immortalitate animarum*, Ficino deixa muito claro seu Propósito, posto no contexto como objetivo do escrito.

“Se a alma não fosse imortal, nenhuma criatura seria mais infeliz que o homem.

Dado que o espírito do homem jamais descansa, é frágil seu corpo e carece completamente de meios próprios para a subsistência, a vida que ele leva na terra é mais árida que a das bestas. Se a natureza tivesse estabelecido o mesmo termo para sua vida que para o resto das criaturas, nenhum animal seria mais infeliz que o homem. Mas o homem, mediante sua adoração de Deus, aproxima-se mais a Deus que qualquer outro ser mortal, e Deus é o autor da felicidade. De maneira que é completamente impossível que o homem seja o mais infeliz deles. No entanto, só depois da morte do corpo o homem pode chegar a ser algo mais feliz. Parece seguir-se necessariamente, pois, que uma vez que nossas almas abandonam esta prisão, outra classe de luz as aguarda. Nossos humanos espíritos, "confinados na escuridão de uma cega masmorra", buscarão em vão essa luz e com frequência duvidaremos de nossa origem divina. Mas rogo que, enquanto as almas celestiais permaneçam em seu desejo por nosso celestial lar, possamos sacudir as ataduras destas correntes terrestres; e sacudi-las tão rápido quanto seja possível, para que, animados pelas asas platônicas e com Deus como nosso guia, possamos voar sem obstáculos para nossa etérea morada, onde olharemos de frente e com felicidade a excelência de nossa própria natureza humana.”²⁶

Em seu comentário ao Banquete de Platão, discorrendo sobre os sucessivos estados de inspiração (furores) na ascensão para o Bem, Ficino parece fazer alusão ao que nós conhecemos como “carga afetiva do Propósito”.

“De todos estes furores, o mais poderoso e o mais excelente é o amor, poderosíssimo, digo, porque todos os outros têm necessidade dele. Pois não conseguimos a poesia, nem os mistérios, nem a adivinhação sem uma grande aplicação, ardente piedade e solícito culto de Deus. Mas, diremos que o estudo, a piedade e o culto são outra coisa que não o amor? Portanto, todos os

²⁶ Teologia Platônica, M.Ficino, livro I, capítulo I.

*furores dependem do poder do amor. E também é o mais excelente, porque os outros se referem a este como a seu fim.*²⁷

Em sua carta a Giovanni Altoviti *Sobre a Perseverança*, Ficino parece referir-se à necessária clareza, potência e permanência no Propósito:

*“Mas o prêmio é infinito e eterno: ajustai-vos a isto, que um propósito ardente de uma bem clara e iluminada mente, ilumina as coisas escuras, esquenta as frias, enternece as duras e doma às indômitas”.*²⁸

Descrições alusivas ao contato com o Sagrado

Em clara referência à estrutura de consciência inspirada, Ficino escreve:

*“Nosso Sócrates, disse, julgado pelo oráculo de Apolo o mais sábio de todos os gregos, costumava se dedicar mais à arte de amar que a nenhuma outra, como se pela experiência nesta arte Sócrates ou qualquer outro, tivesse de ser considerado o mais sábio. Ele dizia que esta arte não a tinha recebido de Anaxágoras, nem de Damão, nem do físico Arquelaos, nem dos professores de retórica como Pródico de Quíros e Aspasia, nem do músico Conós, dos que tinha aprendido muitas coisas, e sim da profetisa Diótima, inspirada pelo espírito divino. A meu entendimento, para mostrar que só por inspiração divina os homens podiam entender o que é a verdadeira beleza, o que é o amor legítimo, e de que modo deve-se amar.”*²⁹

E, também no seguinte parágrafo:

*“Ninguém poderia entender como o filósofo Arquimedes pôde juntar esferas de bronze e lhes dar movimentos similares aos que têm os corpos celestes a não ser que ele fosse obsequiado com o mesmo gênio [que o de Deus]. (...) Dado que o filósofo tem visto a ordem das esferas celestes (...), quem pode negar que sua mente é virtualmente uma com o autor mesmo dos céus? E que em um sentido ele seria capaz de criar os céus e o que está neles se pudesse obter as ferramentas e o material celeste.”*³⁰

Em seu relato de como Diótima inicia a Sócrates, Ficino parece descrever registros a respeito de intuições e suspeitas de sentido.

*“Portanto, qualquer um que ama algo, certamente não o possui ainda em seu próprio ser. No entanto, conhece-o em si com o conhecimento do espírito, o julga agradável e tem a esperança de poder consegui-lo. Este conhecimento, julgamento e esperança são como uma antecipação presente do bem ausente. Pois não o desejaria se não lhe agradasse, nem lhe agradaria se não o tivesse provado de algum modo.”*³¹

²⁷ De amore, M. Ficino, Discurso Sétimo, cap. XV, Ed. Tecnos, Madri, 2001

²⁸ Le divine lettere do grande Marsilio Ficino, ed. electrónica (tradução ao castelhano própria)

²⁹ De amore, M. Ficino, Discurso Sexto, cap. I, Ed. Tecnos, Madri, 2001

³⁰ The Letters of Marsilio Ficino, Vol. I, Shephard-Wolwyn, London, 1975, Carta 123, pág. 190

³¹ De amore, Discurso VI, Capítulo VII, Do nascimento do amor, ed. cit.

Fora de todo tom discursivo, nos mostra aqui o caminho para as melhores experiências:

*"tu ascendes pelo entendimento e o amor, para além de qualquer tipo de intelecto, para a própria vida, a existência pura, o ser absoluto"*³².

Com referência às limitações do pensamento habitual para atingir verdades transcendentais,

*"Feliz aquele que está absolutamente unido ao Bem. Mas, falando propriamente, ele não está unido ao Bem pelo poder intelectual. Este é múltiplo e está situado por baixo do inteligível e não está de acordo com a unidade, e não pode atingir aquilo que vai além do inteligível, a saber, o ser universal. (...) [o Bem] é atingido por uma espécie de contato que vai além da inteligência, e que é um contato unificante".*³³

Aqui Ficino parece comentar um potente registro de contato com o Sagrado:

*"a sabedoria e o amor são uma e a mesma, e são Deus".*³⁴

E magníficos registros desse contato:

*"Aqui, pois, é uma vida eterna, uma claríssima luz de inteligência, um estado imutável, uma morada libertada de privações, uma segura e certa posse de todo bem e uma alegria em todas suas partes perfeita."*³⁵

Ainda que nesta última descrição Ficino parece aclarar-nos toda dúvida com respeito ao contato com o Sagrado, e com o fim de não antecipar conclusões e aprofundar nossa investigação, devemos fazer a seguinte precisão.

Conhecemos a diferença entre uma experiência e seu relato. Sabemos dos múltiplos desvios que a experiência sofre em sua expressão posterior. Não só através da tradução em imagens ou em razão do substrato cultural e pessoal inerentes a sua modelação, como também à adulteração que pode significar a introdução de fatores alheios a ela como conceitualizações, verborragia excessiva ou outras.

Nada melhor então do que ter presente aquela indicação dada por Silo e já mencionada anteriormente em referência aos espaços profundos.

"Nada pode ser dito desse "vazio". O resgate dos significados inspiradores, dos sentidos profundos que estão além dos mecanismos e as configurações de consciência é feito desde meu eu quando este retoma seu trabalho vigílico normal."

Em similar sentido, o parágrafo do capítulo "A religião" em seu *Humanizar a Terra* indica:

³² *The Letters of Marsilio Ficino*. M. Ficino, Vol. I. London: Shephard-Wolwyn, 1975, Carta 4, pág. 37

³³ *Theologie Platonicienne de l'Immortalité des Ames*, Ficino, Marsile, Tome II. Paris: Societe d'edition "Les Belles Lettres", 1964. Livro XII, Cap. III, pág. 165.

³⁴ *The Letters of Marsilio Ficino*, M. Ficino, Vol. II, London: Shephard-Wolwyn, 1978, Carta 21, pág. 29.

³⁵ *Le divine lettere del gran Marsilio Ficino, Delle cinque questioni dalla Mente*, Tomo I 123v

“De Deus nada pode ser dito. Só pode ser dito a respeito do dito sobre Deus. São muitas as coisas ditas sobre ele e muito o que pode ser dito sobre estes dizeres sem que por isso avancemos sobre o tema de Deus quanto a Deus mesmo se refere.”³⁶

Ficino, aderindo claramente à “teologia negativa” já defendida por Plotino (no sentido de conhecer a Deus pelo que “não é”) - nos comenta num parágrafo da carta citada a seguir onde dialoga em seu interior com Pablo:

“(...) Mas se afirmas, Deus em si mesmo é absolutamente aquilo que tenho pensado e descoberto, estarás em um grande engano, porque se aquele sumo fator de cada coisa é maior que ti, não pode ser aquilo que descrito através de tua inteligência é forçado a ser terminado”.

No caso que estamos estudando, se misturam nas descrições de Ficino permanentes referências a Platão, aos neoplatônicos e numerosos outros Mestres e pensadores anteriores a ele. Embora isto seja fácil de compreender, dado que sua principal tarefa foi a tradução e divulgação dessas obras, nos parece que todas essas menções também são um recurso explicativo e ao mesmo tempo protetor do Ensino em sentido muito próximo às indicações pitagóricas. Tem sido também mencionado por estudiosos da matéria que a alusão ao pensamento e a experiência de outros, além de refletir honestidade intelectual e uma humildade em acordo com o âmbito do sagrado, cumpria com a função – habitual nessa época e ainda vigente – de outorgar autoridade às ideias próprias citando autoridades maiores reconhecidas como válidas.

Por último, para retomar o fio do trabalho, recordamos que não é de nosso interesse “provar” a veracidade de tais relatos – coisa que nos parece impossível em razão de serem expressões de subjetividade alheias e muito afastadas no tempo e no espaço.

O que na verdade queremos é nos aproximar dessas descrições para intuir relações e nos inspirar a fim de aprofundar em nossas próprias experiências. Nessa aproximação nos guiaremos pela exaltação emotiva posta em manifesto nos textos, a conexão e as relações que isso suscita em nós e pelo relato de encaixe entre ato e objeto, o qual, mesmo não sendo testemunha definitiva sobre as características do objeto atingido, é em si mesmo amostra suficiente sobre o ato que o tenta.

Sobre as vias de acesso ao Profundo

Em sua carta a Pellegrino de gli Ali (o qual podemos interpretar como nome alegórico “peregrino das asas”, ainda quando efetivamente estivesse dirigida a uma pessoa existente), Ficino, seguindo por completo Platão, traça um mapa eloquente dos caminhos de descenso e ascensão da alma, que partindo do desfrute da “ambrosia e o néctar, isto é, do conhecimento de Deus, da alegria perfeita”, desce até a vida terrena não sem antes beber no rio Leteo, por cujas águas esquece sua procedência divina. Mas, em um percurso circular e através de certa similitude com o Céu que percebe nas coisas belas, a alma quer empreender o caminho de regresso, ou seja, o da ascensão.

³⁶ Humanizar la Tierra, Silo, Obras Completas Vol. I, Ed. Plaza y Valdés, México D.F., 2002, pág. 148

*“O qual, pensa aquele divino filósofo³⁷, nós podemos conseguir por meio de duas virtudes, aquela que se refere aos costumes e aquela que consiste na contemplação, das quais uma se chama justiça e a outra sabedoria”.*³⁸

Assim parece nos falar Ficino (e através dele uma longa corrente de Mestres) a respeito da conduta coerente e da atitude meditativa frente ao puramente fenomênico como o ponto de partida para a ascensão. E prossegue:

*“Pelas quais ele diz que estas almas se elevam e voam para o Céu com duas asas, - mencionando com isso, segundo entendo, as duas virtudes, e no Fédon, Sócrates comenta que estas asas se conseguem com duas partes da filosofia, a ativa e a contemplativa. Onde o mesmíssimo Sócrates diz no Fedro que “só cria asas a mente do filósofo”³⁹ e, nesta conquista, a alma se desprende do corpo pela força dessas asas, para assim, repleta de divindade ser raptada ao Céu, para o qual muito se esforça. A esta divisão e esforço, Platão chama ‘a loucura divina’⁴⁰ e divide esta em quatro partes.”*⁴¹

Para o final da carta e continuando com Platão, Ficino detalha inclusive explicando possíveis falsificações ou desvios destes estados inspirados:

*“Em todas estas coisas que te disse penso que já tenho declarado os quatro tipos da loucura divina, isto é, o Amor, a Poesia, o Mistério e o Vaticínio, e também tenho dito que o Amor vulgar é por completo negativo; que imita àquele divino e honesto, e que a música imita a Poesia, a superstição aos Mistérios e a conjectura ao Vaticínio”.*⁴²

No comentário ao Banquete de Platão, Ficino mostra com clareza os caminhos a seguir na ascensão, remontando os estados do descenso:

*“O furor divino é uma verdadeira iluminação da alma racional pela qual Deus faz a alma voltar das regiões inferiores para as superiores, que descendeu das superiores às inferiores. A queda da alma desde o Um em si mesmo, princípio de todas as coisas, aos corpos, se realiza através de quatro graus, a mente, a razão, a opinião e a natureza.”*⁴³

E mais adiante no mesmo discurso:

“Vedes, então, que a alma desce daquela unidade divina, que está sobre a eternidade, para a eterna multidão, e da eternidade ao tempo, e do tempo ao lugar e à matéria. Ela desce, digo, quando se afasta da pureza com a que tem nascido, abraçando demais o corpo.”

Já no seguinte capítulo titulado *“Por que graus os furores divinos elevam a alma”*:

³⁷ Referindo-se a Platão

³⁸ *Le divine lettere del gran Marsilio Ficino*, Ep. 6, Livro I Tomo I

³⁹ Fedro, Platão, 249 c

⁴⁰ Furor divino

⁴¹ Da mesma carta citada (tradução ao castelhano própria)

⁴² Da mesma carta citada (tradução ao castelhano própria)

⁴³ *De amore*, M. Ficino, Discurso VII, cap. XIII, ed. cit.

“Já que desce por quatro graus, é necessário que por quatro ascenda. O furor divino é aquele que nos eleva às coisas superiores, como indica sua definição. Quatro, então, são as espécies do furor divino: o primeiro, o furor poético, o segundo, o furor dos mistérios, o terceiro, a adivinhação, o quarto, o afeto do amor.”

E depois:

“O primeiro furor, então, modera o desacorde e dissonante. O segundo converte as coisas moderadas desde suas partes em um tudo. O terceiro, em um tudo acima das partes. O quarto conduz ao Um, que está acima da essência e de tudo.”⁴⁴

Traçado o “mapa”, encontramos interessantes referências a como se predispor,

“E porque as razões, do número, da figura e dos movimentos mais rápidos pertencem mais ao âmbito do cogitativo que aos sentidos exteriores, para o estudo de tais coisas a alma, não como pelo apetite do corpo, de seus sentidos se separa e desprende, e a um pensar mais interno se retira. O qual não é senão, o pensar sobre a morte.”

Aspirando a encontrar conhecimento profundo,

“E sendo a sabedoria uma contemplação das coisas divinas, verdadeiro é que o fim da filosofia é o entendimento das coisas divinas”.

Com um percurso claro que finalmente regressa ao mundo dos homens.

“A filosofia então (para dizê-lo em poucas palavras) é uma subida da alma das coisas baixas às altas, das trevas à luz. Seu princípio é o instinto da divina mente. Seu meio são as faculdades e as disciplinas que temos narrado. O fim, uma posse do sumo Bem. O fruto, finalmente, um governo bom e justo dos homens”.⁴⁵

Mas o caminho tem suas dificuldades, e ao comentá-las Ficino expressa seu registro de experiência a respeito das resistências:

“De onde então vem (como a experiência nos ensina) que ao esforço que fazemos para chegar à beatitude se opõem tantas dificuldades?”

E, mais adiante

“De um lado, as razões e os argumentos prometem-nos uma felicidade suprema, ao par que do outro, a experiência uma grande dificuldade nos demonstra.”⁴⁶

O seguinte parágrafo sugere, já com maior precisão, indicações a seguir:

⁴⁴ *De amore*, M. Ficino, Discurso VII, cap. XIV, ed. cit.

⁴⁵ As três últimas citas pertencem à Carta Al Illustrissimo S. il Signor Gioan Francesco Hippolito Conte di Gacolto, *Le divine lettere del gran Marsilio Ficino*, (tradução ao castelhano própria)

⁴⁶ *Le divine lettere del gran Marsilio Ficino*, Tomo I 121v

“(...) Tu vês, certamente, a forma do corpo, queres ver também a formosura do espírito? Tira à forma corporal o peso de sua própria matéria, tira os limites do espaço, e deixa o resto: já tens a formosura do espírito. Queres ver também a do anjo? Tira, rogo-te, não só os limites espaciais, mas inclusive o passo do tempo e conserva a composição múltipla: e já a terás encontrado. Desejas inclusive ver a beleza de Deus? Tira aquela composição múltipla de formas e deixa a forma inteiramente simples: ao instante terás atingido a formosura de Deus.

Mas que me ficará agora, eliminadas estas? É que achas que a beleza é outra coisa que não a luz?

Pois a beleza de todos os corpos é esta luz do Sol, que vês manchada por estas três coisas, ou seja, pela multidão de formas, pois a vês pintada de muitas figuras e cores, pelo limite espacial, e pela mudança temporária. Tira seu apoio na matéria, de maneira que para além do lugar retenha as outras duas partes: tal é justamente a beleza do espírito.

Tira agora se queres a mudança do tempo e deixa o resto e te fica: a luz claríssima, sem lugar e sem movimento, mas esculpida em todas as razões de todas as coisas.

Isto é o anjo, isto é a beleza do anjo. Tira, por último, a multidão das diferentes ideias, deixa uma luz simples e pura, semelhante àquela luz que permanece na esfera mesma do Sol e não se dispersa no ar: já quase em verdadeiro modo tens captado a beleza de Deus, a qual, pelo menos, supera tanto as outras formas quanto a luz do Sol em si mesma pura, uma e íntegra, ultrapassa o esplendor do Sol disperso, dividido, manchado e escurecido pelo ar nebuloso. Portanto, a fonte de toda beleza é Deus.”⁴⁷

No seguinte “Diálogo entre Paulo e a mente de Marsilio”, nosso humanista revela-nos o diálogo interior que sustenta com um guia. Na passagem inicial, Marsilio parece falar-nos claramente de não forçar a ascensão, de aguardar pacientemente em certas moradas a fim de que a inspiração se produza...⁴⁸

“Marsilio: Diga-me, peço-te santíssimo Paulo, para que seja lícito a um homem falar de que maneira ascendeste ao Céu, e por que ao terceiro. Paulo: Não será grato a Deus que em mim seja tão grande impiedade, ter dito jamais realizar esse salto. Porque não quero vangloriar-me pessoalmente de tais revelações: toda minha glória não é outra que a daquele Rei de glória Deus. Então, oh Marsilio, não é que tenha ascendido, senão que fui mais bem raptado⁴⁹ ao Céu. Os elementos pesados do mundo não podem subir às coisas altas, se das coisas altas não são elevados. Os habitantes da terra não podem ser alçados a graus celestes se o Pai Celeste primeiro não os atrai.”⁵⁰

⁴⁷ De amore, M. Ficino, Discurso VI, cap. XVII, ed. cit.

⁴⁸ Pode ser referência explícita àquele tema da Graça, tão cara a São Agostino e a muitos devotos da mística cristã. Ou também poderia ser que a Graça mesma, que tanto problema tem suscitado, não fosse senão uma tradução em chave teísta do conceito de “prudência” e “não improvisação” ao que se alude.

⁴⁹ Aqui se compreende a origem do vocábulo “rpto” como experiência mística.

⁵⁰ Do rpto de Paulo ao terceiro Céu e da imortalidade da alma, *Le divine lettere del gran Marsilio Ficino*, Tomo I, 147v (trad. ao castelhano própria)

Porém, Marsilio insiste:

“Marsilio: Ensina-me, rogo-te novamente Paulo, por aquele que te rapta. Quem são aqueles a quem ele mais que a qualquer outro sequestra? Paulo: Não sabes tu aquilo que a ninguém pode ser ocultado, que é o que rapta e que é aquilo que é raptado? Ele rapta, sobretudo, aquilo que mais ardentemente ama e ama ardentemente aquilo do que se sabe amado.”

Paulo continua descrevendo e depois diz

“E a casa do Céu não se abre senão àquelas mentes que com fé buscam, com esperança o solicitam e que com a caridade vencem. E a caridade é o fim das outras duas e a perfeição de todas as coisas”.

Outras descrições significativas de processos meditativos

No decorrer da investigação encontramos também descrições que reconhecemos como inequívocos sinais de uma série de registros próprios do trabalho com a atenção e diversos funcionamentos da consciência.

Com respeito, por exemplo, à atenção dividida e a dificuldades que encontramos em nosso “aprender a ver”:

“A alma tem neste corpo dois muito grandes impedimentos para operar bem; um deles é produzido pelas muitas e diversas operações e perturbações, operações que se incomodam e debilitam entre elas. Porque é muito difícil atender a várias coisas ao mesmo tempo.”

Ou com referência ao nível de consciência no sono:

“Quando pelo sono as operações do movimento e dos sentidos exteriores cessam, agora a imaginação, que se alimenta das relíquias dos sentidos, tanto repousa que desenvolve dentro de si certos simulacros, os que parecem representar as coisas verdadeiras.”⁵¹

E a seguinte descrição sobre percepção e representação:

“Aliás, inclusive se a formosura de qualquer corpo estivesse na mesma densidade de seu corpo como em verdadeiro modo corporal, não agradaria a quem a contempla que fosse corporal, porque o espírito gosta da aparência de uma pessoa, não enquanto matéria exterior, mas como a imagem daquela que é concebida pelo espírito através do sentido da vista. E aquela imagem, na vista e no espírito não pode ser corpo, já que estes não são corpóreos. De que modo a pequena pupila do olho poderia perceber todo o espaço do céu se o recebesse de maneira corporal? Certamente, de nenhum. Mas o espírito recebe em um ponto toda a amplitude do corpo, de modo espiritual e em uma imagem incorporal.”⁵²

⁵¹ Da mesma obra anterior, tomo I. 33r (tradução ao castelhano própria)

⁵² *De amoré*, Discurso V. capítulo III, Ed. Cit.

No texto que segue, Ficino fala da mente como a “juíza” dos sentidos, a qual se traduzida como “consciência”, recorda-nos registros do terceiro passo de nosso trabalho na Disciplina mental.

“E devemos, no mínimo, dizer que agora conhecerá mais claramente, já que a visão é mais aguda e veloz que o ouvido e os demais sentidos, da mesma maneira que o objeto da mente é mais digno que os objetos dos sentidos; e ninguém que com a mente se governe e de sua virtude se sirva duvidará de que a mente possua maior excelência que os sentidos, porque se vê que ela é juíza dos sentidos,(...)”⁵³

O seguinte parágrafo dá referências sobre o trabalho da representação e a memória:

“O espírito assim impressionado reconhece como sua a imagem daquele que lhe sai ao passo. Esta é sem dúvida, na medida do possível, tal como a que ele mesmo possui desde o princípio e que a querendo esculpir em seu corpo, não pôde. Compara esta constantemente com a sua interior, e se lhe faltar algo em relação à imagem perfeita do corpo joviano, a reformando, a melhora. Depois ama esta imagem reformada como sua própria obra. Isto faz com que os amantes se enganem de tal modo que consideram ao amado mais formoso do que é. Pois com o passar do tempo não vêem o amado em sua imagem real percebida pelos sentidos, e sim na imagem já reformada por sua alma a semelhança de sua ideia.”⁵⁴

Partindo desta auto-observação, indo dos objetos aos sentidos, deles à representação e à memória, compreendemos que as coisas que vemos não são as que são em si, e somos conduzidos depois, por redução fenomenológica, àquele mundo platônico das Ideias:

“Mas a alma, estando presente no espírito em todas as partes, facilmente vê as imagens dos corpos que se refletem neste como num espelho, e através delas, julga os corpos. E este conhecimento é chamado pelos platônicos, sensação. Então, enquanto contempla-a, por sua própria força, concebe em si mesma imagens semelhantes àquelas, e inclusive bem mais puras. A esta concepção chamamo-la imaginação e fantasia. As imagens concebidas aqui são conservadas pela memória. E por estas com frequência o olho do intelecto é incitado a contemplar as ideias universais das coisas, que contém em si. Pois, enquanto vê com os sentidos um homem, e concebe-o pela imaginação, contempla ao mesmo tempo com o intelecto a natureza e a definição comum a todos os homens através de sua ideia inata de humanidade e, a tendo contemplado, a conserva.”⁵⁵

Ficino parece também referir-se a registros com respeito ao funcionamento em cadeia de nossa consciência que descobrimos na segunda quaterna da Disciplina Mental:

“Ou talvez ela já tenha domado os sentidos e está recolhida em si mesma, e produto da própria natureza esforçada sempre as razões das coisas busca, as

⁵³ *Le divine lettere del gran Marsilio Ficino*, Tomo I 33r (trad. ao cast. própria)

⁵⁴ *De Amore*, Discurso VI, capítulo VI, Ed. Cit.

⁵⁵ Idem nota anterior

encontrando às vezes, e outras, não. Ou ainda se chega a compreender quanto deseja e quanto entende, verdadeiro é que ela sempre duvida, vacila, molestada de várias maneiras. Não estando ela então jamais quieta, verdadeiro é que enquanto está desse modo, jamais desfruta de seu fim nem permite que o sentido, seu objetivo já presente consiga.”

No entanto, levados pelo entusiasmo ante os símiles, poderíamos estar gerando uma impressão errônea sobre as modalidades ascéticas de Ficino.

Bem como o pensamento da época nutriu-se de diversas fontes culturais, assim também, na tarefa mística, conviveram as mais diversas práticas. Ficino apelou em sua inspiração à invocação mágica tanto em sua versão alquímica como astrológica, ao cântico de hinos órficos e, obviamente, à oração.

Como nos diz numa passagem de um de seus últimos livros *De Sole* (1494):

“Por isso agora vamos avançar do manifesto ao oculto, não tanto através de argumentos racionais, senão por meio de certas correspondências extraídas da luz, de acordo a nossas habilidades”.

Mas fazendo questão de manter uma consciência lúcida, para não cair na superstição, cita a advertência de Pitágoras:

“Ele parece nos advertir de não proceder para a luz oculta das coisas divinas, nem as recebendo nem as revelando, sem a mediação da luz manifesta”.

Mostrando então como o brilho da Luz (que nos remete em nosso caso à experiência da Força) pode ser acompanhado pela clareza de descrição posterior, Ficino nos presentearia estas linhas:

“Mas quando Platão diz que o Sol prevalece sobre todo o mundo visível, sem dúvida que alude a um Sol incorpóreo por sobre o corpóreo – isto é, o intelecto divino. Vendo que é realmente possível ascender à forma arquetípica, em parte tirando o que é de inferior qualidade e em parte acrescentando o que é superior, tira do Sol (...) toda quantidade definida. Mas deixa com a potência da luz, de maneira que ficará a luz mesma, limpa por milagroso poder, não definida por quantidade ou forma finita alguma, enchendo com sua presença um espaço imenso com respeito à imaginação. Esta luz pura excede a inteligência da mesma maneira que a luz do Sol ultrapassa a aquosidade dos olhos. Assim, em proporção com a fortaleza que tu recebas do Sol, tu parecerás a ponto de ter encontrado Deus, quem pôs seu tabernáculo no Sol. Mas, finalmente, como nada é mais estranho à luz divina que a matéria completamente informe, nada é mais diferente da luz do Sol que a terra. Por isso é que os corpos onde prevalece a condição terráquea são os menos aptos para a luz, não aceitam a luz em seu interior. Isto não é porque a luz não tenha o poder dos penetrar – porque bem como a luz não pode alumiar adentro de um algodão ou uma folha, pode penetrar o cristal instantaneamente, o qual

*difícilmente pode ser penetrado por outra coisa. Desta maneira, a luz divina também brilha na escuridão da alma, mas a escuridão não compreende isto.*⁵⁶

Tradução em significados e estilo de vida de caráter humanista

No louvor das capacidades humanas reverbera ainda o eco daquele primeiro Humanismo de Manetti, se rebelando ante o denegrimiento medieval da espécie e a vida terrena:

*"A força do homem é quase similar à natureza divina, já que o homem por si mesmo, isto é, através de sua inteligência e habilidade, governa a si mesmo sem ser no mais mínimo limitado por sua natureza física, e imita as obras individuais da natureza superior. (...) a razão cogitativa atua seriamente, e sai impaciente por propagar sua própria progênie, e mostrar quão poderoso é seu próprio gênio inventivo através de vários têxteis de seda e lã, pinturas, esculturas e edifícios (...) também expande e prova seu poder produtivo. Nestas artes industriais pode ser observado como o homem em todas as partes utiliza os materiais do universo como se todos eles estivessem sujeitos ao homem (...), como se [o homem] fosse o senhor de todos eles"*⁵⁷.

Mas Ficino adota um olhar com respeito ao Ser Humano, ligado não só à manifesta corporeidade, a qual o impulsiona a elevá-lo em sua dignidade para sua liberdade:

*"O homem tem uma atividade similar aos espíritos celestes enquanto age livremente e ordena ao corpo, como eles"*⁵⁸.

Continuando na descrição do humano para suas características mais sutis,

"A providência universal é própria a Deus que é a causa universal. Portanto, o homem, que provê universalmente a todas as coisas vivas e não vivas é um verdadeiro deus. Ele é, sem lugar a dúvidas, o deus dos animais, já que usa todos eles, os governa, e ensina alguns.

*Ele estabelece-se também como o deus dos elementos dado que os habita e os cultiva. (...) Qualquer ser que domina o corpo em tantas e tão grandes coisas, e atua como o vicário do Deus imortal é, sem dúvida, imortal"*⁵⁹.

Para nos convidar na seguinte exortação a assumir nossa verdadeira categoria

"Que o conhecimento e a reverência de si mesmo é a melhor coisa que há.

A todos os homens,

⁵⁶ *De Sole*, trad. ao inglês de G. Cornelius, D. Costello, G. Tobyn, A. Voss, V. Wells em *Sphynx* 6, *Journal for archetypal Psychology and the Arts*, 1994 (trad. Ao cast. própria)

⁵⁷ *Teologia Platônica*, M. Ficino, Libro XIII, cap. III, cit. em Trinkaus, Charles, *In our Image and Likeness*. Humanity and Divinity in Italian Humanist Thought. Vol. 2, University of Chicago Press, Chicago, 1970, p. 484, cit. em Elia Nathan, *"Marsilio Ficino, a Humanização do divino"*, parte II, UNAM, 1984.

⁵⁸ *Theologie Platonicienne de l'Immortalité des Ames*, Ficino, Marsile, Tome II. Paris: Societe d'edition "Les Belles Lettres", 1964, Libro IX, cap. VI, p. 46.

⁵⁹ Idem nota 57

Deus vos tenha a salvo, isto é, vos dê conhecimento e reverência de vocês mesmos. Oh Homem! Conhece-te a ti mesmo e sabe que és divino, mas vestido com vestimentas mortais, despojadas de graça. Separa quanto possas, e bem sei eu que podes, desde que te esforces para tanto. Separa, digo, do corpo a alma e dos afetos dos sentidos a razão, e assim cedo verás um ouro puro e limpo purgado da feiura terrena e discernirás um puro e claro ar, limpo de todo nevoeiro. E então, creia-me, te reverenciarás a ti mesmo, como um sempiterno raio do Sol divino, e não ousarás mais em tua presença, incorrer em fazer ou sequer pensar coisa feia ou vil alguma.”⁶⁰

E pouco mais adiante, continua em seu louvor com uma invocação que também parece se dirigir a sua própria interioridade:

“Voltai vossa vista ao céu, vós que sois divinos e cidadãos da pátria celeste, ainda que habitantes da terra. O ser humano é sem dúvida uma estrela terrena circundada do nevoeiro do corpo, é a estrela de um homem celeste. Oh Alma!, tu és algo grande se não te deixas encher de pequenezes, és excelente quando te desagradam as coisas tristes, és belíssima se recusas as feias, és eterna se desprezas as temporárias e já que o és, se tu desejas reencontrar-te contigo mesma, busca, faz favor, onde tais coisas se encontram.”

Sugerindo-nos voar com ele, nos diz num parágrafo posterior:

“Mas tu pensas que estás num lugar ínfimo do mundo, porque não vês a ti mesmo voar sobre as coisas celestes, só vês o corpo, isto é tua sombra colocada num ponto mais baixo, bem como um menino crê estar no fundo de um poço enquanto que não vê a si mesmo senão a sua sombra refletida, ou tão verdadeiro como um pássaro que, voando no ar, por olhar sua sombra na terra crê estar voando nela. Deixa a angústia desta sombra e retorna a ti mesmo e assim retornarás a um lugar amplo e espaçoso.(...)”

E regressando ao mundo social

“Vós me perguntais, por que é útil o amor socrático? Segundo o próprio Sócrates, em primeiro lugar permite-lhe recuperar as asas com as quais retornar à Pátria, além disso, é muito útil à sua cidade para viver de uma maneira honesta e feliz. Certamente, a cidade não está feita de pedras, mas de homens.”⁶¹

Com uma clara moral interpessoal humanista,

“... através de teu desejo de destruir a outro homem, destruirás a ti mesmo”⁶².

Integrando finalmente ambos os mundos em um só, como nos assinala nosso próprio material de Ascese⁶³

⁶⁰ *Le divine lettere del gran Marsilio Ficino*, Tomo I 88v

⁶¹ *De Amore*, Discurso VII, cap XVI. Ed.cit.

⁶² *The Letters of Marsilio Ficino*. Vol. II. London: Shephard-Wolwyn, 1978, carta 53, p. 66.

⁶³ “Deveríamos ter, como conjunto, um olho posto no funcionamento deste mundo, ainda que tenhamos posto o olhar no outro. Mas esse outro mundo constitui-se neste”. *O que nos interessa do ponto de vista da Escola, Material sobre Ascese*, Fevereiro 2011.

“O filósofo deve buscar com esmero as coisas divinas para que possa gozar delas, e pesquisar as coisas naturais para que as possa usar. Que dê sua ajuda aos assuntos humanos, mas que não seja enterrado por eles”.⁶⁴

Vemos então como Ficino nos revela finalmente seu próprio périplo existencial. Este se inspira – adaptando-a a seu Propósito - na perfeita circularidade da cosmogonia platônica que, partindo do Bem Supremo, a si mesmo retorna através da Beleza.

Recusando a falta de sentido e o encarceramento em que a resignação de Epicuro, a materialidade aristotélica e a escolástica tomista submetem-no (e a seu tempo todo), descobrimos em nosso humanista uma segunda e muito próxima “circularidade”: aquela que, partindo de sua própria necessidade de transcendência individual, busca se elevar, aprofundando em si mesmo para verdades superiores à evidente morte física, encontrando na divina essência do Ser Humano e na imortalidade de sua alma o sustento para sua liberação, para voltar com ela para o mundo das pessoas.

Que Ficino conseguiu seu objetivo, o mostra sem dúvidas a tremenda contribuição que sua obra significou para o mundo, chegando suas ações até nós, tendo assim “tomado entre suas mãos parte do fio da eternidade”.⁶⁵

⁶⁴ Idem à nota 60.

⁶⁵ Humanizar a Terra, Silo, Obras Completas Vol. I, Ed. Plaza y Valdés, México, 2002, p. 107

Giovanni Pico della Mirandola

Giovanni Pico, conde da Mirandola, foi contemporâneo, mas não coetâneo de Ficino. Trinta anos medeiam o nascimento de ambos.⁶⁶ São tempos excitantes e convulsionados. Bizâncio tem caído já em mãos otomanas em 1453, que continuam sua expansão para o centro de Europa ameaçando sua cristandade. Somente um ano antes, a genialidade técnica do ferreiro Gutenberg tinha produzido um avanço de enormes dimensões culturais com sua imprensa de tipos móveis. As impressões multiplicam-se e com isso a difusão do pensamento adquire um nível inusitado. Pico chega ao mundo em 1463 como membro de uma família principesca.

Mostrando uma enorme sede de conhecimento, o jovem Giovanni nutre-se da formação aristotélica clássica, do neoplatonismo que emana a academia florentina, estuda os principais pensadores árabes e hebreus. Sendo fortemente seduzido pela Cabala, afirma a magia como fonte de conhecimento se identificando ao mesmo tempo com sua condição cristã.

Estuda grego, árabe, hebreu e aramaico para poder compreender os textos em idioma original, enquanto compra e faz traduzir numerosos materiais desde essas línguas.

*“Com pouco mais de 20 anos”, explica-nos Puledda, “tinha tratado de reunir e sintetizar toda a sabedoria de seu tempo em 900 teses que, segundo sua intenção, deviam ser publicamente discutidas em Roma pelos maiores doutores da época, convocados a seu cargo desde todos os rincões do mundo. Mas este extraordinário programa, que superava os confins das religiões e as culturas, e que apontava para a paz e a conciliação, foi imediatamente congelado pela oposição eclesiástica”.*⁶⁷

O texto da *Oratio de dignitate hominis* (Oração ou Discurso sobre a dignidade do Homem) - ao que faremos frequente referência mais adiante – é o discurso que Pico pretendia pronunciar como abertura de seu debate.

Pico foi essencialmente um místico, na íntima vinculação dessa palavra aos mistérios. Para ele o mundo era ao mesmo tempo secreto e explicável. Aproximando-se ao Artífice da Criação, o Homem adquire a relevância de maravilhosa Criatura, desvendando aqueles enigmas. Por isso se aplicou a desenterrar a sabedoria expressa em línguas para ele estranhas e a defender a magia como forma de conhecer e manejar as forças ocultas na Criação. Por isso se aplicou a interpretar o poder que residia nas letras de uma críptica e primigênia escritura hebraica e a reduzir as aparentes dissidências dos máximos pensadores a seu comum e profundo denominador. Para ele, só podia existir uma verdade, mal vestida com diferentes roupas. Daí sua permanente tentativa de subsumir as diferenças num plano maior que as superasse. Por isso não podia ter contradição alguma entre o humano e o divino, se explicando ambos mutuamente desde um olhar superior.

⁶⁶ Talvez essa brecha de gerações em relação a certa transformação no contexto histórico poderia explicar as diferenças observadas por alguns estudiosos, pese à intensa afinidade pessoal e doutrinária que os une.

⁶⁷ *Interpretaciones del humanismo*, S. Puledda, Virtual Ediciones, Santiago de Chile, 1995, p. 25

Como reflexo de um vibrante mundo interior, tão convulso como o mundo em desestruturação em que viveu, foi rebelde humanista e admirador do restaurador Savonarola ao mesmo tempo, aristotélico e platônico, hermético e cristão, cabalista e órfico. Ante a evidente complexidade, só poderemos mostrar algumas facetas presentes em sua interioridade, fração que, no entanto, bastará para o interesse de nosso trabalho.

A magia

As artes mágicas já eram cultivadas muito antes do Renascimento, ainda que encontrem neste período uma importante difusão. Importa-nos destacar que com elas o homem experimenta um modo diferente de estar frente ao mundo. Não se trata só de contemplar passiva e resignadamente a obra de um Criador, senão de compreender seus mecanismos e os utilizar. É um passo fundamental que se entrelaça com a veloz transformação que observará a vida humana nas seguintes centúrias.

Nas esclarecedoras palavras de E. Garín:

“Contrariamente a um esqueleto de homem que se move num mundo de esqueletos geometrizables, se eleva a exaltação do ideal hermético onde a vontade, a obra, o ato, produz e dissolve as formas, cria e se cria, se move livremente para o futuro num infinito de possibilidades, em uma abertura sem confins.”

E antes no mesmo texto:

“A distância entre a idade medieval e a idade moderna é a mesma distância que há entre um universo concluso, anistórico, atemporal, imóvel, sem possibilidade, definido e um universo infinito, aberto, todo possibilidade”.

E também:

“Em perfeita coerência com esta posição da teologia, magia e astrologia foram na idade medieval o domínio do demoníaco...”⁶⁸

Em suas Conclusões (1486), Pico expõe:

*“O que o mago faz por meio da arte, isso mesmo fez naturalmente a natureza fazendo ao homem. As maravilhas da arte mágica não existem senão por união e atuação daquelas coisas que seminalmente e separadamente existem na natureza.
(...)Fazer magia não é outra coisa que fecundar o mundo.
(...)A magia é própria daquela natureza que é própria do tempo e da eternidade e portanto há que ir para ela pelos modos devidos, conhecidos pelos sábios.”⁶⁹*

⁶⁸ *Medievo y Renacimiento*, E. Garín, Gius, Laterza & Figli, Bari, 1954, p. 158, 168

⁶⁹ *Conclusões DCCCC, Conclusões mágicas segundo própria opinião*, Pico della Mirandola, 1486, trad. al castellano por E. Sierra Valentí

A cabala

A cabala⁷⁰ emerge com força em Catalunha e Provença no século XIII.⁷¹ Trata do estudo do conteúdo profundo e não explícito da Torá (os cinco livros do Pentateuco hebreu) como fonte da verdade original transmitida a Moisés.

Neste contexto a palavra e, sobretudo, as letras do alfabeto adquirem uma significação mágica e sagrada.

Um grande paradoxo no estudo cabalístico é que ao mesmo tempo em que remete ao primigênio, a verdades reveladas, com um sentido de forte apego à tradição, abre as portas, em razão de seu essencial caráter interpretativo-intuitivo, a diversas variantes e técnicas de entendimento. Assim o explica G. Scholem

*“Tradição e intuição estão entrelaçadas e isto explicaria por que o cabalismo tem podido ser conservador e intensamente revolucionário”.*⁷²

As três variantes principais são:

- o *notarikon*, com o que se derivam palavras e frases que revelam significados a partir das primeiras letras do texto escrito.
- a *gematria*, que extrai relações e conteúdo do valor numérico atribuído a cada signo do alfabeto.
- a *temurá*, a qual oferece o desvendamento através de permutações e combinações dos caracteres de palavras significativas.

É notável como alguns casos derivam sem dúvida em verdadeiras ascetes, como no caso da cabala profética de Abraham Abulafia⁷³. Por sua íntima ligação com nosso interesse reproduzimos de maneira algo extensa uma passagem que relata um discípulo do mesmo, citado por Scholem:

“Prepara-te para teu Deus, Oh, Israelita! (...) Limpa teu corpo e elege uma casa solitária onde ninguém escute tua voz. Senta-te ali em teu retiro e não reveles teu segredo a ninguém. Se podes faz no dia, mas é melhor se o realizas durante a noite. (...) abstrai todo teu pensamento das vaidades deste mundo. Cobre-te com o manto de oração e põe tefilim em tua cabeça e braços. (...) Limpa tua roupa e se podes, que as prendas sejam brancas (...) acende numerosas velas até que todo esteja radiante. Então toma tinta, pluma e uma mesa (...) Começa a combinar algumas ou muitas letras, permutá-las e combiná-las até que teu coração se aqueça. Observa seus movimentos (...) E quando sintas calor no coração e vejas que com a combinação de letras podes

⁷⁰ Da raiz hebréia *kuf, bet, lamed*, “recepção” (*lekabel* significa receber). Em ocasiões traduzida como tradição. Em nossa opinião, faz explícita referência à necessidade de colocar-se em disposição de abertura para receber conhecimento, no estado de inspiração, diferente do que o indivíduo pode produzir só por ativa inteligência.

⁷¹ Embora reclame uma mítica e distante origem anterior, durante o exílio babilônico dos hebreus.

⁷² *Abraham Abulafia and the doctrine of prophetic Kabbalism*, in *Major Trends in Jewish Mysticism*, G.Scholem, Schocken Books, 1946/1995 (trad. ao castelhano própria).

⁷³ Combatido por outros Doutos da Cabala e silenciado longo tempo depois pela própria tradição cabalística.

fazer aparecer novas coisas que com a humana tradição ou por ti mesmo não poderias saber, e quando desta maneira estejas pronto para receber o influxo do poder divino que flui para teu interior, então põe teu pensamento em imaginar o Nome e Seus exaltados anjos em teu coração como se fossem seres humanos sentados ou em pé ao teu redor. Tendo-o imaginado vividamente leva toda tua mente a entender com teus pensamentos as muitas coisas que virão a teu coração através das letras imaginadas. (...)

E depois das sugestivas “reticências” continua o texto:

*“E isto te sucederá depois de ter lançado longe tablita e pluma ou depois que elas tenham caído por causa da intensidade de teus pensamentos. E sabe, quando mais forte seja o influxo intelectual, mais débil se tornarão tuas partes externas e internas. Teu corpo inteiro será atingido por um tremor extremamente forte, de maneira que pensarás que estás a ponto de morrer, porque tua alma, atônita de alegria pelo conhecimento, abandonará teu corpo. Fica pronto neste momento conscientemente para eleger a morte e então saberás que tens chegado o suficientemente longe como para receber o influxo. E querendo render honra ao Nome glorioso, servindo com a vida de corpo e alma, cobre-te o rosto e teme olhar a Deus. Depois retorna aos assuntos do corpo, levanta-te, come e bebe um pouco, ou refresca-te com um cheiro agradável e restaura teu espírito até alguma vez próxima. Alegra-te muito e sabe que Deus te ama”.*⁷⁴

Aqui a Cabala adquire já características de proximidade mística com um ser supremo e deixa de ser simples entendimento. Por outro lado, a dimensão profética à qual se chega tem direta relação com a ascensão por e para a sabedoria, fazendo possível seguir o exemplo de Moisés, o qual é visto como um iluminado e um guia.

Tudo isso exerce um forte impacto em Pico, quem estuda e pratica as diversas variantes cabalísticas, seguindo as traduções e indicações de estudiosos judeus.

São muito numerosas as referências cabalísticas no trabalho de Pico. Citamos umas poucas como exemplo. Em suas Conclusões:

*“Do mesmo modo como pelo influxo do primeiro agente, se for especial e imediato, faz-se algo que não se atinge pela mediação das causas, pela obra da Cabala, se for pura e imediata, se faz algo que nenhuma magia atinge.”*⁷⁵

Ou também

*“A natureza daquele que é o horizonte da eternidade temporária está próxima ao mago, mas sobre isso e sobre ele é própria a Cabala.”*⁷⁶

⁷⁴ Da mesma obra da nota 73, relato abreviado por conta de sua extensão.

⁷⁵ Tese 26 nas Conclusões Mágicas segundo própria opinião, Ed citada.

⁷⁶ Tese 18 da mesma alínea.

Por último, um bom e significativo exemplo brinda-nos o capítulo final do Heptaplus ⁷⁷, onde se explica a criação toda em uma frase só, interpretando em chave cabalística a primeira palavra do Pentateuco hebreu “bereshit”⁷⁸:

*“O Pai no Filho e pelo Filho, princípio e fim, ou seja quietude, criou a cabeça, o fogo e o fundamento do magno homem com pacto bom”*⁷⁹.

Esta frase faz referência (segundo alguns estudos) à estrutura homem-cosmos, expressando em síntese máxima a visão de Pico sobre origem, composição e relação do homem com o universo como um *macro anthropos* (magno homem).

A filosofia

Na visão fechada e incólume do mundo medieval, a escolástica domina e nela, a filosofia aristotélica.

“Aristóteles é o filósofo da escola e a escola é tradicionalista e conservadora”..⁸⁰

A exegese do pensamento aristotélico sintetiza-se em três variantes principais: a de Alexandre de Afrodite, a de Averróis e a de Tomás de Aquino, representando respectivamente a versão antiga, árabe e cristã.

O primeiro desenvolve uma concepção naturalista, fazendo intrínseca toda forma à matéria (e negando toda possibilidade transcendente). Averróis concede com algum idealismo o horizonte de uma união do intelecto sensível com o “intelecto agente” (ou “*nous*”, emanado pela divindade suprema, mas não idêntico a ela), deixando aberta a possibilidade de certa transcendência no universal, mas sem solução de continuidade individual. Por último, Tomás interpreta (e reformula Aristóteles) de acordo às exigências canônicas de seu credo.

Desde um olhar oposto e radical, soma-se ao panorama do pensamento medieval a explicação da realidade dada pelo *occamismo*⁸¹, o qual postula que só os indivíduos existem, e que os universais, essências ou formas são produto da abstração que a mente humana realiza, sem possuir existência fora dela.

De um modo ou de outro, a alma humana e sua sede transcendente ficam desabrigadas. Tudo é conforme é, como será e foi. Só resta obedecer a uma ordem estática.

⁷⁷ Obra aparecida em 1489 na qual Pico oferece sua visão cosmológica realizando uma interpretação cabalística do relato contido no Gênesis bíblico.

⁷⁸ “no começo”.

⁷⁹ Frase composta por doze palavras em latim, provenientes de uma particular combinação das cinco letras hebraicas de “bereshit” em chave permutativa.

⁸⁰ Storia Della Filosofia, Vol. II, G. Ruggiero, Gius, Laterza & Figli, Bari, 1937.

⁸¹ Guillermo de Occam foi um franciscano inglês, pioneiro do nominalismo.

Neste contexto, a irrupção de Platão e seus exegetas neoplatônicos vivificando as possibilidades transcendentais através da afirmação da imortalidade da alma resulta numa revolução bem-vinda e na resposta a um clamor interno.

Algo tem sucedido no olhar do Ser Humano e de repente, o mundo pétreo começa a adquirir plasticidade. Descobre-se o passado e, com ele, começa a viver o Tempo novamente. O Homem recupera o Tempo e paradoxalmente, através do Tempo, vislumbra aquela Transcendência que o supera. Nesse novo fluir desatam-se acaloradas discussões entre o antigo, que no entanto renova, e aquilo que pretende imobilizar em um contínuo sem-tempo, que no entanto dificulta a eternidade.

Um ponto central do debate filosófico é a respeito da unidade e a multiplicidade dos entes, suas relações e preeminências. O tema não é tão “abstrato” como parece à primeira vista, mas tem fundamentais implicações existenciais. Nessa questão está subsumida a natureza da alma, como possível conectora entre o Um e o Múltiplo. Na resposta sobre a alma joga-se o destino do Homem.

Ficino tinha tomado um partido claro nessa disputa. Para ele, Platão é guia divino. Pico della Mirandola, ainda que tomando parte dessa concepção, nega-se a abandonar o positivo que vê no aristotelismo e suas correntes.⁸²

Em auxílio de sua intenção conciliadora, o Príncipe da Concórdia⁸³, se valerá de inspirações legadas por outro humanista anterior, Nicolau de Cusa.⁸⁴ De sua importante obra, com uma marca fortemente cosmológica, Pico resgata no mínimo dois conceitos: o da coincidência dos opostos⁸⁵ (*coincidentia oppositorum*) e o da relatividade de um fenômeno a seu contexto (que depois – como veremos – servirá também de ponto de apoio a Giordano Bruno em sua afirmação de “infinitos mundos”).

Mas, como já dissemos, o olhar integrador de Pico não podia aceitar que houvesse “mais de uma verdade”. Dessa maneira, apela-se no contexto vigente a uma inspirada variante interpretativa, na clara tentativa de superar divisões – externas e internas - e atingir a paz.

Na impressionante revisão do passado que supõe o Renascimento, se discute sobre todas as interpretações e a veracidade da cada uma. Tenta-se penetrar naquilo que “verdadeiramente” dizem os textos (certamente manipulados por interpretação linguística e dogmática) e se pretende ir “às fontes”, separando o original de seu posterior exegeses.

Dessa maneira, Pico analisa o aparente dissenso nas concepções de Aristóteles e Platão mostrando – com seu habitual olhar revelador de segredos ocultos – sua concordância num plano superior. O que deveria ter sido sua obra prima “Concórdia entre Platão e Aristóteles” fica truncada por sua prematura morte aos 31 anos de idade. Dela, só chegou a redigir o breve tratado “*De ente et uno*”.

⁸² Formação à que Pico acede fundamentalmente em Pádua, centro universitário impregnado de averroísmo e em Paris, bastião aristotélico e escolástico.

⁸³ Este apelativo brilhante faz alusão dupla à intenção vital de Pico de conseguir ver o comum em tudo, junto a sua condição nobiliária com respeito à localidade de Concórdia, posse familiar junto a Mirandola.

⁸⁴ Também conhecido como “O cusano”, mais tarde cardeal, autor de *Da Doutra Ignorância*.

⁸⁵ Que já estava presente em Heráclito, quem explicava a mudança através da resultante promovida pela sucessão de opostos.

As seguintes citações, extraídas de sua *Oratio de dignitate hominis* aproximam-nos à exortação de Pico sobre como proceder:

“Sem dúvida, oh Pais, múltipla é a discórdia em nós; temos graves lutas internas piores que as guerras civis. Se queremos fugir delas, se queremos obter essa paz que nos leva ao alto entre os eleitos do Senhor, só a filosofia moral poderá tranquilizá-las e compô-las.”

Mais adiante

“A dialética acalmará as desordens da razão tumultuosamente mortificada entre as pugnas das palavras e os silogismos capciosos. A filosofia natural tranquilizará os conflitos da opinião e as dissensões que trabalham, dividem e laceram de diversos modos a alma inquieta.”

Finalmente, num verdadeiro manifesto sobre a riqueza da diversidade:

“É sem dúvida de mente estreita se encerrar numa única escola, seja ela a do Pórtico ou da Academia. Não pode por isso eleger com acerto a sua própria entre todas, quem primeiro não tem examinado a fundo todas. (...) Em toda escola há algo de insigne que não lhe é comum com as outras. E para entrar a ver aos nossos, a quem tem chegado finalmente a filosofia, há em John Escoto algo de pujante e de sutil; em São Tomás, de compacto e equilibrado; em São Francisco, de agudo e pungente. E devemos falar dos árabes, entre os quais está Averróis, que propõe algo de seguro e indiscutível; em Avempace e em Al-Farabi de grave e meditado; em Avicena, de divino e platônico. Também os gregos exibem majoritariamente uma filosofia límpida e clara: generosa e ampla em Simplício, sintética em Temístio, inteligente e coerente em Alexandre de Afrodísia, sutilmente elaborada em Teofrasto, dinâmica e gentil em Ammonios. E se deseja-se recorrer aos platônicos, para falar só de alguns, temos em Porfírio a abundância dos argumentos e uma complexa religiosidade; a filosofia secreta e os mistérios primitivos podem-se rastrear em Jâmblico; a obra de Plotino mostra-se no todo admirável, porque fala divinamente das coisas divinas e quando fala das coisas humanas supera a todos os homens, a tal ponto que com esforço mal o entendem os próprios platônicos. E omito os mais recentes: Proclo, de luxuriante fertilidade asiática, e de quem fluíram Hérmiás, Damáscio, Olimpiodoro e tantos outros, em todos os quais brilha sempre aquele "o divino" emblema característico dos seguidores do grande Platão.”

Por último, equivalentemente a Ficino, a filosofia não é vã especulação “externa” sobre ideias, mas parte intermediária da ascensão para o conhecimento verdadeiro. Em uma direção que nos antecipa já um horizonte ascético:

“Diz o Êxodo: «Os que, ainda impuros, precisem da moral, habitem com o vulgo fora do tabernáculo, sob o céu descoberto, como os sacerdotes gregos, até que estejam purificados. Os que, em mudança, já adaptaram seus hábitos e foram recebidos no santuário, não toquem ainda as coisas sagradas, senão, através de um noviciado dialético se ofereçam ao serviço dos sagrados ofícios da filosofia. Admitidos finalmente, contemplem nas restrições da filosofia, já o

multicolor, isto é, sideral ouropel do palácio de Deus; já o candelabro celestial de sete lumes; já os elementos feitos de pele, para que sejam recebidos nas mais profundas moradas do templo por mérito da teologia sublime”.

Com referência às “restrições da filosofia”, não podemos senão associar a certos registros experimentados na Disciplina mental.⁸⁶

A Teologia

Como expressa o parágrafo anteriormente citado, Pico localiza a teologia no plano do conhecimento superior. O homem pode aspirar a dois tipos de “*felicitas*”:

“Felicitas natural é quando alguém atinge a Deus nele mesmo; supernatural é quando atinge a Deus em Si mesmo.”⁸⁷

Não passa despercebido para Pico que aquela “felicidade natural” está limitada por mecanismos próprios da consciência humana, e que isto por sua vez afeta de algum modo a liberdade do Homem. Por isso orienta para “*escutar aos santos filósofos, que nos recordam de nossa dignidade*”.

Mas o ser humano pode transgredir finalmente suas próprias limitações:

“A verdadeira e consumada felicitas leva-nos de regresso e dirige para a perfeita união com aquele princípio do qual somos emanados – para o propósito de olhar para a cara a Deus, o qual é o Bem completo, como Ele Mesmo diz.”

“Esta capacidade está limitada ao ser humano e aos anjos e não há homem nem anjo que possa progredir a este nível sem a ajuda de Cristo.”

Cristo possui a virtude – de acordo com o esquema de Pico – de ser mediador entre o homem e deus e especialmente nesta última “escalada” para a felicidade suprema, por estar ele constituído de ambas as propriedades, a humana e a divina.

Pico mostra aqui como ele entende seu cristianismo e sua adesão a uma igreja que não estava muito contente com o fato de tê-lo como um de seus prosélitos. Essa igreja o expulsou de seu seio pouco depois de proibir a impressão e divulgação de suas Conclusões⁸⁸, sendo absolvido de heresia só um ano antes de deixar este mundo.

Por outro lado é necessário consignar a forte influência que teve sobre ele nesses últimos anos a exaltada prédica de Girolamo Savonarola. Este monge dominicano desenvolveu uma crítica feroz ao modo de vida renascentista, ao prazer sensorial, à vaidade mundana e à corrupção eclesiástica, instigando os fiéis a voltar para uma vida singela. O movimento que gerou foi também um catalisador do mal-estar dos grupos mais despossuídos da sociedade, razão pela qual adquiriu relevância e poder. Erigido um tipo de profeta com qualidades visionárias, quando da invasão do rei francês

⁸⁶ Como aquela barreira que se experimenta na determinação à que nos submete a forma mental.

⁸⁷ Do Heptaplus, Pico della Mirandola, trad.ao italiano por E. Garin,cit.por C.Black *Pico's Heptaplus and Biblical Hermeneutics*, Brill, Leiden-Boston, 2006

⁸⁸ Segundo opinião de vários estudiosos, este foi o primeiro livro proibido pela inquisição.

Carlos VIII a Florença, ele conseguiu a expulsão dos Médici do governo, impulsionando uma República com forte tom teocrático.

Esse episódio consistiu na tentativa de recuperar a paisagem medieval. Um símbolo tristemente conhecido foi a “fogueira das vaidades”, onde os seguidores do “monge negro” queimaram livros, arte e tudo o que considerassem suntuoso. Aquilo mal durou quatro anos. Savonarola foi finalmente excomungado e executado.

É possível que Pico admirasse em Savonarola a rebeldia, a devoção e a aspiração de se elevar para estados de inspiração profética, qualidades que de alguma maneira o fazia próximos. Pico ingressou também na ordem Dominicana. No entanto, não viveu o período escuro e degradante do acesso ao poder do frei predicador. Deixou seu corpo no mesmo dia em que as tropas francesas entravam em Florença, em novembro de 1494, com apenas trinta e um anos.

Sobre o Propósito

Parece-nos que nas páginas anteriores aparecem já claramente traços do que poderia ser formulado como o Propósito de Pico em sua elevação interior.

É essencial na apreciação deste Propósito, mesmo a risco de nos repetirmos mais adiante, a citação que faz referência à liberdade como natureza verdadeira do Ser Humano:

“Não te dei, oh Adão, um lugar definido, um particular aspecto nem uma prerrogativa peculiar. Isto persegue o objetivo de que tenhas um lugar, um aspecto e as deferências que conscientemente escolhas, e que, de acordo com tua intenção, ganhes e conserves. A natureza definida dos outros seres está constrangida pelas precisas normas que tenho prescrito.

No entanto tu, não limitado por carência alguma, a determinarás segundo o arbítrio a cujo poder te consignei. No centro do mundo coloquei-te para que observes, com conforto, quanto nele existe. Assim, não te criei nem celeste nem terreno, nem mortal nem imortal, com o propósito de que tu mesmo, como juiz e supremo artífice de ti mesmo, te desses a forma e te plasmasses na obra que elegesses. Tanto poderás degenerar nessas bestas inferiores como te regenerar, segundo teu ânimo, nas realidades superiores que, por verdadeiro, são divinas.

Oh, magnífica liberdade de nosso Deus pai! Oh, admirável destino do homem a quem lhe foi concedido obter o que ele desejar, ser o que ele queira!..⁸⁹

Desde essa concepção eminentemente libertaria da vida humana, o Homem pode descender, vivendo como besta, ou ascender para o conhecimento superior. Pico sabe que pode eleger, e elege:

⁸⁹ Esta citação, ao igual que as seguintes neste capítulo provem da *Oração sobre a Dignidade do Homem*, G. Bico della Mirandola, 1486, talvez um dos textos mais célebres do Renascimento, pese a ser inédito por interdição da igreja católica.

“Invada nosso ânimo uma sacra ambição de não nos saciarmos com as coisas medíocres, mas almejarmos as mais altas, de nos esforçarmos para atingi-las com todas nossas energias, dado que, com querê-lo, poderemos. Desdenhemos as coisas terrenas, desprezemos as astrais e, abandonando todo o mundano, voemos para a sede ultra-mundana, próxima do pináculo de Deus.”

Fazendo referência aos mistérios e as iniciações da Grécia antiga e a uma ascensão progressiva que, com forte inspiração (a loucura socrática) nos levará a ligar com o divino, “nos tirando da mente” (isto é, transcendendo os mecanismos mentais habituais):

“Que outra coisa querem significar, efetivamente, nos mistérios dos gregos os graus habituais dos iniciados, admitidos através de uma purificação obtida com a moral e a dialética, artes que nós consideramos já artes purificadoras? E essa iniciação, que outra coisa pode ser se não a interpretação da mais oculta natureza através da filosofia?

E finalmente, quando estavam assim preparados, sobrevinha a famosa Epopteia, vale dizer, a inspeção das coisas divinas mediante a teologia. Quem não desejaria ser iniciado em tais mistérios? Quem, eliminando toda coisa terrena e desprezando os bens da fortuna, esquecido do corpo e ainda peregrino na terra, não desejará chegar à comensal dos deuses e, orvalhado com o néctar da eternidade, receber, criatura mortal, o dom da imortalidade? Quem não desejará estar assim inspirado por aquela divina loucura socrática, exaltada por Platão no Fedro, ser arrebatado com rápido vôo para a Jerusalém celeste, fugindo com o bater das asas e dos pés deste mundo, reino maligno?

Oh sim, que nos arrebatem, oh pais, que nos arrebatem os socráticos furores nos tirando da mente até o ponto de pôr a nós e à nossa mente em Deus!”

“Mas como pode ser julgado o fato de amar o que não se conhece?” – perguntar-se-á Pico no mesmo discurso. Isso mostra que o conhecimento joga um papel importante em sua escala de valores e seu propósito.

“Tampouco tenho esperado nem tenho buscado nunca em meus estudos e em minhas meditações nenhuma gratidão nem nenhum fruto que não fosse a formação de minha alma e o conhecimento da verdade, para mim, o objetivo supremo.”

E esse conhecimento deve ser "des-coberto":

“Sem dúvida, não foi obra da prudência humana senão da divina, manter tudo isto oculto ao vulgo e o comunicar só aos perfeitos, aos únicos entre os quais, afirma Paulo, é digno pronunciar palavras de sabedoria e os antigos filósofos respeitaram escrupulosamente esse mandato.”

Podemos conjugar num Propósito firme as pistas que nos oferece Pico? Como combinar aquela manifesta vocação de liberdade, a vontade de ligar com o divino transcendendo as limitações do corpo e a consciência, a necessidade de reconhecer um Plano, desvendando os mistérios por trás dos quais este se oculta e unir filosofias,

culturas e religiões nisso? É lícito inferir um Propósito ou será fruto de uma projeção inútil?

Fora isso, já não pode haver dúvidas a respeito de que, qualquer que tenha sido seu Propósito, ele se dirigia à busca de verdades transcendentais, o qual é suficiente para o interesse que impulsiona este trabalho.

E pode ser que o que Pico ansiava fosse conseguir Paz, paz consigo mesmo e entre os homens, paz interna e universal,

“E recorramos ao justo Job, que antes de ser insuflado da vida fez um pacto com o Deus da vida, e perguntemos-lhe que é o que o Sumo Deus prefere, sobretudo, nesses milhões de anjos que estão junto a ele: «A paz», responderá sem dúvidas, segundo o que se lê em seu próprio livro: (Deus é) Aquele que faz a paz no alto dos céus”.

Paz perpétua e definitiva

“Sem dúvida, oh Pais, múltipla é a discórdia em nós; temos graves lutas internas piores que as guerras civis. Se queremos fugir delas, se queremos obter essa paz que nos leva ao alto entre os eleitos do Senhor, só a filosofia moral poderá tranquilizá-las e compô-las. Sobretudo se nosso homem estabelece trégua com seus inimigos e freia os decompostos tumultos da besta multiforme e o impulso, o furor e o assalto do leão. Então, se mais solícitos de nosso bem, desejamos a segurança de uma paz perpétua, esta virá e preencherá abundantemente nossos votos: mortas uma e a outra bestas, como vítimas imoladas, ficará sancionado entre a carne e o espírito um pacto inviolável de paz santíssima. A dialética acalmará as desordens da razão tumultuosamente mortificada entre as pugnas das palavras e os silogismos capciosos. A filosofia natural tranquilizará os conflitos da opinião e as dissensões que trabalham, dividem e laceram de diversos modos a alma inquieta. Mas, os tranquilizará de modo que nos faça recordar que a natureza, como tem dito Heráclito, é engendrada pela guerra e por isso é chamada por Homero “contenda”. Por isso não pode nos dar verdadeira quietude e paz estável, dom e privilégio, no entanto, de sua senhora, a santíssima teologia. Esta nos mostrará a via para a paz e nos servirá de guia, e a paz, vindo de longe que nos aproximamos, “Venham a mim”, gritará, “você que estão cansados, venham e os restaurarei, venham a mim e lhes darei a paz que o mundo e a natureza não pode lhes dar”.

E, seguindo essa voz interior,

“Tão suavemente chamados, tão benignamente convidados, com alados pés como terrenos Mercúrios, voando para o abraço da beatíssima mãe, a ansiada paz gozaremos; paz santíssima, indissolúvel união, amizade unânime pela qual todos os seres animados não só coincidem nessa Mente única que está acima de toda mente, senão que de um modo infável se fundem em um só.”

Descrições alusivas ao contato com o Sagrado

Igual que em Ficino (enquanto tradutor), encontramos também em Pico (enquanto compilador de sabedoria) certa dificuldade em diferenciar comentários alheios do que poderia ser depoimento de experiência. Complicando mais ainda, para Pico – como temos visto – as referências cruzadas com respeito à coincidência de registros, segundo fontes culturais diversas, cumprem um papel central em sua mensagem. Avançaremos por tanto incluindo esta incógnita como mais um mistério...

A visão de Pico sobre a criação do cosmos, em sintonia com o pensamento cabalístico e neoplatônico, consistia em que o deus produzia, através de uma primeira, única e perfeita emanção, uma entidade intermediária chamada *Mente (nous)*. Esta entidade era a responsável posterior da geração de todo o existente. Assim é que a via para reencontrar-se com o deus – de um modo similar ao da circularidade ficiniana (ou platônica) – consistia em percorrer o caminho inverso. Este caminho encontra duas etapas diferentes: a fusão do intelecto humano com a *Mente (a felicitas natural)* e a possibilidade de conectar mais além dela, com um longínquo e inescrutável deus (*a felicitas supernatural*).⁹⁰

Com respeito ao primeiro estado (que bem podemos relacionar com o de Reconhecimento ou a Chochmá da árvore da Cabala ou “Plano” em nosso mapa dos Estados Internos), Pico expressa:

“Bem como é a felicitas das gotas d’água que arribam ao oceano, onde está a plenitude da água, assim é nossa felicitas de tal modo que, qualquer que seja a porção de luz intelectual em nós, se una um dia à verdadeiramente primeira de todas as coisas intelectuais e mente primeira, na qual está a totalidade do conhecimento.”⁹¹

Prévio a nos encaminhar para a sabedoria, é necessário limpar impurezas, num primeiro nível de desapego sensorial mediante a conduta moral, habitando “*com o vulgo fora do tabernáculo, sob o céu descoberto, como os sacerdotes tessálios, até que estejam purificados.*” Ou como diz o seguinte texto, refreando “*os ímpetos das paixões*”.

“E certamente que por eles seremos arrebatados se antes temos cumprido tudo quanto está em nós; se com a moral, efetivamente, têm sido refreados até seus justos limites os ímpetos das paixões, de maneira que estas se harmonizem reciprocamente com estável acordo; se a razão procede ordenadamente mediante a dialética, nos embriagaremos, como excitados pelas Musas, com a harmonia celeste. Então Baco, senhor das Musas, manifestando-se a nós, virados já filósofos, em seus mistérios, isto é, nos signos visíveis da natureza e os invisíveis segredos de Deus, nos embriagará com a abundância da mansão divina na qual, se somos do todo fiéis como Moisés, a sobrevivência santíssima teologia nos animará com dúplice furor.”

⁹⁰ Desta forma concilia diferentes olhares filosófico-espirituais, encontrando também sustento para seu próprio caminho que se dirige, pela via do Reconhecimento, para verdades objetivas mais altas de cada vez.

⁹¹ Heptaplus, Pico della Mirandola, 6:6, 1489 (tradução de E.Garin)

Para depois de tal embriaguez, ficar em estado contemplativo até prosseguir ao estado superior por via de um “indizível amor” não sendo já “*nós mesmos*”:

“Sublimados, efetivamente, em sua excelsa atalaia, referindo à medida do eterno as coisas que são, que foram e que serão, e observando nelas a original beleza, qual febeos vates, seus amadores alados, até que, postos fora de nós num indizível amor, possuídos por um estro e cheios de Deus como Serafins ardentes, já não seremos mais nós mesmos, senão Aquele que nos fez.”⁹²

Neste último parágrafo Pico descreve aquele momento fazendo clara referência ao verdadeiro “deslocamento do eu” (“*possuídos por um estro e cheios de Deus*”) para então “como serafins⁹³ ardentes, não sermos mais nós mesmos, senão Aquele que nos fez”.

Em *De ente et uno*, Pico volta em tom mais discursivo, falando sobre a dificuldade de apreender realmente o inapreensível, ainda despojando ao Um de toda particularidade de acordo com os ensinamentos da “teologia negativa” dos neoplatônicos.

“Não temos chegado ainda a Deus em si. Até agora, sintetizando, como o que dizemos de Deus é inteiramente compreendido, estamos na luz. Mas, tudo o que dizemos e percebemos é uma mera bagatela, considerando a infinita distância que separa a Divindade da capacidade de nossas mentes. Ascendendo ao quarto passo, entramos na luz da ignorância, e cegados pela nuvem do esplendor Divino, exclamamos com o Profeta: “Desmaiei em teus aposentos, Oh, Senhor”, finalmente declarando isto uma coisa sobre Deus, que é incompreensível e inefável por sobre tudo o que possamos dizer ou pensar a respeito do mais perfeito, o pondo de maneira preeminente sobre a Unidade e essa Bondade e essa Verdade que temos podido conceber e sobre o próprio ser.”⁹⁴

Nesta fase Pico alude quase por completo ao ensinamento vertido pelo místico neoplatônico-cristão Pseudo Dioniso. Reproduzimos aqui duas passagens de sua Teologia mística. Encontramos, na primeira, referências ao estado de suspensão do eu:

“Pedimos poder chegar a essa Escuridão que está acima da luz, e que, sem ver e sem saber, possamos ver e conhecer o que está acima de toda visão e conhecimento a partir de compreender que, não vendo e não sabendo, atingimos verdadeira visão e conhecimento.”⁹⁵

Nessa situação, como o explica Silo em seus Apontamentos de Psicologia, “*nada deve aparecer como representação, nem como registro de sensações internas. Não pode, nem deve haver registro dessa situação mental.*”

⁹² Ambas as citações provém da *Oração sobre a dignidade do Homem*, G. Pico de la Mirándola, 1486.

⁹³ Os Serafins eram, segundo a hierarquia angélica que Pico expõe, a categoria superior, próxima a Deus .

⁹⁴ *De ente et uno*, G. Pico Della Mirándola, 1489, trad. Para o inglês V. Hamm (1943), Marquette University Press Milwaukee, Wisconsin, 2001, tradução para o castelhano própria.

⁹⁵ *Mystical Theology*, Pseudo Dionisio, o Areopagita em *The Complete Works*, Colm Luibheid, Paulist Press, 1987, tradução ao castelhano própria.

O que Pico expressa, citando explicitamente a Pseudo Dioniso:

“Ele é nem verdade nem reino, nem unidade, nem divindade, nem bondade, nem espírito como nós o entendemos; não pode ser aplicado a Ele os nomes de filho ou pai ou de qualquer outra coisa no mundo conhecida por nós ou de qualquer outra entidade. Ele é nada do que não é, nada do que é. As coisas que são não o conhecem tal como É, nem Ele conhece as coisas como elas são. Dele não há definição, nem nome, nem ciência. Ele não é escuridão nem luz, não é erro nem verdade.”⁹⁶

Terá atingido Pico registros daquele estado? De acordo com aquela Nuvem do Não-Saber, fundamental referência da mística medieval, podemos só afirmar, com absoluta certeza, que não o sabemos.

Sobre as vias de acesso ao Profundo

Precisa é a imagem de Pico a respeito do caminho a percorrer para encontrar-se com os máximos significados na vida humana.

Para alegorizar as etapas da Ascensão utiliza a bíblica Escada de Jacob

“O patriarca sapientíssimo nos ensinará que enquanto dormia no mundo terreno, velava no reino dos céus. Ensinar-nos-á mediante um símbolo (tudo apresentava-se assim aos patriarcas) que há escadas que do fundo da terra chegam ao sumo céu, distinguidas numa série de muitos degraus: na cúspide: senta-se o Senhor, enquanto os anjos contempladores alternativamente sobem e descem.”⁹⁷

Mas, antes de acometer a subida pelos degraus é necessário “limpar-se”:

“quem ousará, pergunto, tocar as escadas do Senhor com os pés impuros ou com as mãos pouco limpas?

(...) Mas, que são estes pés e estas mãos? Sem dúvida o pé da alma é essa parte muito vil com a que ela se apoia na matéria, como no solo: e eu a entendo como o instinto que alimenta e engorda, pávio de libido e mestre de sensual brandura. E por que chamaremos mãos da alma ao mais irascível que, soldado dos apetites por eles combate e rapina, baixo o pó e o sol, e pega o que a alma terá de gozar adormecendo-se na sombra? Para não ser expulsos da escada como profanos e imundos, estes pés e estas mãos, isto é, toda a parte sensível em que têm sede os afagos corporais que, como costuma se dizer, aferram a alma pelo pescoço, lavemos com a filosofia moral, como na água corrente”.

Com referência a esta conexão de uma conduta moral na vida com o processo ascético, Pico precisa em outro texto:

⁹⁶ Idem nota 94.

⁹⁷ Esta citação e as seguintes são da *Oração sobre a Dignidade do Homem*.

“Dado que falamos mais de outras coisas que de nós mesmos, enquanto escrutamos as alturas, atendamos a não viver baseados por demais numa maneira indigna de seres aos quais tem sido dado o poder divino de pesquisar as coisas divinas.”⁹⁸

Para continuar com a escalada *“dissipando a escuridão mental com a dialética, purifiquemos a alma, limpando das manchas da ignorância e do vício, para que os afetos não se desencadeiem nem a razão delire. Na alma então, assim composta e purificada, difundamos a luz da filosofia natural, levando-a finalmente à perfeição com o conhecimento das coisas divinas”*.

Em outra descrição similar, que nos remete às direções dedutivas ou indutivas do pensar, reconhecemos no texto parte dos caminhos de “ida e volta” (o múltiplo no Um e o Um no múltiplo) ensaiados na Disciplina.

“Quando tenhamos conseguido isto com a arte discursiva e raciocinante e já animados pelo espírito querúbico, filosofando segundo os degraus da escada, isto é, da natureza, e escrutando tudo desde o centro e endereçando tudo ao centro, ora desceremos, desmembrando com força titânica o Um no múltiplo como Osíris, ora nos elevaremos reunindo com força apolínea o múltiplo no Um como os membros de Osíris até que, pousando por fim no seio do Pai que está na cúspide da escada, nos consumaremos na felicidade teológica.”

Encontramos uma descrição ainda mais precisa sobre possíveis vias de acesso ao Profundo numa detalhada análise⁹⁹ a respeito do *Commento* de Pico em relação à *Canzone de Amore*¹⁰⁰ do poeta G. Benivieni. Novamente encontramos aqui similitude de registros com experiências propostas na Disciplina Mental.

Assim explica algumas passagens do *Commento* o estudioso Crofton Black:

“Todos temos um potencial intelectual duplo. Por um lado este pode pensar com sua “parte racional”, a que depende do dado sensorial e está portanto sujeita a erro, e por outro lado pode pensar com sua “parte intelectual” que recebe verdadeiras formas intelectuais de maneira direta, por iluminação.”

“Pico lê as últimas estâncias (moradas) do poema de Benivieni como dramatização da ascensão de uma parte a outra, do conhecimento de uma pessoa bela em particular ao conhecimento da essência completa da beleza. A ascensão está demarcada em seis graus. O processo de cognição começa com a recepção de uma coisa particular pelos órgãos dos sentidos. (grau 1)”¹⁰¹

Que Pico expressa assim: *“À alma voltada aos sentidos Ihe é apresentada primeiramente a beleza particular de Alcibíades, Fedro ou qualquer outro corpo denso”¹⁰²*.

⁹⁸ Idem nota 94.

⁹⁹ Esta análise provém de C. Black, *Pico's Heptaplus and Biblical Hermeneutics*, ed. citada na nota 87

¹⁰⁰ A obra de Benivieni –membro do círculo neo-platónico florentino- é a tentativa de pôr em verso a visão desenvolvida por Ficino em sua obra *De Amore*, isto é, seu comentário sobre O Banquete de Platão.

¹⁰¹ Obra citada na nota 94.

¹⁰² Tradução ao castelhano própria, baseada na versão italiana de E.Garín.

Referência no ponto de partida para nos introduzirmos ao mundo mental, desde os objetos diferenciados, e pondo de manifesto a ação dos sentidos nesses objetos (como nos primeiros dois passos da Disciplina mental)

*“Esse objeto particular e material dos sentidos passa à “alma racional”, aqui é submetido a um processo de abstração que ocorre na imaginação, que o despoja de certa parte de seu material e individual contexto. (grau 2)”*¹⁰³

Nas palavras de Pico:

“A alma reforma em si, com sua virtude interior, aquela imagem recebida pelos olhos, ainda material e fantástica, fazendo-a mais perfeita à medida que a faz mais espiritual, separando-a cada vez mais da matéria, aproximando-a da beleza ideal mesmo que esta se encontre ainda longínqua”.¹⁰⁴

Não há dúvida que aqui nos é falado da ação da consciência em seu espaço de representação. Enquanto nós temos experimentado na primeira quaterna a “ilusão” como resultante da ação da consciência com respeito à “realidade” dos objetos, no olhar platônico essa suposta realidade é transcendida por “outra realidade”, a ideal, para a qual a representação não nos desvia, mas nos aproxima.

*“Eventualmente, produz-se ali um ponto onde a consideração de “várias e numerosas belezas” nos leva ao “conceito” do belo, uma noção de beleza universal sem dimensão material. (grau3)”*¹⁰⁵.

Pico: *“Quando a alma, com a luz do intelecto-agente, separando toda particularidade daquela imagem recebida, considera em si a natureza própria da beleza corporal, não mais entende a imagem própria de um único corpo, mas a beleza universal de todos os corpos”*.¹⁰⁶

Significados que a memória nos devolve como síntese de percepções anteriores, como temos podido verificar “vendo na consciência a memória”.¹⁰⁷

“Mesmo este nível avançado de conceitualização é ainda derivado das impressões dos sentidos, desta maneira o conceito universal é visto “como um raio de sol embaixo d’água”.”

Deformação que nos recorda a distância experimentada ao finalizar nossa primeira quaterna mental entre o objeto e sua representação, em virtude da ação dos sentidos, a consciência e a memória.

*“Quando a alma se afasta da contemplação das coisas derivadas dos sentidos e olha dentro de si, vê uma “beleza mais perfeita” a qual não é “uma simples sombra”, mas “uma imagem mais verdadeira do verdadeiro sol”. (grau 4)”*¹⁰⁸

¹⁰³ Idem nota 101

¹⁰⁴ Idem nota 102

¹⁰⁵ Idem nota 101

¹⁰⁶ Idem nota 100

¹⁰⁷ A memória é uma entidade de fundamental importância na cosmologia platônica por sua íntima relação com a estadia divina da alma, antes de “cair” para o mundo.

¹⁰⁸ Continuam as citações da análise de C.Black sobre o *Commento* de Pico.

Este estado, próprio da lógica da ascensão platônica, parece falar da redução eidética (que depois retomará a fenomenologia) e na qual nós nos introduzimos na segunda quaterna de nossa disciplina, estando nosso interesse dirigido não aos objetos, mas a observar a forma mental da consciência (ato-objeto).

“Esta “imagem mais verdadeira” é, no entanto, ainda parcial, porque o que a alma vê é beleza universal participada dentro de si e uma alma individual não pode receber a completa essência da beleza universal.”

No comentário de Pico: *“De onde logo depois do próprio intelecto ascendendo... onde a Vênus celeste em própria forma, e não imaginária, mostra-se a ele, no entanto sem a total plenitude de sua beleza, que num intelecto particular não cabe”.*

Descrição que relacionamos com aquele “solipsismo” do passo 8, que parece confinar toda “verdade” ao fechamento da consciência individual, determinada por sua forma mental.

“Para elevar ao entendimento da essência completa, a alma deve ser elevada da contemplação de si mesma para a conjunção com a primeira Mente (graus 5 e 6). Isto é, no poema comentado, a luz que está suspensa perto do Sol”, representando o próprio Sol a Deus.”¹⁰⁹

A conjunção com a “primeira Mente” nos aproxima de registros próprios do passo 10 da Disciplina Mental, sendo muito interessante a utilização do termo “suspensa”.

Pico anota a existência de um estado ainda mais alto. Este estado não faz parte legítima do progresso da alma para o conhecimento. No entanto:

“Quando a alma chegou a este ponto, no sexto grau, completou seu caminho e não é lícito a ela se mover ainda mais para o sétimo grau, como o Shabat do amor celestial. Ao invés disso, deve descansar ali felizmente, como em seu fim, junto ao primeiro Pai, fonte de beleza”¹¹⁰.

Tradução em significados e estilo de vida de caráter humanista

“Mas, finalmente, parece-me ter compreendido por que é o homem o mais afortunado de todos os seres animados e digno, portanto, de toda admiração. E compreendi em que consiste a sorte que lhe tocou na ordem universal, invejável não só para as bestas, mas também para os astros e os espíritos ultramundanos. Coisa incrível e estupenda! E por que não, desde o momento em que precisamente em razão dela o homem é chamado e considerado justamente um grande milagre e um ser animado maravilhoso?”¹¹¹

Esta formosa exaltação do Ser Humano continuar-se-á no texto da Oração sobre a Dignidade Humana com aquela passagem já citada anteriormente, a respeito da

¹⁰⁹ Comentário de C.Black com cita textual de Pico.

¹¹⁰ Commento sopra una canzone de amore de Girolamo Benivieni, Pico Della Mirándola, para o italiano por E. Garín (trad. ao castelhano própria).

¹¹¹ Esta cita e as subseqüentes neste apartado pertencem à *Oratio de Dignitate Hominis* de Pico.

liberdade e a possibilidade de eleição que caracteriza a verdadeira natureza humana. Com uma valentia que não pode deixar de despertar admiração, Pico tentará cativar ainda mais a sua imaginada audiência afirmando com determinação seu destino indeterminado.

“Há, pois, alguém que não admire o homem? Esse homem que acertadamente é designado nos textos sagrados, tanto mosaicos como cristãos, tanto com o nome de todo ser de carne, ou com o de toda criatura, precisamente porque se frágua, modela e recreia a si mesmo segundo o aspecto de todo ser e também seu talento, segundo a natureza de toda criatura.”

Exposto o Ser Humano às diferentes possibilidades de Ser, Pico propõe o melhor dos caminhos:

“Por que pôr em relevo tudo isto? Para compreender que desde o instante de nosso nascimento na condição de ser o que queiramos, nosso dever é guardar de tudo isto: que não se afirme que nós, sendo em grau tão alto, não percebemos nos termos tornado semelhantes aos selvagens e às bestas de labor de trabalho. Muito melhor seria que se repetissem a respeito de nós aqueles dizeres do profeta Asaf: «Sois deuses, filhos todos do Altíssimo».”

“Isto é o que se aninha nas primeiras mentes; a ordem paládica preside a filosofia contemplativa e isto é o que primeiramente devemos imitar, buscar e aceitar para que assim possamos ser arrebatados aos cumes do amor e baixar prudentes e preparados, para enfrentar os deveres da ação.”

E reforçando o anterior, vistoriando os diferentes “níveis de existência” em que o Ser Humano pode ser encontrado:

“Portanto, se chegas a ver a alguém arrastar-se pelo solo com seu ventre colado como uma serpente, não é um homem isso que vês, senão uma planta. Se encontras alguém escravo dos sentidos, cegado por sensuais bajulações, não é um homem o que tens defronte, senão uma besta. Se há um pensador que, com reta razão, discerne todas as coisas, venera-o: é um animal celeste, não terreno. Se, por outra parte, há um puro contemplador ignorante do corpo, compenetrado totalmente nas profundezas da mente, esse não é um animal terreno e nem celeste: esse é um espírito mais augusto; um espírito revestido de carne humana.”

Desta maneira, o Príncipe della Mirandola expressa com nitidez suas valorações, que não são outras que a intenção (que pretende fazer extensiva a outros publicamente) de colocar o trabalho ascético como centro do melhor dos estilos de vida humanos.

Com base nesse paradigma, Pico justifica a conduta a seguir com uma singeleza argumental que, no entanto, guarda em si séculos de acendidas discussões. Para ele trata-se simplesmente de imitar em si mesmo aquelas qualidades perfeitas pelas quais de alguma maneira, poderia ver-se refletido deus.

“O melhor preceito, então, que esta discussão pode nos dar, parece ser o de que, se aspiramos a ser felizes, deveremos imitar ao mais feliz e bendito de

todos os seres, Deus, estabelecendo em nós a Unidade, a Verdade e a Bondade.”

Detalhando os fatores que se opõem à Unidade Interna, constatamos como Pico nos remete à contradição suscitada pelo desejo:

“O que perturba a paz da unidade é o vício, a ambição que subtrai de si mesma a alma que se abandona a aquela, desgarrando-a como se fosse por partes e dispersando-a.”

E continua com mais referências sobre o Estilo de Vida:

“A luz resplandecente da verdade, quem não haverá de perdê-la no pó, na escuridão da luxúria? A avareza e a cobiça roubam-nos Bondade, já que é a peculiar propriedade da Bondade, o compartilhar com outros os bens que se possui.”¹¹²

A unidade interna passa então a ser referência de conduta inequívoca, aludindo ademais à inconveniência de seguir uma moral externa e imposta:

“Porque não seremos um e integrados se não vincularmos mediante um laço virtuoso nossos sentidos que se inclinam à terra e nossa razão que tende às coisas celestes. Isto é melhor que ter dois princípios nos governando sucessivamente. Enquanto seguimos a Deus hoje pela lei do espírito e amanhã a Baal pela lei da carne, nosso reino interior está dividido e desaproveitado. E, se nossa unidade é adquirida pela escravidão da razão submetida à lei consuetudinária, essa será uma unidade falsa, porque não seremos assim autênticos.”

Pico põe-nos em presença das mais profundas inquietudes, desde um olhar existencial que não deixa de se relacionar estruturalmente com o cosmos:

“Desde que, finalmente, estes três atributos: Unidade, Verdade e Bondade, estão unidos ao ser mediante um laço eterno, segue-se que, se não possuímos essas virtudes, não existimos, ainda quando pareça que sim o fazemos e ainda que outros achem que existamos, mais do que vivos, estamos de fato em um estado de morte contínua”.

E essa Unidade não fica simplesmente no interior do ser Humano, mas se estende ao Universo inteiro, superando toda divisão entre o terreno e o eterno, pondo o homem e a sua Unidade interna como elemento central da harmonia Universal:

“As coisas terrestres são objeto do Homem, as coisas celestes estão bem dispostas ao Homem, porque ele é o nodo e o vínculo de ambas as coisas, celestiais e terrenas. Estas não podem, no entanto, estar em paz com ele, se ele mesmo, que sanciona sua Paz e seus pactos nele, não está em paz consigo mesmo”.¹¹³

¹¹² As citações são do capítulo X de *De ente et uno*.

¹¹³ Heptaplus, 5.7

Pouco mais de cinco séculos tem decorrido desde então. Aquilo que clama em Pico por dignidade humana, por liberdade e conhecimento, aquilo que pede por unidade interna, que afirma a diversidade e a necessidade de sua convergente conciliação, não só segue vivo, senão que representa hoje um urgente imperativo existencial, uma imagem que nos chama desde o futuro.

A paz seja contigo, Pico...e conosco!

Giordano Bruno

Filipo Bruno (quem depois muda seu nome a “Giordano”) nasce em um mundo dividido. Só três anos antes (1545) tinha se iniciado o concílio de Trento, onde a igreja católica impulsionou a contraofensiva à ruptura produzida no mundo cristão pelos olhares reformistas de Lutero, Calvino e outros. A contrarreforma levaria a marca militante daquela Companhia de Jesus, que fora fundada pelo capitão Ignácio de Loyola em 1540. Para além das fronteiras confessionais desse mundo, que então ficaria banhado em sangue pelas lutas de poder e de fé, o império otomano continuava avançando, manifestando a divisão e o dissenso em torno de um deus supostamente único e comum.

Pouco antes, e seguindo a estela daqueles primeiros marinheiros que meio século antes tinham rompido o cerco de uma faminta e doente Europa com a descoberta de novos territórios, outros navegantes completariam com sua circunavegação¹¹⁴ a evidência de uma curvatura terrestre antes negada pela cartografia mental da idade medieval. Acaso também os céus poderiam ser diferentes? Assim o sentiu Copérnico e sua descrição heliocêntrica¹¹⁵ será publicada em 1543, atacando os alicerces da pétrea cosmovisão ptolomaica. Giordano Bruno defenderá com paixão as novas visões indo inclusive além. Em Copérnico, o Universo é finito e seu centro é o Sol. Bruno, ainda que valorizando os avanços propostos pelo clérigo polonês, afirma a infinitude do universo e a existência de infinitos mundos nele.

“...mas nós, que não olhamos as sombras fantásticas, senão as coisas mesmas¹¹⁶; nós que vemos um corpo aéreo, etéreo, espiritual, líquido, capaz tanto de movimento como de quietude, imenso e infinito – o que devemos afirmar ao menos, porque não vemos limite algum nem sensível, nem racionalmente – sabemos que é verdadeiro que, sendo efetuado e principiado por uma causa infinita e um princípio infinito, deve, segundo sua capacidade física e seu modo, ser infinitamente infinito”.¹¹⁷

O Universo não só era infinito senão que, saindo das rígidas prisões escolásticas, tinha ganhado vida. Pela mesma época aparecem e são difundidos os trabalhos de Paracelso e Agrippa von Nettesheim¹¹⁸ (entre outros vários alquimistas e médicos), que dão conta das forças vivas que animam tudo, na continuidade da transmissão do paradigma hermético.

“Em conclusão, é preciso afirmar com segurança e conservar no pensamento que todas as coisas estão cheias de espírito, de alma, de potência superior, de

¹¹⁴ Magallanes e depois Elcano, seu lugar-tenente que completaria em 1522, a travessia iniciada pelo primeiro, morto nas Filipinas um ano antes.

¹¹⁵ A imagem de um sistema planetário girando ao redor de um núcleo ígneo já tinha sido proposta por Aristarco de Samos dezoito séculos antes, se mostrando aqui também o resgate das fontes gregas tão próprio do Renascimento.

¹¹⁶ Neste “as coisas mesmas” está já pulsando a direção para a experimentação, crítica dos absolutos matematizantes, que derivará em séculos subseqüentes nas tendências empiristas.

¹¹⁷ De “*La Cena delle Ceneri*”, Terzo diálogo, G. Bruno, 1584, Londres (trad. Ao castelhano própria).

¹¹⁸ *La Philosophia Occulta*, em 1533 (C.Agrippa) e *A Completa Philosophia Sagax do Grande e Pequeno Mundo*, em 1537 (Paracelso).

deus ou de divindade, e que o intelecto e a alma estão em todas as partes, íntegros, ainda que não façam tudo em todo lugar.”¹¹⁹

Aqui já nos vamos encontrando com esse animismo unitário de Bruno, o qual não é senão a dissolução no tudo de uma causa primeira infinita e excelsa que “explica” o Universo e se “implica” como princípio nele.

A um passo estamos de encontrar-nos com o contemplador, com o panteísta, quem busca compreender o ente superior e inefável estudando sua obra, reflexo e vestígio de si mesmo. A um passo estamos também do mago, que passa em sua mística da contemplação do Artífice a ser Artífice ele mesmo, transgredindo finalmente toda limitação prévia:

“Mago é o homem que transforma ativamente as vias usadas da realidade, inserindo processos inusitados e subversivos, que testemunham o domínio do homem sobre todas as criaturas”¹²⁰.

E nessa Magia estão intimamente fundidas a Alquimia e a Astrologia. Como o indica o Picatrix¹²¹, texto referente da magia natural, é necessário

“indagar apropriadamente primeiro a situação dos astros para efetuar convenientemente a obra mágica, dado o vínculo que une indissolivelmente a realidade elementar e a celeste”¹²².

Assim se compreende um dos princípios básicos do saber hermético – atualmente já de conhecimento amplo – que diz que “o que é inferior o é conforme o que é superior, e o que é superior o é segundo o que é inferior”¹²³.

Como o indica Cornelius Agrippa:

“No ponto indicado pelos astros como momento de uma grande crise, o homem sábio une habilmente as forças, as combina para obter a obra desejada”.

É compreensível como vários estudiosos – em particular os devedores do pensamento racionalista e positivista – têm visto aqui já o prelúdio do enorme avanço científico dos séculos subsequentes. E efetivamente parece-nos que, em parte, há verdade nisso. No entanto, a matéria não é para Bruno uma coisa inerte, o radical paradoxo de algo existente, no entanto essencialmente insubstancial¹²⁴, mas pelo contrário, esta será compreendida em sua unicidade, superando todo dualismo e aparente contradição.

“E ainda que digo que toda aquela multidão¹²⁵ coincide em um ser indivisível, e que escapa a qualquer dimensão, chamarei de matéria aquilo em que se unem tantas formas. Este ser, antes de ser concebido como variado e multiforme, é

¹¹⁹ De la magia, G. Bruno, Ed. Cactus, 2007, Buenos Aires, p. 46.

¹²⁰ Medioevo y Renacimiento, E. Garín, Gius, Laterza & Figli, Bari, 1954, p. 180.

¹²¹ Manual de Magia árabe, introduzido ao ocidente através das traduções da Escola de Toledo.

¹²² Idem nota 120

¹²³ Citado por E. Garín com referência à obra *Tabula Smaragdina*, outro texto central dos alquimistas.

¹²⁴ Já que é absurdo que seja considerado ‘substância’, isto é, que subsiste, aquilo que é passível de declinação, morte e aniquilação. Com referência à multiplicidade sensível (nota do autor).

¹²⁵ Com referência à multiplicidade sensível (nota do autor).

concebido como uniforme; e antes de ser concebido como formado, é concebido informe".¹²⁶

Elevando essa matéria, tão vilipendiada pela sensibilidade medieval, à condição de imortal:

*"A matéria, portanto, não está em potencial de ser nem é aquilo que pode ser, pois ela é sempre a mesma, imutável, e ao invés de ser o que muda, é aquilo em torno do qual e no qual acontece a mudança."*¹²⁷

E a uma categoria divina e criadora:

"Corresponde, portanto, dizer melhor que a matéria contém as formas e as implica, antes que pensar que esteja vazia delas e que as exclua. Aquela matéria, portanto, que explicita o que tem implicado, tem de ser chamada coisa divina e excelente progenitora, geradora e mãe das coisas naturais, ou melhor, em soma, como a Natureza toda."

Assim completa Bruno sua imagem totalizadora:

"O Universo, pois, é um infinito, imóvel. Uma é, digo, a absoluta possibilidade, um o ato, uma a forma ou a alma, uma a matéria ou o corpo, uma a coisa, um o ser, um o máximo e ótimo; o qual não poderia estar contido em outra coisa, e por isso, sem fim nem término; portanto, infinito e ilimitado, e consequentemente imóvel".

O estudioso Garín ajuda-nos a entender este olhar, complementando o anterior:

*"Porque é o conceito mesmo de unidade fundamental do Ser, próprio de todas as concepções mágicas, o que destrói toda excisão ontológica entre matéria e espírito, entre causalidade material e eficiência da alma"*¹²⁸.

Nesta unidade do Ser, o Homem está comunicado com tudo, sendo esta a condição preliminar da transformação do tudo e, portanto, de si mesmo.

Desta maneira, aquela velha máxima que conduzia ao conhecimento do Todo partindo do lendário "conhece-te a ti mesmo", termina se invertendo maravilhosamente em chave humanista: é conhecendo e transformando o universo que o homem se conhece e transforma a si mesmo.

Enquanto a fé no homem tinha aumentado, alguns assim chamados "homens de fé", prisioneiros das crenças de um mundo moribundo continuaram alimentando o massacre entre facções. Bruno será perseguido por eles e sua vida errante se converterá em uma peregrinação para os centros de poder do conhecimento.

Aprenderá e ensinará nas aristotélicas universidades de Paris e Oxford, se nutrirá nas terras do Languedoc, semeadas de cabala e mnemotecnica mística, sofrerá e eliminará a intolerância protestante em Basileia, ensinará na luterana Wittenberg e em Marburgo, chegando finalmente ao paraíso alquimista na Praga de Rodolfo II. Sua vida

¹²⁶ De la Causa, Principio y Uno, G.Bruno, Ed. Losada, Buenos Aires, 2010,pág.139.

¹²⁷ Esta e a citação seguinte pertencem à mesma obra que a nota anterior, pág. 153, 150-151,157.

¹²⁸ Idem nota 120.

é já a do herói, quem em platônico amor pelo divino, põe no centro de sua vida o entendimento e revelação dos Mistérios e a conseqüente elevação do Ser Humano a uma categoria superior.

Heroísmo que a igreja dominante em sua terra converterá em martírio queimando seu corpo, depois do encarcerar durante oito anos, sem poder apagar seu espírito.

Sobre o Propósito

A atmosfera que inspira o horizonte espiritual de Giordano Bruno - e portanto seu propósito ascético - está em íntima ressonância com a poderosa corrente que o hermetismo desatou a partir de sua difusão renascentista. A seguinte passagem do *Corpus Hermeticum*, um de seus textos nucleares, parece sugerir diretamente um Propósito.

Assim instrui a Mente a Hermes Trismegisto:

“... Assim é como deves conceber deus. Tudo aquilo que é, ele o contém em si mesmo como pensamento, o mundo, si mesmo, o tudo. Portanto, se não te fazes igual a deus, não poderás o compreender, já que toda coisa é inteligível só por outra similar a ela. Eleva-te até atingir uma grandeza acima de toda medida, liberta-te de teu corpo de um pulo, faze-te eternidade e então compreenderás a deus. Convence-te de que nada é impossível para ti, pensa que és imortal e que estás em condições de compreender tudo, todas as artes, todas as ciências, a natureza de todo ser vivente. Ascende até situar-te acima da mais alta cimeira, desce abaixo da profundidade mais abismal. Experimenta em teu interior todas as sensações daquilo que tem sido criado, do fogo e da água, do úmido e do seco, imaginando que estás em todas partes, sobre a terra, e no mar, no céu. Imagina-te que ainda não tens nascido, que te encontras no seio materno, que és adolescente, que estás velho, morrido, para além da morte. Se consegues abranger com teu pensamento todas as coisas em seu conjunto, tempos, espaços, substâncias, qualidades e quantidades, poderás compreender deus.”¹²⁹

Esta direção de elevação do Homem à categoria divina, esta aspiração de conexão com a unidade cósmica, antecipa já as enormes possibilidades humanas.

Em suas próprias palavras, Bruno dirá:

“Convém, pois, que a contemplação deste vestígio de luz me leve, mediante a purgação do ânimo meu, à imitação, conformidade e participação daquela mais digna e alta, na que me transforme e à qual me una.”¹³⁰

Esse “vestígio de luz” é o rastro desse Um, que Giordano precisa uma e outra vez, diferenciando-o do múltiplo e do variável:

¹²⁹ Trata-se de uma passagem do décimo primeiro dos quatorze tratados que Ficino traduziu do *Corpus Hermeticum*, citado por F. Yates em *Giordano Bruno e a tradição hermética*. Ed. Ariel, Barcelona, 1983, pág. 50.

¹³⁰ Os Heroicos furores, G. Bruno, Ed. Tecnos, Madri, 1987, pág. 139.

“Portanto, tudo o que constitui a diversidade dos gêneros, das espécies, das variações e propriedades, tudo aquilo que se funda na geração, a corrupção, a alteração e a mudança, não é ente, não é ser, mas sim estado e qualidade do ente e do ser, o qual é um, infinito, imóvel, substrato, matéria, vida, alma, o verdadeiro e o bom.”¹³¹

Em seu livro “Os heroicos furores”, no início do quarto diálogo, Bruno transmite em boca de um dos protagonistas:

“Descreveremos o caminho do amor heroico enquanto ele tende ao próprio objeto, que é o sumo bem, e do intelecto heroico que se empenha em se unir ao próprio objeto, que é a primeira verdade ou verdade absoluta.”¹³²

O furor heroico é o caminho para a realização da Unidade. Esta é a interpretação de Bruno sobre as “loucuras ou furores” platônicos, ou seja, a busca do estado de consciência inspirada. No termo “heroicos” (*eroici* em italiano) pode se observar uma sutil combinação semântica entre o vocábulo herói e o amor como força de elevação para o divino (*eros*, o deus grego do amor).

Esse propósito é compartilhado com os predecessores históricos, entre os quais Bruno resgata, indo para além do platonismo de Ficino ou a concórdia buscada por Pico entre Platão e Aristóteles, aos filósofos pré-socráticos¹³³.

“Aqueles filósofos que têm encontrado esta unidade têm achado a sua amiga Sofia. Efetivamente: Sofia, verdade e unidade são uma mesma coisa.”¹³⁴

Da mesma maneira que no comentário de Ficino ao Banquete de Platão¹³⁵, a ascensão espiritual é alegorizada por aquela atração que une os amantes intimamente, tão própria do neoplatonismo e do verdadeiro tipo de literatura característica dos momentos iniciais do Renascimento.¹³⁶ E o “mal” produzido por este amor, transforma-se em força benéfica que conduz à comunhão com tudo:

“Porque este mal é compreendido ante o olhar da eternidade como bem ou como guia que ao bem conduz, já que este fogo é o ardente desejo das coisas divinas, essa seta é a impressão do raio da beleza da luz suprema, esses laços são as espécies do verdadeiro que unem nossa mente à verdade primeira e as espécies do bem que nos unem e anexam ao primeiro e sumo bem.”¹³⁷

É o fracasso que se aninha no coração o que leva a alumiar o “último triunfo”¹³⁸:

¹³¹ O selo dos selos, G.Bruno, Pág. 98.

¹³² Idem nota 130, pág. 72.

¹³³ Em especial e explicitamente a Heráclito, Anaxágoras e Parmênides.

¹³⁴ Sobre La Causa, El Principio y Uno, Quinto diálogo, pág.163.

¹³⁵ Obra de eminente caráter neoplatônico, citada anteriormente, inspiradora para Bruno.

¹³⁶ A literatura do “amor cortês”, como nos poemas de Petrarca e de Dante, em conexão também com o bíblico “Cantar dos Cantares” do rei Salomão, também assinalado como fonte pelo hermetismo.

¹³⁷ Esta nota e a seguinte são da mesma obra que a nota 130, pág.60 e 35 respectivamente.

¹³⁸ Referido ao texto de Silo no início do capítulo III do Olhar Interior, Obras Completas Vol. I e II, Ed. Plaza y Valdés, México D. F., 2002.

“...pois a quem o céu favorece, os maiores males lhe são trocados em bens tanto maiores, porque as necessidades alumiam fadigas e esforços e estes, as mais das vezes, glória de imortal esplendor.”¹³⁹

Para conseguir aquele contato com a Unidade, o filósofo plasma poeticamente a necessidade de se centrar em seu propósito, desatendendo outro tipo de desejos. O profundo anseio que se constitui em centro, contém em si o ônus afetivo (o “fogo que arde”) imprescindível para avançar.

*“Chama ao som de trompa o capitão
A todos seus guerreiros baixo uma só insígnia;
E se ocorre que por algum em vão
Se faça ouvir para que cedo acuda
Morte lhe dá qual a inimigo, ou qual a insano
Desterra-o de seu campo e lhe despreza:
Assim a alma aos desejos não acolhidos
Baixo um mesmo estandarte, mortos os quer ou extirpados.
Só um objeto considero,
Quem minha mente preenche um único rosto é,
Em uma só beleza estou absorto,
Um único dardo assim meu coração tem atravessado,
Por um fogo só eu ardo,
E não conheço mais que um paraíso.”*

A primeira parte destes versos também pode ser interpretada livremente como uma alusão à aplicação da atenção sobre os fenômenos de consciência.

A julgar pelo seguinte parágrafo, a potência que desprende uma clara configuração com carga afetiva do Propósito (ou no mínimo a virtude contida no princípio dos “aforismos”) também não é ignorada por nosso humanista.

“Pela contração que se origina do fervor amoroso sabemos que se subseguem eventos de diverso gênero como imitação da coisa imaginada ou vista ou desejada; sabia-o também Jacob, que pondo ante as ovelhas e carneiros umas varas descortçadas de cores diferentes conseguia que os pequenos nascessem com mais de uma cor. Também as mulheres grávidas imprimem ao próprio feto o aspecto e as características da coisa que mais ardentemente desejam.”¹⁴⁰

E até poderia ser interpretada uma frase contida no texto citado a seguir, como alusão ao modo em que trabalha o Propósito desde a copresença, citando o caso tão referencial para a mística da época como o de Tomás de Aquino. A passagem (igual que a anterior) pertence a um capítulo de “O selo dos selos”, no qual Bruno trata detalhadamente diversas técnicas para conseguir estados de transe (denominados por ele “contrações”):

“A este último tipo de contração, não referirei em absoluto aquilo que temos por cumprido num homem de altíssima contemplação, Tomás de Aquino: enquanto este era raptado – recolhidas as forças do ânimo – no céu que se tinha imaginado, se uniram o espírito animal, o sensitivo e o móvel, a tal ponto que o

¹³⁹ Idem nota 130, pág.34.

¹⁴⁰ Obra citada na nota 131.

corpo se elevava da terra livre no ar; e embora os menos cultos atribuam o fato a um milagre e baseando-se numa ignorância arcana e presunçosa não creem facilmente, sabemos, no entanto, como isto possa ser verificado facilmente graças à potência natural do ânimo, e muito antes o sabia Zoroastro. Não sei se os “senhores teólogos” queiram incluir neste tipo de contração o rapto em êxtase de São Paulo, que nem ele mesmo estava certo se tinha ocorrido no corpo ou fora do corpo.”¹⁴¹

Em outro lugar de seus “heroicos furores”, Bruno elabora um diálogo entre a razão e o místico amoroso que nos revela com que intensidade afetiva vivia ou queria viver aquele propósito de conexão com o divino. Ele mesmo introduz a conversa:

“Exatamente o mesmo manifesta-se na seguinte ficção bucólica, em que a razão, sob o nome de Filenio, pergunta, e o Furioso responde sob o nome de Pastor, pois se esmera no cuidado da grei ou rebanho de seus pensamentos, aos quais pastoreia em obséquio e serviço de sua ninfa, que é o afeto daquele objeto em cuja contemplação acha-se cativado.

-F. Pastor! -P. Que queres? -F. Que fazes? -P. Sofro. -F. Por quê? -P. Porque vida e morte recusam-me. -F. E o culpado? -P. Amor. -F. Esse malvado? -P. Esse malvado. -F. Onde está? -P. Fortemente sujeito no meio de meu coração. -F. Que faz? -P. Fere. -F. A quem? -P. A mim. -F. A tí? -P. Sim -F. Com o quê? -P. Com os olhos, portas do céu e do inferno. -F. Esperas? -P. Espero. -F. Favor? -P. Favor. -F. De quem? -P. De quem assim dia e noite me tortura. -F. Tem-no? -P. Ignoro-o. -F. Promete? -P. Não. -F. Nega? -P. Tampouco. -F. Cala? -P. Sim, pois a muita honestidade impede-me a ousadia. -F. Desvairas! -P. Em quê? -F. Na pena. - P. Mais temo seu desdém que meus tormentos.”¹⁴²

Em clara direção de ascensão dirigem-se seus melhores esforços para uma bem alta morada. Nela espera encontrar reconfortante unidade e imortalidade.

“Bem. Então, para voltar a nosso propósito, esta alma descrita tem ascendido de um furor animal a um furor heroico, já que diz: «Quando para o sublime objeto poderei me alçar, e ali morar por fim, junto a meu coração e aos pintinhos seus e meus?» Este mesmo propósito mantém quando diz:

*Quando quererá o destino que remonte o monte,
Que para meu deleite me leve até altas portas
Que fazem essas raras belezas inacessíveis,
E minha tenaz dor conforte forte
Quem meus membros divididos une
E a minhas desfalecidas potências da morte priva?
Mais que seu rival valerá meu espírito
Se ascender aonde já o erro não assalta,
Se atingir a meta à que tende,
Se seguir em sua ascensão ao alto objeto,
E se prender esse bem que um só possui,
Pelo que são tantas faltas emendadas,
Por quem ser feliz tanto compraz,
Como diz quem todo o prediz.”¹⁴³*

¹⁴¹ Idem o anterior, pág.114

¹⁴² Idem nota 130, pág.52

¹⁴³ Idem nota 130, pág. 93.

É preciso destacar que, diferente de certa dualidade neoplatônica que pode ser vista ainda em Ficino, o amor místico não é em Bruno uma negação do corpóreo e terreno e sim superação e integração de aparentes opostos, onde matéria, alma e espírito são parte do mesmo. O propósito desta ascensão é concebido então como purificação, como direção para o melhor do Ser Humano, como caminho de transmutação guiado pelo ideal do Homem primordial.¹⁴⁴

“Estes furores a respeito dos quais raciocinamos e cujos efeitos advertimos em nosso discurso, não são esquecimento, e sim memória, não são negligência de si mesmo, e sim amor e anseio do belo e bom, com os que se tenta atingir a perfeição, se transformando e se assemelhando ao perfeito.”¹⁴⁵

O propósito é um fim em si mesmo, provedor de sentido, para além de todo resultado...

*“Sacio-me em minha alta empresa,
e ainda que o fim almejado não consiga
E ainda que em seu zelo a alma se consuma,*

*Basta que tão nobremente esteja inflamada,
Basta que às alturas eu me eleve
E do número vil possa safar.”*

O “número vil” representa aqui à multiplicidade fenomênica, que confunde o olhar afastando-o da essencial unidade.

Talvez essa unidade com o cosmos, essa transmutação a outro estado do Ser, essa equivalência alegórica do registro de unidade interna que Bruno tanto almeja realizar, seja não só expressão de sua genuína necessidade e propósito, como também reflexo de um profundo clamor para passar a outra etapa histórica, superando assim a desestruturação desgarradora de seu tempo.

Descrições alusivas ao contato com o Sagrado

Reafirmando o comentado antes sobre o Propósito, Bruno dirá:

“Quem de fato não prepara, não busca, não compreende e não realiza a unidade, não prepara, não busca, não compreende e não realiza nada; quem não atinge um só e único sentido e um único entendimento a partir dos múltiplos sentidos e dos múltiplos níveis de conhecimento, não possui nenhum sentido, nenhum entendimento; quem em definitivo não conhece o entendimento em si e não opera através dele, não conhece nada e em nada opera.”¹⁴⁶

Aqui Bruno assinala explicitamente que a intenção subjacente em seu Propósito é que o entendimento e o posterior conhecimento sirvam à “operação”, ou seja, à obra no mundo. Mas, antes é preciso chegar a esse “único sentido e entendimento”, o qual só se produz em contato com a Mente:

¹⁴⁴ Este homem primordial é o ser andrógino criado idealmente. A imagem do homem superior está à base da concepção hermética e é similar ao *adam kadmón* da cabala, ao *insan kamil* do sufismo, encontrando-se também equivalências no hinduísmo.

¹⁴⁵ Esta citação e a próxima pertencem à mesma obra citada na nota 130.

¹⁴⁶ *De la causa, principio y uno*, G. Bruno, Ed. Losada, Buenos Aires, 2010, p. 167.

*“A mente divina e a unidade absoluta, sem espécie alguma, é ela mesma ao mesmo tempo, o que entende e o que é entendido”.*¹⁴⁷

Consciente de sua própria limitação e das dificuldades próprias da empresa, proclama sem duvidar o horizonte para o qual se dirige:

*“Causa, princípio e um sempiterno,
De quem o ser, a vida e o movimento penduram,
E por quem no comprimento, na largura e em profundidade se estende
Quanto há no Céu, na Terra e no Inferno;
Com o sentido, a razão e a mente discirno
Que não há ato, medida nem cálculo que abranger possa,
Aquela força, aquela mole e aquele número
Que excede tudo que possa ser pensado de inferior, médio ou mais alto.
Cego erro, tempo avaro, sorte adversa,
Sórdida inveja, vil raiva, zelo inócuo,
Alma dura, espírito perverso, alheia audácia,
Não serão o bastante para escurecer-me o ar,
Não me porão o véu ante os olhos,
Não haverão de conseguir jamais que não contemple meu formoso sol.”*

Nos versos anteriores, fica claro como Bruno adere aos postulados da teologia negativa inspirados em Plotino e Pseudo Dionísio, que já tínhamos visto também em Ficino. Segundo estes místicos neoplatônicos, é impossível afirmar qualidade alguma sobre o Ser, só se pode ir compreendendo pelo que este “não é”. Por esse prudente caminho, Bruno explica a futilidade de tentar descrever ou denominar o Uno...

“Por isso a semelhança e a analogia aritméticas são mais adequadas que as geométricas para nos guiar, através da multiplicidade, à contemplação e apreensão daquele princípio indivisível, ao qual, por ser a única e radical substância de todas as coisas, não é possível lhe atribuir verdadeiro e determinado nome, não enunciá-lo com palavras que envolvam uma significação positiva antes que negativa; e daí que alguns a tenham chamado ponto; outros unidade; outros infinito, ou com outras parecidas expressões”.

Ainda que às vezes ele sinta desânimo ou frustração na ascensão, persiste nisso...

“Verdadeiro é que, alguma vez, tendo ao amor -que é duplo- por fiel guia, se vendo defraudado em seu esforço -como pode acontecer- por ocasionais obstáculos, aniquila então, qual insensato e furioso, o amor àquilo que não pode compreender; confundido então pelo abismo da divindade, abandona às vezes a partida, voltando depois, no entanto, a forçar-se com a vontade para lá onde não pode chegar com o intelecto.”

Nessa ascensão, sente e explica como a intuição invade as almas com significados conformes à busca, alegorizando-o depois com um belo poema mítico...

“Algumas destas vezes, como acordando e recordando a si mesmas, tomando consciência de seu princípio e origem, voltam-se para as coisas superiores, forçam-se para o mundo inteligível como para sua natal morada, da qual tinham chegado a se afastar pela conversão às coisas inferiores, achando-se sujeitas ao destino e às necessidades da geração. Estes dois impulsos são

¹⁴⁷ Da mesma obra anterior, pág.172.

figurados pelos dois gêneros de metamorfose que se expressam no presente artigo, que diz:

*Esse deus que sacode o fragoroso raio
Foi para Asteria furtivo Aquilon,
Pastor a Mnemosine, ouro a Dânae,
Esposo para Alcmena, para Antíope, sátiro,
Às irmãs de Cadmo branco touro,
Cisne para Leda e a Dólida, dragão.
Pela elevada altura de meu objeto,
De sujeito vil, em deus eu me converto.
Foi Saturno cavalo,
Delfin Netuno, figura de bezerro tornou
Íbis e Mercúrio em pastor converteu-se;
Uva foi Baco, um corvo Apolo,
e eu, em virtude de amor,
Em deus me transformo, sendo coisa inferior”¹⁴⁸.*

Assim, Bruno alude à conversão em um deus, seguindo o mandato hermético.

Como tem sucedido isto? Bruno deixa que o paradoxo seja uma vez mais descrito por outro mito, o de Acteon e Diana...

*“Nos bosques, mastins e lebréus solta
O jovem Acteon, quando o destino
Guia-lhe por caminho incauto e dúbio
Atrás das pegadas de feras montanhosas.
Eis aqui que entre as águas, o mais belo talhe e rosto
Que olho mortal ou divino possa ver,
Púrpura, alabastro e ouro fino,
Viu, e o grande caçador mudou-se em caça.
O cervo que para a espessura
Seus mais rápidos passos dirigia
Foi cedo por seus muitos e grandes cães devorado.
Assim eu meus pensamentos lanço
Sobre a presa sublime, e eles, contra mim voltados,
Morte me dão com cruéis dentadas.”*

Alegoria que explica seguidamente em boca de sua personagem, o poeta Tansillo:

“-Bem sabes que o intelecto prende as coisas inteligíveis segundo seu modo e a vontade persegue as coisas naturalmente, isto é, segundo a razão pela qual é em si. Acteon, com esses pensamentos, esses cães que buscavam fora de si o bem, a sabedoria, a beleza, a montanhesa fera, por este meio chegou a sua presença; fora de si por tanta beleza arrebatado, converteu-se em presa, viu-se convertido naquilo que buscava e advertiu como ele mesmo se trocava na almejada presa de seus cães, de seus pensamentos, pois tendo nele mesmo contraído a divindade, não era necessário buscá-la fora de si.”¹⁴⁹

¹⁴⁸ Este poema faz referência a histórias de deuses que mudam de forma, fecundando o sujeito desejado ou lhe enviando sinais. Mitos destas características, que alegorizam a intrusão divina produzindo inspiração, podem ser encontrados na obra de Ovídio *A Metamorfose*.

¹⁴⁹ *Os heroicos furores*, p. 71. O poema mítico relata como Acteon, um jovem caçador, encontra subitamente a deusa Diana em estado de nudez no meio da espessura, e esta, indignada, converte os cães do caçador em flechas que lhe

Descrevendo os registros que tão elevada “caçada” tem como resultado...

“Pois é termino e fim último desta caçada chegar à captura dessa fugaz e montanhosa peça, pela qual o predador vira a presa, e o caçador a caça.

Em qualquer outra espécie de caçada, em que se perseguem coisas particulares, é o caçador quem atrai para si às outras coisas, absorvendo-as pela boca da própria inteligência; mas tratando-se de divina e universal caça, chega de tal modo a prendê-lo que é ele quem fica forçadamente preso, absorvido, unido.”¹⁵⁰

E é o Amor, esse afeto íntimo, ao mesmo tempo vínculo principal entre todas as coisas, o que leva para o Profundo, abrindo as “negras portas de diamante”...

*“Amor por quem verdade tão alta a ver consigo,
Que abre as negras portas de diamante;
Penetra meu numen pelos olhos e, para ver,
Nasce, vive, nutre-se e eternamente reina.
Faz entrever quanto no céu, terra e inferno é;
Dos ausentes fiéis efigies mostra,
Recobra forças e com certo golpe fere,
e atingindo sempre o coração, o mais íntimo deixa
ao descoberto.”¹⁵¹*

E fala-nos então dessa unidade do Todo como verdade objetiva, transcendente à fenomeneidade relativa:

“Pelo qual deveis entender que tudo quanto há é um, mas não no mesmo modo de ser. Por isso não erra quem diz que o ser, a substância e a essência são todo um, o qual, enquanto que é infinito e sem fim, quanto à substância como quanto à duração, à magnitude e ao poder, não tem caráter de princípio nem de principiado, porque por coincidir nele todas as coisas na unidade e na identidade (quero dizer, no mesmo ser) vem a ter assim uma essência absoluta e não relativa.”¹⁵²

E mais adiante:

“Vós vêis assim como todas as coisas estão no Universo e o Universo em todas as coisas; nós nele, ele em nós; e assim tudo coincide em uma perfeita unidade.”

E não é esta uma clara descrição daqueles registros propostos em “Ver em um e em tudo o mesmo”¹⁵³? Descrição por outra parte que se encontra inúmeras vezes através dos textos bruneanos. Nesta Unidade, os opostos fundem-se e a dualidade¹⁵⁴ é superada.

“Aliás, por compreender em seu próprio ser todas as oposições em unidade e harmonia, e por não poder ter inclinação alguma a outro ser novo, ou por este

dão instantânea morte.

¹⁵⁰ Da mesma obra, pág.183.

¹⁵¹ Da mesma obra, pág.41.

¹⁵² *De la causa, principio y uno*, G. Bruno, Ed. Losada, Buenos Aires, 2010, p. 162.

¹⁵³ Passo 12 da Disciplina Mental, Material da Escola “*As quatro disciplinas*”.

¹⁵⁴ Dualidade que encontra seu complemento máximo no passo 11 da Disciplina mental.

*ou aquele modo de ser, não está sujeito a mutação em qualidade alguma, nem pode possuir nada diverso ou contrário que o altere, pois nele tudo é concorde.*¹⁵⁵

Este estado transcende todo decorrer...

“E por isso, na duração infinita, a hora não difere do dia, o dia do ano, o ano do século, o século do instante; porque não são mais os instantes e as horas que os séculos, e não guardam mais proporção com a eternidade estes que aqueles.”

... dando certeza de imortalidade.

*“Mas, quando consideremos mais profundamente o ser e a substância daquele no qual somos imutáveis, acharemos que não existe a morte não só para nós, mas para nenhuma substância, já que nada diminui substancialmente, mas sim, tudo, marchando através do espaço infinito, muda de rosto.”*¹⁵⁶

Imortalidade que o mago explica através da mudança, nos recordando os modos da “forma permanente em ação”...

*“Alguns espíritos habitam corpos humanos, outros o corpo de outros seres vivos, plantas, pedras, minerais; em soma, não há nada que esteja privado de espírito, de inteligência – e em parte alguma o espírito se reservou uma estadia eterna que lhe corresponderia por direito-; a matéria flutua de um espírito a outro, de uma natureza ou composição à outra, e o espírito flutua de uma matéria à outra; há alteração, mutação, paixão e em fim corrupção, isto é separação de certas partes e composição com outras. A morte não é outra coisa que uma dissolução. Por sua vez, nenhum espírito, nenhum corpo desaparece: não é mais que uma mutação contínua das combinações e das atualizações.”*¹⁵⁷

Portanto, a esperança de conseguir imortalidade e sentido vira certeza.

*“Eis aqui porque não temos de nos atormentar o ânimo, eis aqui que não há nada por que tenhamos que desmaiar. Porque esta unidade é única e estável, e permanece sempre: este um é eterno.”*¹⁵⁸

Bruno reconhece no seguinte diálogo de *Os heroicos furores* (que reproduzimos íntegro apesar da sua extensão em razão de sua clareza expositiva) as diferenças entre estados de deslocamento ou substituição do eu e estados nos que o inspirado intenciona, com lucidez, o Reconhecimento, se transformando ele mesmo em “artífice”:

“...consistem os outros (furores¹⁵⁹) em certa divina abstração pela qual alguns chegam a ser na verdade melhores que os homens ordinários. E estes são por sua vez de duas espécies, pois certos indivíduos, ao se terem convertido em habitáculo de deuses ou espíritos divinos, dizem e fazem coisas admiráveis das que nem eles mesmos nem os outros entendem a razão; são estes geralmente elevados a tal situação desde um primeiro estado de incultura e

¹⁵⁵ Esta cita e a seguinte são da mesma obra que a nota 152, pág.158-159.

¹⁵⁶ *Sobre el infinito universo y los mundos*, G. Bruno, Aguilar Argentina de Ediciones, Bs. As., 1981, p. 57.

¹⁵⁷ Da magia, pág. 42.

¹⁵⁸ Idem nota 152, pág.163

¹⁵⁹ Estados de consciência inspirada.

ignorância, se introduzindo o sentido e espírito divino neles como num receptáculo purgado, vazios como se acham de espírito e sentido próprios; dito espírito divino tem menos ocasião de manifestar-se naqueles que se acham preenchidos de razão e sentido próprios, quiçá porque deseja que o mundo tenha por verdadeiro que se os primeiros não falam por estudos e experiência própria como é manifesto, necessariamente devem falar e fazer por uma inteligência superior; e desta maneira a multidão dos homens professa-lhes, justamente, maior admiração e fé. Outros, por serem destros ou mais capazes para a contemplação e por estar naturalmente dotados de um espírito lúcido e intelectivo, a partir de um estímulo interno e do natural fervor suscitado pelo amor à divindade, à justiça, à verdade, à glória, aguçam os sentidos por meio do fogo do desejo e o hálito da intenção e, com o fôlego da cogitativa faculdade da luz racional com a qual veem além do ordinário e estes não vêm ao fim a falar e fazer como receptáculos e instrumentos, senão como principais artífices e eficientes.

C. - Qual destas duas espécies estimas tu ser a melhor?

T. - Os primeiros têm mais dignidade, potestade e eficácia em si, já que têm a divindade. Os segundos são eles mais dignos, mais potentes e eficazes, são divinos. Os primeiros são dignos como o asno que leva sobre si os sacramentos; os segundos, como coisa sagrada por si mesma. Nos primeiros considera-se e vê-se em seus efeitos à divindade que é admirada, adorada e obedecida. Nos segundos considera-se e vê-se a excelência da própria humanidade.”

E na mesma obra, dá-nos seu depoimento de experiência,

*“Nesta disposição declara o presente Furioso ter permanecido durante «seis lustros», no curso dos quais não tinha chegado a atingir essa pureza de conceito que lhe fizesse apto para abrigar as estrangeiras espécies que, se oferecendo a todos por igual, golpeiam sempre muito próximo da inteligência. Finalmente o amor, que desde diversas partes e em diversas ocasiões em vão havia-lhe assaltado (como em vão se diz que o sol ilumina e esquenta a quantos se achem nas entranhas da terra e em sua opaca profundidade), «por vir a acomodar nessas santas luzes», isto é, por ter mostrado sob duas espécies inteligíveis a divina beleza -a qual havia-lhe unido o intelecto com a razão da verdade e caldeado o afeto com a razão da bondade-, veio a conseguir que fossem vencidos os afãs materiais e sensitivos, que costumavam triunfar permanecendo intactos a despeito da excelência da alma, pois aquelas luzes que faziam presente o intelecto-agente -luminária e sol da inteligência- tiveram fácil entrada através de suas próprias luzes: a luz da verdade, pela porta da potência intelectiva; a da bondade, pela porta da potência apetitiva até o coração, isto é, até a substância do geral afeto”.*¹⁶⁰

Por último, só resta agradecer...

*“Depois de tantos tormentos e fadigas,
Se tal porto as tempestades têm prescrito,
Já outra coisa por fazer não resta
Senão ao céu agradecer
Que o véu pusesse em nossos olhos,
Graças ao qual se fez a luz ao fim presente.”*¹⁶¹

¹⁶⁰ Os heroicos furores, pág. 162.

¹⁶¹ Idem nota anterior, pág. 221.

Sobre as vias de acesso ao Profundo

Penetrar nos segredos ascéticos de um mundo marcado pela magia é uma tarefa que se vê severamente limitada ao comprovar nosso elementar desconhecimento dessas matérias. Por fortuna, tal carência encontra refúgio no interesse fixado para este trabalho, dimensionando as pretensões e permitindo o avanço.

Em todo caso, buscaremos rastros, vestígios, - ou como talvez chamaria Bruno - “sombas”, para nos aproximarmos ao menos de vislumbrar como era aquela intenção ascética.

“Portanto, a sombra prepara a vista para a luz. A sombra mitiga a luz. Através da sombra, a divindade tempera e proporciona, ao olho ofuscado da alma voraz e sedenta, as imagens, mensageiras das coisas. Reconhece, pois, as sombras que não se extinguem, senão que mantêm e custodiam a luz em nós, e mediante as quais somos guiados e conduzidos ao intelecto e a memória.”¹⁶²

Para nos localizarmos mais uma vez no universo mental da mística mágica do renascimento é útil ler o primeiro parágrafo da “Philosophia Occulta” de Agrippa:

“Como há três classes de mundos, a saber: o Elementar, o Celeste e o Intelectual, e cada inferior é governado por seu superior e recebe suas influências, de modo que o próprio Arquétipo e Criador soberano comunica-nos as virtudes de sua onipotência através dos Anjos, dos Céus, das Estrelas, dos Elementos, dos Animais, das Plantas, dos Metais e das Pedras, tendo feito e criado todas as coisas para nosso uso, eis aqui por que não é sem razão que os Magos acham que podemos penetrar naturalmente, pelos mesmos graus e por cada um destes mundos, até o próprio mundo arquetípico, fabricante de todas as coisas, que é a causa primeira da que dependem e procedem todas as coisas, e desfrutar não somente destas virtudes que as coisas mais nobres possuem, como também tentarmos outras novas; e isso é o que faz que se encarreguem de descobrir as virtudes do mundo elementar por meio da Medicina e da Filosofia natural, se servindo de diferentes misturas de coisas naturais, captando no ponto as virtudes celestes mediante os raios e as influências do mundo celeste, seguindo as regras e a disciplina dos Astrólogos e Matemáticos. Enfim, fortalecem e confirmam todas estas coisas através de algumas cerimônias santas das Religiões e através das potências das diversas inteligências.”

Em outras palavras, a Magia é tripla: natural (correspondente ao mundo físico), celeste (correspondendo ao mundo astral) e cerimonial (correspondente ao mundo supra-essencial ou intelectual). Mas estes mundos são um, intimamente unidos, pelo que a ascensão pode ser realizada remontando o descenso.

“Indubitavelmente, se uma concórdia de algum modo indissolúvel liga o final dos primeiros com o início dos segundos, e o pé dos precedentes com a cabeça dos que de perto os seguem, serás capaz de tocar aquela corrente áurea que se representa suspendida entre o céu e a terra; e tal como te é possível descer do céu por ti mesmo, do mesmo modo serás capaz de retornar facilmente ao céu por meio de uma ascensão ordenada”.¹⁶³

¹⁶² *Las sombras de las ideas*, G. Bruno, Ed. Siruela, Madrid, 2009, Intención XV.

¹⁶³ Idem nota anterior, intenção XIII

*“Desta maneira, assim como elevando-nos ao perfeito conhecimento vamos unificando a multiplicidade: do mesmo modo assim que se desce à produção das coisas vai se desenrolando a unidade.”*¹⁶⁴

Do mesmo modo como o Centauro, em sua dupla natureza animal-intelectual representa na roda da metamorfose o ponto médio no descenso, também o é na ascensão, onde o Homem pugna por libertar-se da metade bestial que dita alegoria contém.

Para Bruno, esta ascensão realiza-se no interno, indo ao profundo, onde se verifica a correspondência com o mundo triplo:

“Como entendes tu que a mente aspire alto? Por exemplo contemplando as estrelas? Talvez o céu empíreo, para além do cristalino?”

M.- É claro que não, senão procedendo para o mais profundo da mente, para o qual não é mister abrir imensuravelmente os olhos ao céu, alçar as mãos, dirigir os passos para o templo, aturdir as orelhas das imagens a fim de ser melhor atendido; mas chegar ao mais íntimo de si, considerando que deus se acha próximo, consigo e dentro de si mais do que ele mesmo possa estar, como é próprio daquilo que é alma das almas, vida das vidas, essência das essências, e tendo em conta que vendo acima ou abaixo, ou em torno -como gostes dizer- os astros, estes são corpos, criaturas semelhantes a este globo no que nos achamos e nos quais a divindade não se acha nem mais nem menos presente que neste nosso ou em nós mesmos.”

Neste universo de analogias e correspondências, um universo onde o supremo está ligado ao ínfimo, o mundo médio, celeste, astrológico é o que liga o mundo inteligível com o mundo sensível. Daí descem influências que são reflexo do mundo ideal ou supraceleste, como se expressa no Asclépio:

“Tudo desce do céu, do Um que é o Tudo, atuando como intermediário o céu.”

*“...Continuamente difundem-se por todo mundo eflúvios provenientes dos corpos celestes, através das almas de todas as espécies e de todos os indivíduos, desde um extremo a outro da natureza”*¹⁶⁵.

Mas o Ser Humano não só recebe os influxos, aprende a usá-los transferindo esses poderes a suas operações com o mundo natural. Desta maneira vê-se enquadrada a magia talismânica, onde os magos tentam concentrar poderes astrais e utilizar no mundo inferior, do mesmo modo em que os antigos egípcios modelavam e conferiam atributos às estátuas de seus deuses.

Assim Ihe indica Hermes Trismegisto a Asclépio:

*“Agora que já tenho falado dos vínculos que existem entre os homens e os deuses, deverás conhecer, oh, Asclépio, o poder e a força do homem. Bem como o Senhor e Pai é o criador dos deuses que estão nos céus, o homem é o autor dos deuses que moram nos templos. O homem não se limita a receber a vida, mas também a proporcionar. Não se limita a progredir para Deus, também cria deuses.”*¹⁶⁶

¹⁶⁴ *De la causa, principio y uno*, G. Bruno, Ed. Losada, Buenos Aires, 2010, p. 172.

¹⁶⁵ *Do Asclépio*, segundo Tratado do *Corpus Hermeticum*

¹⁶⁶ Da mesma obra anterior

Bruno concebe, nessa transformação que ele realiza, uma possibilidade descomunal, que ao mesmo tempo é uma necessidade: descobre não só a possibilidade de conhecer e aproveitar o conhecimento do dado, como também a possibilidade de ir infinitamente além, se convertendo em criador e apontando para o mesmíssimo céu com a intenção do transformar, criando, ele mesmo, deuses. Aqui desponta já com clareza seu potente humanismo, assunto ao qual voltaremos no seguinte capítulo.

E como tem de operar nosso mago?

Bem como a magia e a mística de Ficino encontram uma fonte renovadora e especial no neoplatonismo, bem como em Pico o caminho ao conhecimento sagrado produz-se com a imprescindível ajuda da cabala, tem chegado a hora de falar de uma faceta característica que se soma ao anterior na mística bruneana: a arte da memória.

Esta arte, em sua face tradicional uma técnica acessória da oratória, foi muito usada na Idade Média. Em sua concepção clássica, é explicada com clareza por Cícero em *De oratore*: “as pessoas que têm de recordar coisas, devem selecionar lugares e formando vívidas imagens mentais da cada coisa que desejem recordar, as têm de associar a esses lugares, de maneira que a ordem dos lugares eleitos recorde a ordem das coisas selecionadas. Os lugares podem ser abstratos ou imaginários como também as coisas a recordar”¹⁶⁷.

Mais adiante, no prólogo de “O selo dos selos”, continua a explicação:

“Baseia-se pois a técnica em criar antes de mais nada imagens vívidas e claras dos lugares reais ou fictícios, podendo, é claro, aproveitarem-se janelas, pilares e quadros do aposento em que a pessoa se ache. A estes loci (lugares) há que lhes associar imagens bem nítidas da cada coisa a recordar.”

Entre outros esquemas eram muito usados como “lugares da memória” os nove círculos do inferno dantesco ou os doze signos do zodíaco, os quais, multiplicados por três decanos de dez graus cada um, ofereciam – como em Metrodoro de Scepsis – uma boa quantidade de lugares onde alojar ordenadamente conteúdos de memória.

E daí, o que isto tem a ver com a busca de transmutação, com a ascensão para experiências espirituais?

Numa primeira aproximação ao tema, reproduzimos outra citação do mesmo prólogo anterior:

“Bruno parte aqui da concepção tradicional: se o homem tem essência divina, então a divina ordem do universo acha-se dentro do ser humano. Uma arte que reproduza na memória do Microcosmos essa organização divina do Macrocosmos se tornará dona dos poderes cósmicos, já que estes se acham dentro do homem mesmo.”

Ou como o explica F. Yates:

“O mago, já fosse se servindo de imagens talismânicas, ou mediante imagens mnemônicas, esperava adquirir conhecimentos e poderes universais conseguindo, através da organização mágica da imaginação, uma potente personalidade mágica de acordo, por assim dizer, com os poderes do cosmos”.¹⁶⁸

¹⁶⁷ Esta cita é tomada do prólogo de A. Silvestre à edição em castelhano de “O selo dos selos”, G. Bruno, Livros do Inominável, Espanha, 2007

¹⁶⁸ *Giordano Bruno y la tradición hermética*, F. Yates, Ed. Ariel, Barcelona, 1983, p. 224.

E assim parece indicar o próprio Bruno:

“Deste modo, no entanto, poderás conceber e dar a luz com a memória e com o intelecto à estrutura e a concatenação do mundo triplo, com o que nele está contido.”¹⁶⁹

Previamente a continuar aprofundando, é necessário reforçar o entendimento sobre a significação e importância da memória nesses tempos. Esta memória – segundo o olhar neoplatônico - era o lugar onde se guardava a lembrança do estado eterno da alma, era o acordar do letargo (esquecimento) do divino nela, era o lugar para onde se devia regressar. A deusa da memória é Mnemosina, filha de Urano e Gaia, mãe das nove Musas da inspiração. A memória significava então um lugar sagrado, possivelmente equivalente àquilo que nós chamamos o Profundo.

É claro que existia outra memória mais próxima ao manejo na vida terrena e é esta memória à que se tem acesso mais imediato. Bruno, assim como seus predecessores nessa arte, sabe que se pode “fabricar” esta memória, daí o termo “memória artificial” (de ars, “arte”). Nessa criação da memória, a própria pessoa pode acrescentar conteúdos e significados intencionalmente. Esta memória podia ligar diretamente com aquela outra memória universal.

Aqui se faz imprescindível mencionar Ramón Llull, um místico maiorquino, quem no século XIII introduziu na Arte da Memória um sistema de rodas concêntricas onde era possível combinar sucessivamente letras (que correspondiam às iniciais de virtudes divinas) e formar com elas representações que ficassem alojadas assim na memória. Neste sistema, que sem dúvida está ligado à permutação cabalística de caracteres (à que já fizéramos referência em Pico), Bruno encontra uma excelente fonte para armar seu próprio mecanismo transformador.¹⁷⁰

Igualmente que em Ficino - em cuja atração pela medicina podemos observar sua paisagem de formação familiar – vemos em Giordano Bruno de que maneira sua instrução adolescente na ordem Dominicana - famosa no treinamento mnemotécnico - contribuiu para esta via mística particular.

Outro predecessor nisto é Giulio Camillo, quem poucos anos antes do nascimento de Bruno desenvolve o “Teatro da memória”, no qual promete a quem ingresse a ele, poder sair com o conhecimento de todo o criado. Para isso, situa o “espectador” no lugar do palco, e as arquibancadas do teatro se convertem em representações de memória, organizadas em sete segmentos¹⁷¹ que agrupam de maneira hierarquicamente crescente e hemicíclica as ordens que combinadas expressam o existente.

No mesmo espírito de veneração da antiga sabedoria egípcia se fará muito popular no decorrer do Século XVI, a partir das sucessivas versões do lendário editor e impressor

¹⁶⁹ *O Selo dos Selos*, capítulo XVII.

¹⁷⁰ Como episódio significativo, enquanto pesquisávamos esta via acordamos no meio da noite com a imagem análoga das rodas giratórias com as que se estabelecem combinações nas caixas de segurança. Depois de uma breve pesquisa eletrônica comprovamos que efetivamente um dos primeiros antecedentes destes ferrolhos se encontra em “*O Livro do conhecimento de engenhosos aparelhos mecânicos*” do engenheiro e inventor curdo Ao Jazari, conhecido à morte do autor em 1206. Llull nasce ao redor de 1232 e desenvolve suas técnicas lógico-místicas em contato com a sabedoria árabe precedente.

¹⁷¹ Os sete pilares de Salomão.

Aldo Manucio¹⁷², os “*Hieroglyphica*”¹⁷³, uma recriação interpretativa de Horapolo sobre a sîgnica hieroglífica, em cujo simbolismo verá Bruno também signos do Sagrado, num sentido similar à carga mística atribuída ao hebreu pelos cabalistas. Outra fonte de inspiração concomitante é o desenvolvimento amplo da emblemática, uma de cujas obras mais conhecidas, o “*Livro dos Emblemas*” de Alciato, conhecerá múltiplas edições a partir de 1535.¹⁷⁴

Assim é como Bruno desenvolve uma “magia psíquica”, descrevendo o Todo organizadamente em sua memória, e dotando estas representações de energias mágicas, para aceder a estados superiores de consciência.

Citemos mais uma vez a Agripa:

*“Os raios dos astros, animados, vivos, sensíveis, portadores de dons e qualidades maravilhosas, e de um fortíssimo poder, ao instante e ao menor contato imprimem sobre as imagens forças milagrosas, numa matéria que dista de estar bem preparada. Não obstante acordam virtudes mais eficazes para as imagens confeccionadas não com matéria comum mas escolhida, cuja virtude natural contribui à obra com a virtude específica, sendo a figura da imagem semelhante à figura celeste. Tal imagem, tanto por causa de sua matéria naturalmente conveniente para a obra e o influxo celeste, como por causa de sua figura semelhante à figura celeste, e muito preparada para receber as ações e virtudes dos corpos e figuras celestes, tal imagem, digo, se converte de repente em algo capaz de realizar funções celestes; então atua perpetuamente sobre outro sujeito, e as demais coisas inclinam-se para ela por obediência.”*¹⁷⁵

E no capítulo titulado “Imagens segundo a intenção do operador”:

*“Há outras espécies e classes de imagens, sem semelhança com as figuras celestes; seu parecido responde ao desejo do operador, segundo sua intenção, já se trate de efígies ou traços”*¹⁷⁶

Um sábio bem mais próximo parece falar-nos de maneira precisa a respeito destas imagens em seu “Apontamentos de Psicologia”:

*“Podem ser distintos dois tipos de imaginação: a imaginação divagatória e a imaginação plástica ou dirigida. A primeira caracteriza-se pela associação livre, sem guia, na que as imagens se soltam e se impõem à consciência (em sonhos e devaneios, por exemplo). Na imaginação plástica ou dirigida há uma verdadeira liberdade operativa, admitindo-se uma direção em torno de um plano de inventiva na qual é de interesse formalizar algo ainda inexistente.”*¹⁷⁷

Bruno procede nessa formalização em seu espaço de representação gerando imagens complexas que ele denomina selos. Estes selos são uma espécie de emblemas que combinam elementos alegóricos, simbólicos e sîgnicos, que surgem da combinação progressiva de cinco rodas concêntricas¹⁷⁸ de trinta caracteres cada uma. O centro de onde parte a construção é aquele Um, raiz de todas as coisas.

¹⁷² Personagem central da edição e impressão de livros na Itália renascentista.

¹⁷³ O atributo de sacralidade da escrita egípcia vem já denotado pela sua raiz “hieros”.

¹⁷⁴ Trata-se de uma coleção de gravados simbólico-alegóricos, imagens às que Giordano Bruno refere-se explicitamente em seu livro “*Os heroicos furores*”.

¹⁷⁵ A filosofia oculta, parte II, cap. 35, C. Agrippa von Nettesheim.

¹⁷⁶ Da mesma obra anterior, capítulo 49.

¹⁷⁷ Apontamentos de Psicologia, Silo, Ed. cit. pág. 32.

Após complicadas explicações técnicas sobre seu sistema, dirá:

“E assim, como convém, temos explicado de onde, graças, por assim dizer, a uma técnica quase por arte, pode ser conseguido não só a memória das coisas, como também a verdade e a sabedoria humana universal.”

Mas a elaboração mnemônica sem a conexão profunda é vazia de significado e, portanto, inoperante. Para que esta resulte eficaz, é necessário ascender para estados alterados, para estados de inspiração próximos ou conectados com a Mente.

Seguindo assim novamente as recomendações de Agripa, quem nos introduz já no campo da magia cerimonial:

“Quando nosso pensamento é purificado, divinizado e euforizado pelo Amor religioso, enfeitado pela Esperança, conduzido pela Fé, localizado sobre a altura e plasmado pelo espírito humano, obtém em si a verdade, e na Verdade Divina, como no espelho da eternidade, vê o estado das coisas mortais e imortais, suas essências, suas causas e a plenitude das ciências, compreendendo tudo ao instante.”¹⁷⁹

Esse Amor que víamos como carga afetiva convertida em heroico furor, em loucura ascética, contém também para o mago hermético o significado profundo de ser o vínculo principal entre todas as substâncias do Universo:

“O amor é aquilo por cuja potência todas as coisas são geradas; está em todas as coisas, vivo naquilo que está vivo, graças a ele todo o que está vivo vive, e é ele mesmo a linfa vital do que está vivo; esquenta o que está frio, alumia o que está escuro, acorda o que está adormecido, vivifica o que está morto, faz às coisas inferiores percorrerem a região supraceleste, transportando-as com divino furor;...”

Reconhecendo em outros esse percurso para estados alterados, Bruno faz um listado dos diferentes modos de induzir o transe místico:

“Nós temos considerado tais aqueles que, com a dieta, a solidão, o silêncio, a sombra, a unção, as chicotadas, o calor, o frio, a mornidão, ora tendo contraído o espírito, ora tendo-o relaxado, com a fantasia turva pela vã meditação de fantasmas vão ao encontro de uma miserável loucura”.

No parágrafo imediatamente anterior ao citado, Bruno sugere atender a fim de não ser “possuído” pelas representações, caindo em consciência crepuscular:

“No entanto, ainda que resulte um pouco laborioso, é preciso ser cauto para que tu – batendo-te excessivamente contra objetos da fantasia, e por assim o dizer, não os possuindo, e sim sendo possuído por eles (...) te guardes de situar-te no grupo dos que são arrastados mais do que arrastam.”

Para então começar a saborear por via intuitiva o contato com esse outro tempo e espaço:

¹⁷⁸ Alguns observadores assinalam também a possível influencia desta imagem de rodas concêntricas, tomadas da mística luliana, sobre a teoria heliocêntrica de Copérnico.

¹⁷⁹ A Filosofia oculta, C. Agripa, parte III, capítulo 6.

“Por isso, graças às espécies inteligíveis nos deslocamos para aqueles átrios nos quais com um contato único apreendemos mais do que em outro lugar atingiríamos com numerosos atos.”

“Em definitivo, as espécies inteligíveis são aquelas pelas quais, abandonada a tendência ao raciocínio dispersivo, com um ato sozinho possuímos tudo, vivemos felizes, imitamos a eterna inteligência da mente.”¹⁸⁰

Referindo a este tipo de contato súbito, cita a Plotino em suas “Enéadas”:

“... De maneira que não é mister vão decorrer de tempo, fadiga de estudo ou indagação para obtê-la, mas sim tão prontamente se ingere como, proporcionalmente, faz-se presente a luz solar para quem para ela se volta, e abertamente se oferece.”

Quanto à essencial disposição para “ligar”, Bruno indica:

“Certamente, não negarei que no ato de se dispor emprega-se tempo, razoamentos, zelo e fadiga; mas assim como dizíamos que a alteração tem lugar no tempo e a geração no instante, e assim como vemos que é mister ter tempo para abrir as janelas enquanto que o sol entra num momento, assim sucede proporcionalmente neste assunto.”

Resumindo e comentando esse estado de resolução e de imperturbabilidade ante os “ensonhos da paisagem”, Bruno escreve:

“Eis aqui, pois, como é preciso, em primeiro lugar, o retrair-se da multidão em si mesmo. Convirá depois chegar ao ponto em que não estime já, senão que despreze toda fadiga, de sorte que quanto mais lhe combatam desde seu interior paixões e vícios, e mais os perversos inimigos lhe combatam desde fora, tanto mais deverá alentar e resurgir e de um só sopro - se fosse possível - ganhar este escarpado monte.”¹⁸¹

Quanto à escalada, no seguinte parágrafo observamos passos que parecem delinear uma sequência de ascese:

“Plotino considerou que a escala pela que se ascende a princípio consta de sete degraus, aos quais nós acrescentamos mais dois. O primeiro deles consiste na purificação do ânimo; o segundo na atenção; o terceiro, na intenção; o quarto na contemplação da ordem; o quinto, na comparação proporcional a partir da ordem; o sexto, na negação da separação; o sétimo, no desejo; o oitavo na transformação de si mesmo na coisa em si mesma. Desta maneira se permitirá o rendimento, o acesso e a entrada das sombras às ideias.”¹⁸²

E depois desse contato com o Profundo:

“Por isso se diz: o reino dos céus está em nós; a divindade mora em seu interior através do intelecto e da vontade transformados”.

¹⁸⁰ *O selo dos selos*, pág.143.

¹⁸¹ *Os heroicos furores*, pág.149.

¹⁸² *As sombras das ideias*, G.Bruno, Ed.Siruela, Madri, 2009.Conceito das ideias XIX.

Desta maneira, o caçador Acteon é caçado pela beleza de Diana, “*dado morte por seus próprios cães e assim termina essa vida que persegue um treloucado, sensível, cego e fantástico mundo, e começa a viver a vida intelectualmente; vive a vida dos deuses, alimentado de ambrosia e bebendo néctar*”.¹⁸³

No entanto, Bruno se apercebe – e assim o manifesta - que este Um é em última instância e em virtude de suas necessárias características, complementares ao ato puro da consciência que busca se completar como um tudo, absolutamente inefável.

“Tendo chegado o intelecto à apreensão de uma verdadeira e definida forma inteligível e a vontade a uma afeição proporcionada a tal apreensão, não se detém aí o intelecto, pois é levado por suas próprias luzes a pensar naquilo que contém em si todo gênero de inteligível e apetecível, sem que, no entanto, seu entendimento atinja à eminência da fonte das ideias, oceano de toda verdade e bondade. Ocorre então que qualquer espécie que lhe seja apresentada e por ele seja compreendida, do fato mesmo de ser apresentada e compreendida deduz que sobre ela há outra maior e maior ainda, se encontrando sempre por isso, de algum modo, em discurso e movimento. E é que adverte sempre que todo o que possui é coisa mesurada e por isso não pode ser suficiente de por si, nem bom de por si, nem belo de por si; porque não é o universo, não é o ente absoluto, senão contraído a ser esta natureza, a ser esta espécie, esta forma representada no entendimento e presente no ânimo. Sempre, portanto, progride desde o belo compreendido –e então dotado de uma medida e, em consequência, belo por participação- para o que é verdadeiramente belo, sem limite nem circunscrição alguma.

C.- Vã parece-me esta perseguição.

T.-Pelo contrário dista muito de sê-lo, já que conquanto não é coisa natural nem conveniente que o infinito seja compreendido –nem pode ser dado como finito, pois nesse caso não seria infinito-, é, no entanto, conveniente e natural que o infinito seja, pelo fato de o ser, infinitamente perseguido (nessa forma de perseguição que não precisa de movimento físico, mas sim de verdadeiro movimento metafísico; que não se dirige do imperfeito ao perfeito, mas sim vai descrevendo círculos pelos graus da perfeição para atingir esse centro infinito que nem é formado nem é forma.”¹⁸⁴

No reconhecimento dessa elementar e profunda insaciedade do ato puro de consciência, Bruno parece integrar o íntimo funcionamento intencional da mesma, expressando como, a modo de reflexo ou continuidade desta busca transcendental, une de maneira interminável atos a objetos de consciência.

“Jamais se aquieta a potência intelectual, jamais se contenta da verdade compreendida; antes bem, procede sempre mais e mais além para a verdade incompreensível; do mesmo modo vemos como a vontade que segue à apreensão jamais se satisfaz de coisa finita.”

A partir deste entendimento sobre o ato totalizador da consciência humana, Bruno aprecia a multiplicidade de rotas para o Profundo, adverte as diferentes interpretações e alerta sobre a influência das paisagens que operam nas traduções, fazendo com que estas se confundam com verdades absolutas:

“Bem se vê, em verdade, o quanto é grande a diversidade dos que contemplam e os que buscam, pois procedem uns (seguindo os hábitos de suas primeiras e fundamentais disciplinas) pela via dos números, outros por via

¹⁸³ Idem cita anterior, pág.94.

¹⁸⁴ *Os heroicos furores*, Ed. Citada, pág.77-78. A seguinte citação na pág.158 da mesma obra.

de figuras, outros por ordens e desordens, outros por via de decomposição e divisão, outros por separação e aglomeração, outros pela indagação e a dúvida, outros por discurso e definição, por interpretações e deciframentos de termos, vocábulos e dialetos outros, de tal sorte que uns são os filósofos matemáticos, os outros metafísicos, ou lógicos, ou gramáticos. Adverte-se também diversidade entre aqueles que se dão -movidos por diversas afeições- à contemplação através do estudo, aplicando sua intenção a tudo que se escreveu, de tal modo que se pode concluir que a mesma luz de verdade expressada no mesmo livro, com as mesmas palavras vem a servir aos desígnios das mais variadas e contrárias seitas.

S.-Por isso há de se dizer que os afetos são capazes, com folga, de impedir a apreensão da verdade, ainda que aqueles que os sofrem não possam aperceber-se; o mesmo ocorre a um néscio doente que não atribui o amargor a seu paladar, mas estima amargo o alimento.”

Além de que a reconstrução anterior seja uma intencional seleção de parágrafos dispersos em diferentes obras - que pudesse interpretar caminhos para experiências de sentido de maneira correta ou errônea - a intenção tem sido mostrar a manifesta intensidade ascética presente em ditos textos. Tentou-se penetrar complexas modalidades onde se misturam a magia, a arte mnemônica e a cabala com uma espécie de “teo-filosofia”, tudo no contexto da fusão neoplatônico-hermética vibrante no coração renascentista. Por último temos tentado extrair algumas interpretações que nos vinculam a essas buscas e ajudam a conectar com significados registrados ou almeçados.

Tradução em significado e estilo de vida de caráter humanista

As traduções derivadas da mística de Giordano Bruno devem ser vistas no contexto da potente transformação do substrato de crenças efetuada pelo humanismo renascentista em seu conjunto. Para compreender essa sutil influência, observemos mais uma vez o que tem sucedido seguindo aquela estruturação tripla do mundo, tão característica daquele tempo.

Recorremos aqui novamente aos esclarecedores conceitos de S. Puleda:

“O mundo natural não é – como na visão científica atual – pura matéria inanimada sujeita a leis mecânicas e cegas, mas um organismo vivo dotado de energias em todo semelhantes às do homem. Infinitas correntes de pensamento atravessam-no, unindo-se às vezes e, em ocasiões, opondo-se entre si. Igualmente ao homem, possui sensação e intelecto, sente simpatias e antipatias, prazer e dor.”

“Segundo a concepção hermética, o universo é um gigantesco indivíduo dotado de uma alma invisível que sente e conhece, a alma do mundo, e de um corpo visível, dotado – como o humano – de diferentes órgãos e aparelhos. O universo é um macroantropos.”¹⁸⁵

A natureza tem sido interpretada em chave humana, tem sido humanizada. Outro tanto acontece com o mundo celeste, onde as mesmas atrações e repulsões, amores e ódios, são os que vinculam a planetas e estrelas, dando forma às constelações. Desta maneira replica-se, em escala cósmica, a projeção de emoções humanas. O que parecia ser implacável determinismo dos astros fica convertido em tradução estelar de paixões do gênero humano.

¹⁸⁵ *Interpretaciones Del Humanismo*, S.Puleda, Ed.Virtual, Santiago de Chile, 1995, pág.28.

E, não podendo ser de outra maneira, os deuses expressarão similares motivos e seus jogos e brigas, suas virtudes e defeitos, reproduzirão no céu a marca da vida humana, facilmente reconhecível nos relatos mitológicos de suas vitórias e misérias.

O Ser Humano tem introduzido seu signo no Universo, assumindo um papel criador.

Desta maneira, o poder de conhecimento e transformação no Homem chegam a cotas muito afastadas da resignação e do determinismo medieval.

“Bem como a mão unida ao braço, o pé à perna e o olho à frente, uma vez juntos, são mais fáceis de reconhecer do que quando estão separados, assim também, assim como nenhuma das partes e das espécies universais está situada separadamente nem carece de ordem – que na mente primeira é simplíssimo e perfeitíssimo e independente do número –, se as concebemos ligando-as e unindo-as entre si conforme a razão, o que não poderemos entender, memorizar e fazer?”¹⁸⁶

A contemplação já não está em oposição à ação no mundo, pelo contrário, tem esta ação como objetivo. O registro de unidade esclarece o destino e, longe de considerar a existência terrena como objeto de desdém, esta passa a ser campo de operação:

*“Tal como é empregada entre os filósofos, essa palavra *magos* designa um homem que alia o poder de saber com o poder de fazer.”¹⁸⁷*

E se o divino mora em todas as coisas, será que ao operar sobre elas não poderemos chegar a mudar o céu mesmo? E, por sua vez, essa máxima transformação não é por acaso necessária para que novos influxos cheguem desde ali às vidas dos seres humanos?

No livro de Giordano Bruno que leva como título em espanhol *“Expulsión de la bestia triunfante”*, Júpiter convoca uma assembleia de todos os deuses para acometer uma profunda reforma das ordens celestiais. As constelações serão, - não sem uma dose de irreverência e humor – uma a uma revisadas, haja vista os evidentes defeitos na influência que desatam nos mundos inferiores. As lacras estelares serão substituídas por virtudes, predispondo-se ao céu para novos influxos benéficos. Desta maneira, Giordano alegoriza a necessidade de acometer uma inadiável reforma moral e espiritual.

Vejamos algum parágrafo que exemplifique como Bruno atinge aquela inspiração que lhe permite se elevar por sobre o aparente condicionamento e mostrar a possibilidade de criar novas paisagens no interior do Ser Humano.

Júpiter inaugura o concílio por ele convocado com o seguinte discurso:

“Coloquemos-nos, digo, antes de tudo, neste céu que intelectualmente se acha dentro de nosso próprio ser, e depois ascendamos para este céu sensível que se abre ante nossos olhos. Expulsemos do céu de nossas mentes a Ursa da deformidade, a Seta da difamação, o Cavalo da frivolidade, o Cão da murmuração e a bajulação. Afastem-se de nós o Hércules da violência, a Lira da conspiração, o Triângulo da impiedade, as Botas da inconstância, o Cefeu da crueldade. Desterrem-se de nós o Dragão da inveja, o Cisne da imprudência, a Cassiopeia da vaidade, a Andrômeda da desídia, o Perseu da

¹⁸⁶ *Las sombras de las ideas*, G. Bruno, Ed. Siruela, Madrid, 2009, Concepto de las ideas XV.

¹⁸⁷ *De la magia*, G. Bruno, Ed. Cactus, Buenos Aires, 2007, p. 16.

vã diligência. Afugentemos o Ofiúco da maldição, a Águia da arrogância, o Delfin da luxúria, o Cavalo da impaciência, a Hidra da concupiscência. Arranquemos de nosso ser a Ceto da gula, o Orion da bestialidade, o Rio da superfluidade, a Gorgona da ignorância, a Lebre da timidez. Desapareçam de nosso peito, de uma vez por todas, o Argonauta da avareza, a Copa da insobriedade, a Libra da iniquidade, o Câncer da torpeza, o Capricórnio da decepção. Não deixemos que se aproximem o Escorpião da fraude, o Centauro da animalidade, o Altar da superstição, a Coroa da soberba, o Peixe do indigno silêncio. Com todos os anteriores, desapareçam os Gêmeos da falsa familiaridade, o Touro guardião dos baixos instintos, o Carneiro da falta de consideração, o Leão da tirania, o Aquário da relaxação, a Virgem da conversa infrutuosa, o Sagitário da maledicência.”¹⁸⁸

Culminando o senhor dos deuses sua exposição no parágrafo seguinte com uma claríssima aspiração:

“Se conseguirmos, oh, deuses, livrar-nos de nossos maus hábitos, se conseguirmos renovar nosso céu, novas serão as constelações e seus influxos, novas as impressões, novas as fortunas, já que tudo depende deste mundo superior”.¹⁸⁹

Com referência à ética, a conduta moral está em Bruno unida intimamente à ascese, pondo esta como centro de seu Estilo de vida, ao qual define como heroico:

“Pelo contato intelectual com esse objeto divino, volta-se um deus; a nada atende que não sejam as coisas divinas, se mostrando insensível e impassível ante essas coisas que, pelo comum, são consideradas as mais principais e pelas quais outros tanto se atormentam”.

À luz do qual e em referência às vicissitudes cambiantes,

“Nem pausa nem descanso conhecem meus tormentos, porque entre duas rodas que se movem vou”¹⁹⁰

Afirmará Bruno a virtude de certa equidistância, muito próxima à sensibilidade que propõe a impassibilidade epicúrea.¹⁹¹

“Encontra-se então no estado de virtude quando conserva o meio, declinando a posição de um ou de outro oposto; mas quando se desliza para os extremos, inclinando-se para um ou outro deles, deixa inteiramente de ser virtuoso, passando a ser um duplo vício, que consiste em que a coisa abandona sua própria natureza, a perfeição da qual consiste na unidade, e ali onde se encontram os contrários, se realiza sua composição e sua virtude.”

Conduta que é explicada no seguinte diálogo, em coerência com esse olhar¹⁹², onde os opostos revelam em dinâmica sua aparência e se unem na infinitude:

¹⁸⁸ As constelações citadas estão incluídas no *Almagesto* de Ptolomeo. Sem dúvida que, no contexto místico bruniano, não se trata de uma simples engenhosidade literária, mas de uma descrição mnemônica de imagens com forte carga.

¹⁸⁹ De *Expulsión de la Bestia triunfante*, G. Bruno, cit. por F. Yates em *Giordano Bruno y la tradición hermética*, pág. 253.

¹⁹⁰ Esta cita e as duas seguintes pertencem a *Os heroicos furores*.

¹⁹¹ Conhecida como “Ataraxia”.

¹⁹² Neste olhar, Bruno engasta a ética epicúrea com a filosofia de Heráclito.

“Quem então será sábio, se louco é quem está contente e louco é quem está triste?”

T.-Aquele que não está nem triste nem contente.

C.-Quem, pois? O que dorme? Aquele que está privado de sentimento? O que está morto?

T.-Não, pelo contrário, aquele que está vivo, vê e entende e, considerando o bem e o mau, estimando um e outro como coisa variável e consistente em movimento, mutação e vicissitude (de maneira tal que o fim de um contrário é princípio do outro e o extremo deste é começo daquele), não se humilha nem se envaidece de espírito, mostra-se moderado em suas inclinações e temperado em suas voluptuosidades, pois que o prazer não é para ele prazer, ao ter seu fenecer presente. Do mesmo modo a pena não lhe é pena, porque com a força da consideração tem presente seu limite. Assim, o sábio tem as coisas mutáveis por coisas que não são, e afirma que não são mais que vaidades, nonadas. Porque entre o tempo e a eternidade existe a mesma proporção que entre o ponto e a linha”.¹⁹³

Profunda coincidência dos opostos,

“Onde, senão no veneno, achará o médico o antídoto?”¹⁹⁴

Fruto do Bom Conhecimento a respeito da unidade do Todo:

“Agora bem, de onde crês tu que provém isto senão de que a própria pessoa é o princípio do ser de ambos os objetos, como é a própria pessoa o princípio de sua compreensão; e que os contrários residem numa mesma substância, do mesmo modo que são apreendidos pelo mesmo sentido?”

O absurdo de considerar em oposição o terreno ao eterno, o denso ao sutil, fica de manifesto ao considerar as características do “composto”:

“Viva o sentido das coisas sensíveis e o intelecto de coisas inteligíveis. Socorra-se ao corpo com a matéria e o sujeito corporais, e que o intelecto com seus objetos se satisfaça, a fim de que seja mantido este composto, de que não se desagregue esta máquina na qual a alma está unida ao corpo por meio do espírito.”

Este Bom Conhecimento leva à reconciliação¹⁹⁵, surgindo, frente à violência de bandos, essa íntima rejeição que constitui um selo inequívoco do sentir humanista:

“A verdadeira religião deve estar imunizada ante controvérsias e disputas e ser uma diretriz para a alma. Ninguém tem direito a controlar ou criticar as opiniões dos demais, tal como sucede atualmente, ainda que todo mundo estivesse cegamente dominado pelas opiniões de Aristóteles ou qualquer outro pensador deste tipo.”¹⁹⁶

¹⁹³ Resulta-nos significativo assinalar a equivalência deste desapego com aquele “caminho médio”, visão cabal ou equanimidade, propugnadas por Buda. Desde nossa interpretação, ambas as visões estão refletidas no princípio da ação válida do Olhar Interior de Silo que diz: “Se para ti estão bem o dia e a noite, o verão e o inverno, tens superado as contradições”.

¹⁹⁴ Esta cita e a seguinte correspondem a *De la causa, principio y uno*, ed. Citada.

¹⁹⁵ Com referencia a Cerimônia de Reconhecimento na Mensagem de Silo.

¹⁹⁶ Da dedicatória a Rodolfo II no prefácio de *Articuli adversus mathematicus*, citado por F. Yates em *Giordano Bruno y la tradición hermética*, p. 361.

Entroncando em definitiva – em nossa interpretação – a óptica humanista com o reconhecimento daquilo que nos é verdadeira e essencialmente comum como Seres Humanos (e em tanto comum nos comunica com outros), aquele Ato Sagrado e eterno que aspira à comunhão universal.

“Como pode nosso intelecto finito perseguir o objeto infinito?”

T.-Com a infinita potência que possui.

C.-Vã será se tem de ficar sem efeito.

T.-Seria vã se se referisse a um ato finito, no que a potência infinita seria privativa; mas não quando se refere ao ato infinito, no que a potência infinita é perfeição positiva.

C.-Se o intelecto humano é natureza e ato finitos, como e por que tem potência infinita?

T.-Porque é eterno, para que assim seja seu deleite contínuo, e não tenha sua felicidade fim nem medida: e para que, sendo finito em si, seja infinito em seu objeto.”¹⁹⁷

Ato Sagrado, que não é outro senão aquele “ato heroico”, motivo central do modelo de vida de Giordano Bruno e do modo como ele foi obrigado a deixar este espaço e este tempo.

“O herói é como aquele que pretende a consecução do imenso, vindo a estabelecer um fim ali onde não existe fim.”¹⁹⁸

Assim, o heroísmo humano seguiria, geração após geração, buscando abrir caminho para os infinitos mundos através dos céus nos que almejava se completar. E descobriria, enquanto empreendia façanhas cada vez mais longínquas, quão próximo estava impresso seu Sentido.

“Voa para as estrelas o herói desta idade. Voa através de regiões antes ignoradas. Voa para fora de seu mundo e, sem sabê-lo, vai impulsionado até o interno e luminoso centro.”¹⁹⁹

Não imagines, Giordano, que estás sozinho em teus infinitos mundos. Porque montamos em asas daquele pássaro chamado Intento²⁰⁰ e o sentir Humanista segue produzindo em nós a mesma íntima comoção de sempre.

“E é a fé em nosso destino, é a fé na justiça de nossa ação, é a fé em nós mesmos, é a fé no ser humano, a força que anima nosso voo.”²⁰¹

¹⁹⁷ Os heroicos furores, p.125. Neste parágrafo deve considerar-se o vocábulo “ato” com seu sentido de época, significando algo que se faz efetivo, se realiza, conforme a definição aristotélica de potencia e ato.

¹⁹⁸ Da mesma obra anterior, p.66.

¹⁹⁹ Da Mensagem de Silo.

²⁰⁰ Em dupla alusão a palavras de Silo num parágrafo do Caminho, na Mensagem de Silo e durante a alocução realizada em 2004 na paragem cordilherana, conhecida como Punta de Vacas.

²⁰¹ Silo, na mesma alocução de 2004 em Punta de Vacas. WWW.silo.net

Conclusões

Achamos que já em decorrência do trabalho se foram desvendando algumas respostas às perguntas formuladas no começo. O qual formalizaremos, a modo de fechamento, nestas conclusões.

Parece-nos termos mostrado suficientemente o ânimo ascético, a decidida intenção espiritual das personalidades históricas estudadas. Quaisquer que tenham sido os íntimos registros obtidos nessas buscas, é evidente a conformação de um Estilo de Vida centrado em um Propósito transcendente ao absurdo e à finitude.

Também tem ficado claro como se traduzem aquelas experiências em significados que elevam e dignificam o Ser Humano e a sua vida no mundo.

Isso nos basta – e com folga - para confirmar a hipótese que intuímos ao começar a indagar, afirmando o Humanismo como expressão do Sagrado.

Por outra parte, a investigação sobre os possíveis caminhos utilizados para conectar com os espaços profundos mostra-nos como a mística destes humanistas do Renascimento tenta desenterrar ensinamentos e experiências anteriores, eliminando a negação e o esquecimento ao que a ditadura eclesial pretendia as condenar. Insatisfeitos com a paisagem humana encontrada, com a premente necessidade de rebelar-se ante a imposição alçaram-se nossos heróis em busca de verdades eternas, e com isso deram mobilidade ao seu tempo, resgatando o passado, abrindo a porta ao futuro.

Em seus Propósitos, pareceu-nos observar o reflexo de clamores humanos históricos e sociais, transcendentos ao solipsismo de uma mística individual.

Para além das claras similitudes, parece-nos ver na diversidade de matizes e vias utilizadas para conectar e aceder ao Profundo, fortes conexões com paisagens e afetos biográficos, que confluem no especial modo em que cada um encara sua ascensão interior.

Comum a todos os casos estudados é a paisagem de um tempo onde a sabedoria de diversas culturas começa a ser acessível ao estudo fora dos claustros canônicos, mediante a multiplicação de traduções e livros impressos. Comum a todos é o forte influxo neoplatônico-hermético, que ajudou a fundamentar a demolição do imobilismo medieval. Comum a todos eles a elevação do Homem e a afirmação de seu destino divino. Comum também, a carga afetiva que acompanha sua entrega.

Para além do similar ou diverso dos objetos Sagrados com os que aspiram conectar, comum é, sobretudo, o Ato que os (e nos) conecta.

É aquele Ato Sagrado no que a totalidade da consciência quer ser completada “definitivamente” num objeto transcendente e ilimitado; ato essencial e muito próximo que resume em si a liberdade e a aspiração de imortalidade. Liberdade, dado que dali parte toda busca e toda criação. Imortalidade já que é anterior à existência física e preside seu destino de encontro com o futuro. Sagrado ato que possibilita e anima diversidade de objetos, traduções e interpretações, permitindo a todo Ser Humano, independentemente de sua condição, cultura ou tempo, encontrar seu próprio destino transcendente.

Em relação à possível função com a que cumpre o Humanismo em tanto tradução desde uma perspectiva histórica, parece-nos que no momento de processo estudado, o Humanismo é fonte de, no mínimo, três direções principais:

- indicando o caminho para a elevação e o contato com o Sagrado pela via do Conhecimento e a Sabedoria, libertando o Homem da ignorância e da superstição.
- mostrando a qualidade distintiva do Ser Humano, com a exaltação de suas capacidades de aprendizagem e transformação e o desígnio de Humanizar a Terra.
- vinculando, conciliando, integrando e superando destrutivas antinomias, aspirando à Unidade que permite continuidade e sentido.

Estudou-se um período específico, um ponto do tempo que, para se constituir em linha, requereria de outros pontos. Portanto, proceder a uma generalização, seria incorrer numa evidente extrapolação, movidos pelo sugestivo das relações expostas. No entanto e ainda conscientes desta precaução, não podemos evitar mencionar que desde uma perspectiva espiritual, as necessidades e motivos que impulsionaram àqueles pioneiros do Renascimento nos parecem próximas, afins e, sobretudo, válidas para o tempo histórico em que vivemos.

Enquanto agradecemos por estas intuições, deleitamos-nos escutando a voz firme e inspiradora de nosso Guia:

“Nomeador de mil nomes, fazedor de sentido, transformador do mundo..., teus pais e os pais de teus pais, continuam em ti. Não és um bólido que cai, mas sim uma brilhante seta que voa para os céus. És o sentido do mundo e quando aclaras teu sentido, iluminas a terra.”²⁰²

²⁰² *Humanizar a Terra*, Silo, em Obras Completas, Vol. I, Ed. Plaza y Valdés, México D.F., 2002

Bibliografia

- Obras Completas Vol. I e II*, Silo, Editorial Praça e Valdés, México D.F., 2002
- Apuntes de Psicología*, Silo, Editorial Ulrica, Rosario, 2006
- A Mensagem de Silo*, Silo, 2002
- Interpretaciones del humanismo*, S. Puledda, Virtual Edições, Sgo. de Chile, 1995
- Medioevo e Rinascimento*, E. Garin, Gius, Laterza & Figli, Bari, 1954
- Platonic Theology*, M. Ficino,
- edição em inglês, tradução e edição por M. Allen, J. Warden, J. Hankins, W. Bowen, Harvard College, 2006
- edição em francês, *Theologie Platonicienne de l'Inmortalité des Ames*, M. Ficino, Société d'edition "Lhes Belles Lettres", Paris, 1964.
- De amore*, M. Ficino, Editorial Tecnos, Madri, 2001
- Lhe divine lettere do grande Marsilio Ficino*,
- edição em italiano eletrônica, Biblioteca Virtual On-line (Bivio)
- edição em inglês, *The Letters of Marsilio Ficino*, Shephard-Wolwyn, London, 1975
- De Sole*, M. Ficino, trad. ao inglês de G. Cornelius, D. Costello, G. Tobyn, A. Voss e V. Wells em *Sphynx 6*, Journal for archetypal Psychology and the Arts, 1994
- Marsilio Ficino, *La Humanización de lo divino*, Elia Nathan, UNAM, México D.F., 1984
- As Quatro Disciplinas, Materiais de Escola*, Centro de Estudos Parque de Estudos e Reflexão Punta de Vacas
- Material sobre Ascese*, Materiais de Escola, Fevereiro 2011
- Major Trends in Jewish Mysticism*, G. Scholem, Schocken Books, 1946/1995
- 900 Tese*, Pico della Mirandola, 1486, extrato em edição eletrônica traduzido ao espanhol por E. Serra Valentí
- Oración sobre la Dignidad del Hombre*, Pico della Mirandola, 1486, ed. eletrônica em Biblioteca Upasika
- Storia della Filosofia*, G. Ruggiero, Gius, Laterza & Figli, Bari, 1937
- Pico's Heptaplus and Biblical Hermeneutics*, Crofton Black, Brill, Leiden-Boston, 2006
- De ente et um*, G. Bico della Mirandola, 1489, trad. ao inglês V. Hamm, 1943, Marquette University Press Milwaukee, Wisconsin, 2001
- De la magia*, G. Bruno, Editorial Cactus, Buenos Aires, 2007
- De la causa, principio e uno*, G. Bruno, Editorial Losada, Buenos Aires, 2010
- Giordano Bruno y la tradición hermética*, F. Yates, Editorial Ariel, Barcelona, 1983

Los heroicos furores, G. Bruno, Editorial Tecnos, Madri, 1987

Sobre el infinito universo e los mundos, G. Bruno, Aguilar Argentina S.A. de Edições, Buenos Aires, 1981

Las sombras de las ideas, G. Bruno, Editorial Siruela, Madri, 2009

El sello de los sellos, G. Bruno, Livros del Innombrable, Espanha, 2007

La filosofia oculta, C. Agrippa von Nettesheim, edição eletrônica

Resumo

A hipótese considerada é que o Humanismo é expressão do Sagrado. Devido à amplitude histórico-cultural do fenômeno, dimensiona-se a investigação numa primeira parte ao estudo do Humanismo do Renascimento. Intuem-se casos de consciência inspirada em Marsilio Ficino, Pico della Mirandola e Giordano Bruno, rastreando em sua bibliografia alusões a ditos estados. O ponto de vista é espiritual.

A ressonância com a própria Ascese está dada pela tradução Humanista que resulta em um Estilo de Vida, além do registro de certa sintonia de Propósito na busca de Liberdade e Imortalidade através do contato com a sabedoria da Mente e o reconhecimento do Sentido universal da espécie humana.

Com este trabalho pretende-se responder a três perguntas:

- 1) É o Humanismo do Renascimento expressão do contato com o Sagrado?
- 2) Como se produz este contato nos casos estudados?
- 3) Como esse contato se transforma numa tradução Humanista e com que função cumpre no processo evolutivo?

Precisam-se inicialmente os significados de “consciência inspirada” e “humanismo” com base nas explicações dadas por Silo.

Depois de uma breve introdução às circunstâncias que enquadram a vida das personalidades citadas, se dá um sucinto olhar a seu pensamento e às fontes principais nas que abrevam suas experiências místicas. Interpretam-se seus possíveis Propósitos e buscam-se menções que indiquem contato com o Sagrado. Tenta-se uma aproximação às vias que cada um utiliza para conectar-se com o Profundo e por último se mostra de que maneira se traduzem seus registros numa concepção e um Estilo de vida de caráter humanista.

Finalmente formalizam-se respostas aos interrogantes formulados inicialmente, podendo ser confirmada a hipótese que dá origem à monografia.

Síntese

Depois de estudar possíveis estados de consciência inspirada em destacados expoentes do Humanismo do Renascimento, afirma-se que o Humanismo é expressão do Sagrado. Esta conexão com o Profundo responde a um clamor que transcende o individual, cumprindo uma função histórica evolutiva que continua sendo válida e vigente nesta época em que vivemos.

Tradução ao português: Cristina Obredor e André Nicolai O.M.